

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE JORNALISMO**

HENRIQUE BARBOSA

**JORNALISMO E NARRATIVAS DE VIDA:
Histórias de Imigrantes Latino-americanos
Residentes em Caxias do Sul**

**CAXIAS DO SUL
2025**

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE JORNALISMO**

HENRIQUE BARBOSA

**JORNALISMO E NARRATIVAS DE VIDA:
Histórias de Imigrantes Latino-americanos
Residentes em Caxias do Sul**

Trabalho de Conclusão de Curso para
obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo, da Universidade de Caxias do
Sul.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Maria Luiza
Cardinale Baptista.

**CAXIAS DO SUL
2025**

HENRIQUE BARBOSA

**JORNALISMO E NARRATIVAS DE VIDA:
Histórias de Imigrantes Latino-americanos
Residentes em Caxias do Sul**

Trabalho de Conclusão de Curso para
obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo, da Universidade de Caxias do
Sul.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Luiza
Cardinale Baptista.

Aprovada em: 03/12/2025

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Prof^o. Me. Jacob Raul Hoffmann
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Prof^a. Dra. Janaína Kalsing
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Dedico este trabalho aos hispano-falantes que, mesmo distantes de seu país de origem, continuam a carregar consigo sua língua e sua história.

AGRADECIMENTOS

Agradeço este trabalho, e a própria travessia da graduação, às pessoas que caminharam comigo e ajudaram a tecer esta jornada acadêmica.

À Leticia Stepher Oliveira, pelas fofocas, pelas conversas intelectuais, por ser muitas vezes a razão que me faltava, pela companhia que sempre tornava a rotina mais leve.

À Isabella Jacobs Tonelli, pelas risadas, por ser essa pessoa boa de estar perto, pela competência e pelo companheirismo diante dos nossos “pequenos” desesperos que, juntos, atravessamos.

Ao mestre Jacob Raul Hoffmann, que acompanhou toda a minha trajetória acadêmica. O jornalista que sou devo, em grande parte, à sua presença.

Ao doutor Marcell Bocchese, enquanto coordenador, pela escuta, pela atenção às demandas do curso, por tornar possível o sonho da formatura e por esmiuçar o jornalismo para mim.

Ao DCE, que me inseriu no movimento estudantil e me ensinou a lutar por melhores condições dentro da UCS.

Aos meus pais, Daniel Rodrigues Barbosa e Débora Sonara Dal Molin, por me acompanharem e apoiarem, como possível, nesta caminhada.

À Júlia Santini Reinheimer, pela companhia sempre, mesmo nos momentos mais difíceis; obrigado por não me deixar desistir.

À Thalia Rossi Silveira, pelos retratos que atravessam este trabalho e por me acompanhar em tantas jornadas artísticas.

À Maria Luiza Cardinale Baptista, por despertar em mim o amor pela pesquisa, por me tornar um pesquisador *Amorcomtuor!*, por me acolher de braços e coração abertos e por me orientar neste trabalho. Minha admiração por você, enquanto pessoa e profissional, é imensurável.

E, sobretudo, a todos os imigrantes latino-americanos que me receberam em cafés, em suas casas, em seus cotidianos. Vocês me mostraram a alegria em viver mesmo diante de crises econômicas, corrupção, desesperança, ditaduras e separações. Cada gesto, cada palavra, cada memória partilhada me ensinou sobre a América Latina e me transportou para um novo mundo e uma nova rotina. Vocês marcaram a minha vida, este trabalho também é de vocês.

“Existirmos a quem será que se destina.”

Cajuína - Caetano Veloso

RESUMO

Esta monografia busca compreender o potencial do Jornalismo Literário Avançado como prática de escuta e de encontro com o outro, a partir das Narrativas de Vida de imigrantes latino-americanos residentes em Caxias do Sul. A investigação propõe narrar experiências migratórias em sua complexidade, considerando memória, subjetividade e afetos como dimensões constitutivas da realidade jornalística. A pesquisa está fundamentada nos princípios do Jornalismo Literário Avançado, proposto por Edvaldo Pereira Lima (1996; 2008; 2013), e dialoga com autores como Monica Martinez (2008) e Maria Luiza Cardinale Baptista (2014; 2023). O estudo adota metodologia qualitativa e exploratória, guiada pela Cartografia dos Saberes e pelas Matrizes Rizomáticas (Baptista, 2014), e utiliza a Entrevista Narrativa (Jovchelovitch; Bauer, 2002) como dispositivo principal de coleta e construção das histórias. As conversas, tratadas como '*com-versações*', (Baptista, 2021) foram registradas e reescritas a partir de uma escuta ética e atenciosa, resultando em perfis jornalísticos que valorizam a singularidade de cada trajetória. Desse modo, o trabalho revela a potência das Narrativas de Vida como forma de resistência simbólica e reconhecimento, ampliando o olhar sobre a presença latino-americana em Caxias do Sul e reafirmando o papel do Jornalismo enquanto prática sensível, interpretativa e humana.

Palavras-chave: Jornalismo Literário Avançado; Entrevista Narrativa; Imigrantes Latino-Americanos; Escuta; Narrativas de Vida.

ABSTRACT

This monograph seeks to understand the potential of Advanced Literary Journalism as a practice of listening and encounter with the other, based on the life narratives of Latin American immigrants living in Caxias do Sul. Grounded in the principles of Advanced Literary Journalism proposed by Edvaldo Pereira Lima (1996; 2008; 2013) and in dialogue with authors such as Monica Martinez (2008) and Maria Luiza Cardinale Baptista (2014; 2023), the research aims to narrate migratory experiences in their complexity, considering memory, subjectivity, and affection as constitutive dimensions of journalistic reality. The study adopts a qualitative and exploratory methodology, guided by the Cartography of Knowledges and Rhizomatic Matrices (Baptista, 2014), and employs the Narrative Interview (Jovchelovitch; Bauer, 2002) as its main tool for gathering and constructing stories. The conversations, treated as “com-versations”, (Baptista, 2021) were recorded and rewritten through an ethical and attentive listening process, resulting in journalistic profiles that highlight the uniqueness of each life trajectory. As a result, the work reveals the power of life narratives as forms of symbolic resistance and recognition, broadening the understanding of Latin American presence in Caxias do Sul and reaffirming journalism’s role as a sensitive, interpretive, and human practice.

Keywords: Advanced Literary Journalism; Narrative Interview; Latin American Immigrants; Listening; Life Narratives.

RESUMEN

Esta monografía busca comprender el potencial del Periodismo Literario Avanzado como práctica de escucha y de encuentro con el otro, a partir de las Narrativas de Vida de inmigrantes latinoamericanos residentes en Caxias do Sul. Fundamentada en los principios del Periodismo Literario Avanzado propuestos por Edvaldo Pereira Lima (1996; 2008; 2013) y en diálogo con autores como Monica Martinez (2008) y Maria Luiza Cardinale Baptista (2014; 2023), la investigación propone narrar experiencias migratorias en su complejidad, considerando la memoria, la subjetividad y los afectos como dimensiones constitutivas de la realidad periodística. El estudio adopta una metodología cualitativa y exploratoria, guiada por la Cartografía de los Saberes y Las Matrices Rizomáticas (Baptista, 2014), y utiliza la Entrevista Narrativa (Jovchelovitch; Bauer, 2002) como herramienta principal para la recolección y construcción de las historias. Las conversaciones, tratadas como “com-versaciones”, (Baptista, 2021) fueron registradas y reescritas a partir de una escucha ética y atenta, resultando en perfiles periodísticos que valorizan la singularidad de cada trayectoria. Como resultado, el trabajo revela la potencia de las Narrativas de Vida como forma de resistencia simbólica y de reconocimiento, ampliando la mirada sobre la presencia latinoamericana en Caxias do Sul y reafirmando el papel del periodismo como práctica sensible, interpretativa y humana.

Palabras clave: Periodismo Literario Avanzado; Entrevista Narrativa; Inmigrantes Latinoamericana; Escucha; Narrativas de Vida.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Retrato de Jhonalbert Enrique Ramírez Suarez.....	51
Figura 2 - Retrato de Enrique Líber García Velazquez.....	64
Figura 3 - Retrato de Daniel Ignacio Vargas Gomez.....	76
Figura 4 - Retrato de Omar Eduardo Vidal.....	90
Figura 5 - Retrato de Isabel Freitez Azócar.....	102

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 - Trilhas da Cartografia dos Saberes.....	17
Quadro 2 - Matrizes Rizomáticas.....	23
Quadro 3 - Matriz 1: Trama e Rizomas.....	24
Quadro 4 - Matriz 2: detalhamento do rizoma.....	25
Quadro 5 - Matriz 3: Composição.....	27
Quadro 6 - Matriz 4: coerência operacional e dinâmica da pesquisa.....	29
Quadro 7 - 3 dimensões do Jornalismo Literário Avançado.....	36
Quadro 8 - Estrutura das entrevistas.....	46
Quadro 9 - Jhonalbert Enrique Ramírez Suarez.....	61
Quadro 10 - Enrique Líber García Velazquez.....	72
Quadro 11 - Daniel Ignacio Vargas Gomez.....	87
Quadro 12 - Omar Eduardo Vidal.....	99
Quadro 13 - Isabel Freitez Azócar.....	114
Quadro 14 - Quadro comparativo: Descreva o lugar onde nasceu e as experiências da infância.....	117
Quadro 15 - Quadro comparativo: Por que motivos tu decidiste vir para o Brasil?..	117
Quadro 16 - Quadro comparativo: Como tu percebes Caxias do Sul? Como é viver aqui sendo imigrante?.....	117
Quadro 17 - Quadro comparativo: Se a tua vida fosse um livro, qual seria o título?.....	118

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: O MAPA E OS AFETOS.....	13
2 ENTRE ESCUTAS E TRAJETÓRIAS: CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	15
2.1 DO CAMPO DA PESQUISA QUALITATIVA.....	15
2.2 DA CARTOGRAFIA DOS SABERES.....	16
2.2.1 TRAMA DOS 'ENTRELAÇOS NÓS DA PESQUISA'.....	18
2.2.2 SABERES PESSOAIS OU DIMENSÃO SUBJETIVA.....	18
2.2.3 TRAMA TEÓRICO-CONCEITUAL-BIBLIOGRÁFICA.....	19
2.2.4 USINA DE PRODUÇÃO OU TRAMA DOS FAZERES.....	20
2.2.5 DIMENSÃO INTUITIVA DA PESQUISA.....	22
2.3 DAS MATRIZES RIZOMÁTICAS.....	23
3 FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E A PRÁTICA DO JORNALISMO LITERÁRIO. 33	33
3.1 DA IMPRENSA À CONSOLIDAÇÃO DO JORNALISMO.....	33
3.2 JORNALISMO LITERÁRIO E NARRATIVAS DE VIDA.....	35
3.2.1 JORNALISMO INTERPRETATIVO.....	39
3.2.2 PERFIS E NARRATIVAS DE VIDA.....	40
4 OS CAMINHOS DA ESCUTA: A ENTREVISTA NARRATIVA.....	42
4.1 LATINO-AMERICANOS EM CAXIAS DO SUL: CONTEXTOS E PRESENÇAS	42
4.1.2 ESTRUTURA E CONDUÇÃO DA ENTREVISTA NARRATIVA.....	45
5 UNIVERSOS VIVENCIAIS: PERFIS E COM-VERSAÇÕES.....	49
5.1 A ESCUTA SENTIPENSANTE: NARRATIVAS DO ENCONTRO.....	49
5.2 ANTESSALA: JHONALBERT ENRIQUE RAMÍREZ SUAREZ.....	51
5.2.1 COM-VERSA: JHONALBERT ENRIQUE RAMÍREZ SUAREZ.....	53
5.2.2 QUADRO-SÍNTESE: JHONALBERT ENRIQUE RAMÍREZ SUAREZ.....	60
5.3 ANTESSALA: ENRIQUE LÍBER GARCÍA VELAZQUEZ.....	64
5.3.1 COM-VERSA: ENRIQUE LÍBER GARCÍA VELAZQUEZ.....	66
5.3.2 QUADRO SÍNTESE: ENRIQUE LÍBER GARCÍA VELAZQUEZ.....	72
5.4 ANTESSALA: DANIEL IGNACIO VARGAS GOMEZ.....	76

5.4.1 COM-VERSA: DANIEL IGNACIO VARGAS GOMEZ.....	78
5.4.2 QUADRO SÍNTESE: DANIEL IGNACIO VARGAS GOMEZ.....	86
5.5 ANTESSALA: OMAR EDUARDO VIDAL.....	90
5.5.1 COM-VERSA: OMAR EDUARDO VIDAL.....	92
5.5.2 QUADRO SÍNTESE: OMAR EDUARDO VIDAL.....	98
5.6 ANTESSALA: ISABEL FREITEZ AZÓCAR.....	102
5.6.1 CONVERSA: ISABEL FREITEZ AZÓCAR.....	104
5.6.2 QUADRO SÍNTESE: ISABEL FREITEZ AZÓCAR.....	114
5.7 QUADROS COMPARATIVOS:.....	116
6 CONSIDERAÇÕES E ECOS DAS VOZES ESCUTADAS.....	119
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	128

1 INTRODUÇÃO: O MAPA E OS AFETOS

Cada pessoa tem um história densa, que se fosse escrita, renderia um livro ou, pelo menos, lindos perfis jornalísticos. É a partir dessa concepção que se abre esta pesquisa, dedicada às Narrativas de Vida de imigrantes latino-americanos que vivem em Caxias do Sul. A pesquisa se justifica socialmente pela urgência em reconhecer os migrantes como sujeitos ativos e complexos, e academicamente por contribuir com reflexões sobre escuta, alteridade, subjetividade e ética da narrativa. O objetivo é praticar um Jornalismo que vá além do factual imediato, aproximando-se da vida em sua profundidade e pluralidade.

Por meio de ‘com-versações’, propostas por Maria Luiza Cardinale Baptista (2021), orientadas pelos princípios do Jornalismo Literário Avançado, proposto por Edvaldo Pereira Lima (1996; 2008; 2013), busca-se demonstrar que essas histórias não devem ser reduzidas a dados estatísticos, tampouco tratadas como secundárias ou externas ao espaço comunicacional. Escutar é reconhecer subjetividades e, nesse gesto, cada sujeito se apresenta como protagonista de sua própria trajetória.

A questão central que orienta este trabalho é: Que universos vivenciais de imigrantes latino-americanos em Caxias do Sul emergem quando narrados a partir de “com-versações” jornalísticas com base no o Jornalismo Literário Avançado? A investigação parte do entendimento de que não se trata de “revelar” experiências ocultas, mas de criar encontros narrativos que valorizem modos de ser e de estar no mundo, frequentemente invisibilizados pelo noticiário acelerado e superficial. O intuito é abrir espaço para um Jornalismo que reconheça a complexidade das vivências, valorize saberes cotidianos e legitime existências em sua inteireza.

Minha formação em Jornalismo consolidou um interesse contínuo pela entrevista e pela escuta como práticas transformadoras. Experiências em rádio, documentário e aproximação com produções culturais latino-americanas fortaleceram a convicção de que narrar histórias é também um ato de cuidado e resistência. Essa trajetória pessoal se conecta à proposta desta monografia, que busca produzir encontros narrativos com imigrantes latino-americanos em Caxias do Sul, registrando suas histórias como patrimônio vivo.

O referencial teórico que sustenta a pesquisa parte da entrevista narrativa e do Jornalismo Literário Avançado, articulando também reflexões sobre Narrativas de Vida. Entre os autores consultados, estão: Jovchelovich e Bauer (2002), Martinez

(2008), Lima (1996; 2008; 2013), Baptista (2014) e Baptista e Eme (2023). A partir de Jovchelovich e Bauer (2002), compreende-se a entrevista narrativa como dispositivo de construção de histórias de vida, no qual o entrevistado não responde apenas a perguntas pontuais, mas organiza sua experiência em forma de enredo, revelando sentidos e trajetórias. Martinez (2008), ao tratar da Jornada do Herói, propõe o uso da estrutura mítica na construção jornalística de histórias de vida, permitindo ao repórter mergulhar nas dimensões humanas e simbólicas do real. Já Edvaldo Pereira Lima (1996; 2008; 2013) desenvolve o Jornalismo Literário Avançado como prática estética, ética e transformadora, fundamentada na escuta profunda, na experimentação narrativa e na valorização da autoria.

A metodologia adotada tem caráter exploratório e qualitativo, fundamentada nas proposições da Cartografia dos Saberes e das Matrizes Rizomáticas (Baptista, 2014). A Cartografia dos Saberes permite que o percurso da pesquisa se desenhe de forma viva, acompanhando as transformações e os afetos que emergem do campo, sem se prender a uma linearidade rígida. Já as Matrizes Rizomáticas orientam a articulação entre as dimensões subjetivas, teóricas e empíricas da investigação, promovendo conexões entre pensamento, experiência e narrativa. O processo de escuta e produção textual se constrói a partir dessa abordagem, onde o conhecimento é entendido como movimento, e não como produto acabado.

A estrutura da monografia organiza-se da seguinte forma: o Capítulo 2 apresenta as estratégias metodológicas utilizadas; o Capítulo 3 discute o Jornalismo Literário e as Narrativas de Vida; o Capítulo 4 contextualiza a presença latino-americana em Caxias do Sul, ampliada pela perspectiva da entrevista narrativa; o Capítulo 5 reúne os perfis jornalísticos produzidos a partir das entrevistas realizadas; e, por fim, as considerações finais discutem as contribuições do Jornalismo Literário Avançado, para a compreensão das experiências migratórias.

2 ENTRE ESCUTAS E TRAJETÓRIAS: CAMINHOS METODOLÓGICOS

O foco desta monografia é investigar as Narrativas de Vida de imigrantes latino-americanos residentes em Caxias do Sul, a partir de '*com-versações*' jornalísticas, com base no Jornalismo Literário Avançado. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, utilizando como estratégias metodológicas complementares a Cartografia dos Saberes e as Matrizes Rizomáticas, propostas por Baptista (in Baptista; Eme, 2023).

2.1 DO CAMPO DA PESQUISA QUALITATIVA

A metodologia adotada é qualitativa, com inspiração cartográfica. O percurso da pesquisa se dá por meio da escuta e do contato direto com os sujeitos migrantes, utilizando as '*com-versações*' como ferramenta central. Todos os encontros foram gravados com consentimento, transcritos e transformados em perfis jornalísticos, aplicando técnicas como construção de cena, descrição sensorial, fluxo de consciência e múltiplos pontos de vista, conforme o Jornalismo Literário Avançado proposto por Edvaldo Pereira Lima (1996; 2008; 2013).

A questão que conduz este estudo é: "Que universos vivenciais de imigrantes latino-americanos em Caxias do Sul emergem quando narrados a partir de "*com-versações*" jornalísticas com base no o Jornalismo Literário Avançado?" A partir disso, os objetivos específicos da pesquisa são:

1. Compreender os princípios e possibilidades do Jornalismo Literário Avançado aplicado às Narrativas de Vida;
2. Cartografar a presença e os contextos de vida de imigrantes latino-americanos na cidade de Caxias do Sul;
3. Realizar '*com-versações*' com imigrantes, buscando escutar suas histórias, afetos e sentidos de pertencimento;
4. Produzir perfis jornalísticos que retratem essas experiências de forma sensível e artesanal.

Os perfis jornalísticos aqui propostos não são apenas relatos; são encontros, são '*com-versas*'. São saias com bolsos cheios de histórias, à espera de quem

escute e escreva com o cuidado de quem sabe que narrar também é uma forma de cuidar. Por isso, esta pesquisa alicerça sua fundamentação nos conceitos do Jornalismo Literário Avançado, compreendido como uma prática narrativa sensível, transdisciplinar e comprometida com a escuta. Monica Martinez, em seu livro *A Jornada do Herói: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo*, evidencia a razão de ser desse gênero ao afirmar:

As técnicas do jornalismo convencional são adequadas para a produção de material para mídias informativas, como os diários impressos e os sites eletrônicos. No entanto, há casos em que são necessárias ferramentas mais sofisticadas para a realização de textos, como os produzidos para revistas mensais e, principalmente, livros-reportagem. Nesse campo, nota-se a influência crescente da escola do jornalismo literário, que oferece maior abrangência de recursos para a captação e redação de reportagens.” (MARTINEZ, Monica. 2008, p. 13)

É com base nessa compreensão, de que certas histórias exigem tempo, profundidade e envolvimento, que esta pesquisa se lança na escuta de trajetórias migrantes, buscando narrar não apenas fatos, mas mundos. Mundos que, como o herói sem caráter Macunaíma, de Mário de Andrade (2016), não seguem uma linha reta, mas são feitos de desvios, travessias, retornos, silêncios e reinvenções. A figura de Macunaíma, contraditória e fragmentada, ajuda a pensar a complexidade dos sujeitos que se deslocam entre territórios físicos e simbólicos, heróis de si mesmos, mas sem mitologia fixa, sem modelo pré-fabricado.

Chaparro (2001, p. 35) sustenta que os personagens da literatura têm aquilo que falta aos protagonistas apagados do jornalismo burocrático: são gente. Têm contradições, hesitam, amam, sofrem, caminham, retornam, sonham, e manifestam tudo isso com seus próprios jeitos de dizer. Para ele, quando o jornalismo renuncia às suas habilidades literárias, perde também a capacidade de representar a densidade humana. É preciso, portanto, recuperar uma linguagem que abrace o humano em sua inteireza e abandonar o modelo de entrevistas que força todos a falarem da mesma forma, no estilo impessoal das redações. Ao escutar o que está acima e abaixo da linha do conflito, onde habitam, segundo o autor, “as pessoas e as razões da vida”, o jornalismo se humaniza.

2.2 DA CARTOGRAFIA DOS SABERES

Segundo Baptista (in Baptista; Eme, 2023), a Cartografia dos Saberes é uma estratégia plurimetodológica que permite acompanhar transformações, identificar relações transversais e operar com múltiplas simultaneidades. Ela organiza o trabalho em trilhas que se desenham conforme o avanço da investigação, recusando roteiros rígidos. O quadro a seguir ilustra as trilhas de aprendizagem da Cartografia dos Saberes:

Quadro 1 - Trilhas da Cartografia dos Saberes

Trama dos 'Entrelaços Nós da Pesquisa'	Corresponde aos nós investigativos, são os pontos que centram a pesquisa, neste caso, palavras e expressões que sintetizam o reconhecimento de uma temática a ser investigada.
Saberes Pessoais ou Dimensão Subjetiva	Conhecimento pessoal, construído a partir de “textos jorrados” e escrita espontânea. A dinâmica desta trilha é o refletir, sentir, questionar, escrever e reescrever.
Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica	Fundamentação teórica a partir de ‘com-versas’ com outros autores. Organização e sistematização de materiais bibliográficos, livros, artigos com o intuito de costurar a base da pesquisa.
Usina de Produção ou Trama dos Fazeres	Produção resultante de aproximações e ações investigativas. Momento da pesquisa onde o sujeito coloca em prática todo conhecimento bibliográfico e subjetivo anteriormente adquirido.
Dimensão Intuitiva da Pesquisa	Fio invisível que costura a vida e a pesquisa. Trata-se de brotações

	espontâneas que nos apontam direções durante o processo de pesquisa.
--	--

Fonte: Elaborada pelo autor, com base em Baptista e Eme (2023).

2.2.1 TRAMA DOS 'ENTRELAÇOS NÓS DA PESQUISA'

Nesta trilha, foi utilizado o Jogo dos Balões para identificar o foco desta pesquisa. O exercício consiste em desenhar seis balões e escrever palavras relacionadas ao estudo. Na primeira vez, surgiram termos diversos, que foram sendo reorganizados conforme a clareza do objetivo se consolidava. Após algumas rodadas, o jogo trouxe o desafio final: descartar três balões e manter apenas aqueles que representassem a síntese da pesquisa. As três palavras que permaneceram foram: Entrevista, Jornalismo Literário e Narrativas. Elementos-núcleo deste trabalho.

A escolha por entrevistar imigrantes latino-americanos residentes em Caxias do Sul se deu em diálogo com a orientadora, a partir de uma afinidade comum com autores que escrevem sobre a América Latina com amorosidade, como Eduardo Galeano (2002). Assim, o título “JORNALISMO E NARRATIVAS DE VIDA: Histórias de Imigrantes Latino-americanos Residentes em Caxias do Sul” traduz o espírito desta pesquisa.

2.2.2 SABERES PESSOAIS OU DIMENSÃO SUBJETIVA

Refletir sobre os interesses pessoais é parte essencial da caminhada investigativa. Como destaca Baptista (in Baptista; Eme, 2023), nesta etapa o pesquisador escreve sem se preocupar com normas ou regras, apenas deixando fluir o texto como um rascunho de si mesmo, identificando o que sabe e o que ainda não sabe sobre o caminho que escolheu trilhar. Escrever é também um ato de amorosidade. Como lembra Baptista, trata-se de passar um tempo com o texto, “namorandinho”, cuidando, sentindo, até que, depois de todo esse processo de entrega, ele jorra inteiro, em corpo, alma e intensidade.

É nesta chave que escrevi o texto “O que te importa?”. Trago no pulso direito

tatuada a palavra *re-cordis*, do latim: voltar a passar pelo coração. Essa imagem me acompanha e traduz meu modo de viver e de pesquisar. Acima de tudo, amo os livros do jornalista Eduardo Galeano, (2002) em especial *O Livro dos Abraços*. Sempre admirei a maneira como, através da prosa poética, ele narrava as tribos e sujeitos latino-americanos com sensibilidade e profundidade, transformando vidas em narrativas que ecoam como memórias coletivas.

Foi assim que começou minha saga pessoal pela entrevista. Lembro-me de assistir Bruna Lombardi, em *Gente e Expressão*, e Antônio Abujamra, em *Provocações*, com sua pergunta visceral: “O que é a vida?”. Aquele gesto de perguntar me marcou. Já na universidade, pude colocar em prática o que aprendi nos livros e nos programas: o dom da escuta. Passei a entrevistar, seja em sala de aula ou fora dela, como na reportagem sobre a Cultura Hip Hop em Caxias do Sul, cidade conhecida como “da fé e do trabalho”, que tantas vezes marginaliza a arte e a voz da periferia. Também participei de um documentário produzido no Magnabosco Cultural e durante o primeiro Festival de Cinema da UCS, onde atuei como repórter.

Outro momento fundamental foi entrevistar minha orientadora, Maria Luiza Cardinale Baptista, para uma disciplina de Rádio. Ali, senti o despertar definitivo para a pesquisa e o desejo antigo que eu tinha de mergulhar no mundo acadêmico.

Em síntese, foram as entrevistas e a paixão por narrar histórias que me trouxeram até aqui. E, sobretudo, o desejo de olhar para a América Latina com amorosidade, inspirando-me em Galeano (2002) e em tantos outros narradores. Esta monografia nasce daí: do encontro entre minhas vivências, minhas escutas e meu compromisso com narrar as histórias de imigrantes latino-americanos em Caxias do Sul.

2.2.3 TRAMA TEÓRICO-CONCEITUAL-BIBLIOGRÁFICA

O referencial teórico desta monografia busca sustentar a pesquisa a partir de um diálogo com autores que pensam a narrativa, a Entrevista e o Jornalismo Literário em suas múltiplas dimensões. Cada tópico será aprofundado em subitens específicos, mas aqui se delineia a trama que costura conceitos fundamentais para compreender a proposta deste trabalho.

No campo da entrevista narrativa, a referência principal é o estudo de Jovchelovich e Bauer (2002), que apresenta a entrevista como dispositivo de construção de histórias de vida. A abordagem narrativa compreende que o entrevistado não responde apenas a perguntas pontuais, mas organiza e compartilha sua experiência em forma de enredo, revelando sentidos e trajetórias. Essa perspectiva é essencial para esta pesquisa, que pretende escutar imigrantes latino-americanos em Caxias do Sul a partir da lógica da narrativa, não do dado fragmentado.

Quanto ao Jornalismo Literário Avançado, o diálogo teórico se estrutura em torno de Edvaldo Pereira Lima (1996; 2008; 2013), fundador da proposta conceitual do Jornalismo Literário Avançado (JLA), Monica Martinez (2008) e Maria Luiza Cardinale Baptista (2014). Martinez, ao tratar da Jornada do Herói, evidencia como a estrutura narrativa mítica pode orientar a construção de histórias de vida em Jornalismo, oferecendo recursos para mergulhar em dimensões profundas da experiência humana. Edvaldo Pereira Lima, em obras como *Econautas – Ecologia e Jornalismo Literário Avançado* (1996) e *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. (2008), amplia o entendimento do Jornalismo Literário ao concebê-lo como prática estética, ética e transformadora, que recusa o imediatismo superficial e se dedica à narrativa artesanal. Já Baptista (2014), com sua abordagem amorosa e transdisciplinar, reforça a importância da escuta, da subjetividade e da alteridade como fundamentos epistemológicos de uma prática jornalística que se abre à vida em sua complexidade.

Assim, o referencial teórico desta pesquisa articula Entrevista Narrativa e Jornalismo Literário Avançado como dois eixos principais. Ambos convergem para uma prática de escuta sensível, onde cada pessoa é uma fonte inesgotável de pautas, e a narrativa se torna não apenas uma técnica, mas também uma ética de encontro.

2.2.4 USINA DE PRODUÇÃO OU TRAMA DOS FAZERES

Nesta fase, intensifica-se o contato com o campo de estudo e desenvolvem-se ações investigativas que permitem compreender melhor o objeto de pesquisa. Esse processo de aprofundamento funciona como um verdadeiro mergulho no tema.

A lógica aqui é que o pesquisador parte para o campo, para a dimensão operacional da pesquisa, escolhendo alguns ‘fazer possíveis’, mesmo que ainda esteja em uma fase inicial. As aproximações, então, são fazeres da pesquisa, modos de aproximações do universo, para ajudar a pensar, refletir, sentir, conhecer profundamente [...]. Já as ações investigativas também são procedimentos, que seguem a mesma lógica de utilização de procedimentos tradicionais e criados especialmente para a pesquisa, mas são decididas já em um momento de certo amadurecimento do percurso da investigação em que se vislumbra, mais claramente, o fluxo das águas da pesquisa entre os objetivos específicos e as ações necessárias para que eles sejam atingidos. (Baptista in Baptista; Eme, 2023, p. 14).

A principal ferramenta dessa trajetória é a ‘com-versação’, entendida não apenas como entrevista, mas como um espaço compartilhado de fala e escuta. A palavra conversa carrega, etimologicamente, a ideia de estar junto, de girar com o outro. Inspirada por essa origem, a com-versação aqui é uma prática que reconhece o entrevistado como sujeito ativo da narrativa e o jornalista como alguém que se implica na escuta. A escuta, nesse caso, não é técnica neutra, mas escolha ética.

Todas as ‘com-versações’ foram realizadas com consentimento informado, gravadas em áudio e posteriormente transcritas. O processo de escuta respeitou o tempo, o tom e os modos de falar de cada pessoa. Não houve pressa nem fórmula: cada encontro construiu seu próprio ritmo. As perguntas foram guiadas por uma cartografia afetiva, pensada não como roteiro rígido, mas como ponto de partida para que as histórias emergissem com liberdade.

Por extensão, pode-se dizer que uma história de vida, quando bem ‘mapeada’ (no sentido cartográfico), não apenas amplia a visão de mundo de quem a vive e conta, mas também reverbera em círculos concêntricos, como uma pedra lançada na água, tocando esferas familiares, comunitárias e até históricas. É nesse sentido que se inscreve a proposta desta pesquisa: não como busca de grandes feitos, mas como registro atento daquilo que vibra no cotidiano e, por isso mesmo, carrega potência simbólica.

Essa valorização do relato humanizado, ainda hoje essencial, é defendida por autores como Mário Erbolato (1986, p. 125). Para ele, as histórias mais tocantes são aquelas que revelam as dores, os gestos e os significados profundos da vida ordinária, como a fala sincera de uma criança vendendo flores na rua, que agradece a Deus por conseguir o almoço da família. Nesse tipo de escuta, mesmo frases ditas

com erros de português podem conter lições espirituais e afetivas que desafiam o senso comum da notícia rápida.

A dimensão criativa desse método também exige escolhas narrativas. Como destacam Maria Helena Ferrari e Muniz Sodré (1984, p. 159), toda história precisa de personagens, e a forma como eles são apresentados ao leitor é parte essencial do processo de construção. Mesmo quando se adota uma estrutura básica de encadeamento de eventos, é a sensibilidade do autor que define o recorte, o ponto de vista narrativo e o tom da escrita. A história pode abranger toda a existência do personagem ou se concentrar em um trecho significativo.

Nesta pesquisa, optou-se por manter as histórias dos entrevistados em primeira pessoa como escolha metodológica e estética, buscando preservar a densidade subjetiva da fala de cada entrevistado. A decisão não visa simular uma voz genérica, mas aproximar o leitor do universo sensível de quem migrou, escutando suas percepções, memórias, afetos e modos próprios de narrar o mundo. As com-versações, foram transcritas pela ótica **de quem escuta**, assumindo o compromisso de narrar a história da melhor forma possível, respeitando tanto a singularidade das trajetórias quanto a integridade do vivido.

Os perfis jornalísticos apresentados no capítulo 5 se configuram como narrativas literárias, elaboradas a partir da escuta ativa e do trabalho artesanal da escrita. Já os quadros que sintetizam e comparam as falas dos imigrantes latino-americanos foram mantidos em sua forma original, preservando ditos, expressões e modos de falar. Essa opção busca aproximar o leitor da oralidade dos sujeitos, mantendo viva a cadência da palavra dita e criando um espaço de encontro entre a mediação jornalística e a autenticidade da voz migrante.

2.2.5 DIMENSÃO INTUITIVA DA PESQUISA

Durante o percurso desta pesquisa, percebi que muitas ideias surgiam de forma inesperada: em anotações soltas, em momentos de silêncio ou até em conversas casuais. Esses registros constituíram um mosaico do processo de investigação. Nesse sentido, compreendo a intuição como um elemento essencial, algo que costura vida e pesquisa de maneira invisível, mas constante. Como afirma Baptista (in Baptista; Eme, 2023, p. 15):

Considero que a intuição é uma espécie de fio invisível que costura a vida e a pesquisa, orientando-nos para percursos mais relacionados com nossos sentires íntimos e nossa visão do mundo, também dos fenômenos que investigamos. Na sua condição de imaterialidade, de brotação espontânea, a intuição é sinalizador potente, que demonstra a confluência da pesquisa, em direções que nem sempre percebemos com a mente de superfície, com a consciência na sua movimentação de sistemas codificados, justamente porque as configurações da consciência, também chamada mente de superfície, são produzidas como resultante de um longo, profícuo e árduo trabalho de configuração do universo simbólico. (Baptista in Baptista; Eme, 2023, p. 15).

Ao longo dessa caminhada, aprendi a confiar nesse fio invisível. Cada ideia que brotava era anotada sem julgamento, como se fosse uma faísca de algo que ainda estava em processo de se revelar. A dimensão subjetiva da pesquisa, portanto, não foi um acessório, mas parte constitutiva do caminho. Foram essas intuições (muitas vezes vindas sem aviso) que abriram passagens para novas leituras, novas perguntas e também para a forma sensível com que me aproximei das histórias dos imigrantes latino-americanos.

2.3 DAS MATRIZES RIZOMÁTICAS

As Matrizes Rizomáticas são uma estratégia metodológica de sistematização e foram criadas para ajudar a verificar a coerência interna da pesquisa e as inflexões, os direcionamentos do processo durante e depois de concluída a investigação. (Baptista e Eme 2023, p. 15). Segue, abaixo, o quadro que resume as quatro Matrizes Rizomáticas e seus desdobramentos:

Quadro 2 - Matrizes Rizomáticas

Matriz 1: Trama e rizomas	Relacionada com a primeira trilha da Cartografia dos Saberes, deriva dos 'entrelaços nós' da pesquisa. Trata de verificar a coerência do trabalho, começando pelo foco de estudo ou delineamento do estudo.
Matriz 2: Detalhamento do rizoma	Propõe a verificação de correspondência entre os 'nós' da

	pesquisa, com os objetivos e os capítulos e subtítulos.
Matriz 3: Composição	Aborda as Trilhas Teórico-conceituais-bibliográficas. Está associada aos conceitos, ao agrupamento de autores e aos sinalizadores de caminhos e pensamentos.
Matriz 4: Coerência operacional e dinâmica da pesquisa	Trata de verificar a coerência do trabalho na dimensão operacional da investigação. Corresponde à Trilha Usina de Produção ou Trama dos Fazeres da Cartografia dos Saberes.

Fonte: Elaborada pelo autor com base em Baptista e Eme (2023).

Apresenta-se, no quadro a seguir (**Quadro 3 – Matriz de Pesquisa**), a matriz responsável por orientar e fundamentar os objetivos, os capítulos e as questões de pesquisa desta monografia.

Quadro 3 - Matriz 1: Trama e Rizomas

Título	Foco ou Delineamento de Estudo	Objetivo Geral	Questão de Pesquisa	Objetivos Específicos	Capítulos
JORNALISMO E NARRATIVAS DE VIDA: Histórias de Imigrantes Latino-americanos Residentes em Caxias do Sul	Narrativas de Vida de imigrantes latino-americanos residentes em Caxias do Sul, a partir de 'com-versações' jornalísticas, com base no Jornalismo Literário Avançado.	Narrar as experiências de vida de imigrantes latino-americanos residentes em Caxias do Sul, a partir de 'com-versações' jornalísticas, com base no Jornalismo Literário Avançado.	Que universos vivenciais de imigrantes latino-americanos em Caxias do Sul emergem quando narrados a partir de 'com-versações' jornalísticas com base no o Jornalismo Literário Avançado?	Compreender os princípios e possibilidades do Jornalismo Literário aplicado às Narrativas de Vida.	1 INTRODUÇÃO: O MAPA E OS AFETOS 2 ENTRE ESCUTAS E TRAJETÓRIAS: CAMINHOS METODOLÓGICOS 3 FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E A PRÁTICA DO JORNALISMO LITERÁRIO

				Cartografar a presença e os contextos de vida de imigrantes latino-americanos na cidade de Caxias do Sul. Realizar <i>com-versações</i> com imigrantes, buscando escutar suas histórias, afetos e sentidos de pertencimento. Produzir perfis jornalísticos que retratam essas experiências de forma sensível e artesanal.	4 OS CAMINHOS DA ESCUTA: A ENTREVISTA NARRATIVA 5 UNIVERSOS VIVÊNCIAIS: PERFIS E COM-VERSAÇÕES 6 CONSIDERAÇÕES E ECOS DAS VOZES ESCUTADAS
--	--	--	--	--	---

Fonte: Elaborada pelo autor com base em Baptista e Eme (2023).

Quadro 4 - Matriz 2: detalhamento do rizoma

'Entrelaços Nós' da Pesquisa	Objetivo Geral	Objetivos Específicos	Capítulos e Subcapítulos
Jornalismo Literário Avançado Narrativas de Vida Imigrantes latino-americanos Caxias do Sul Com-versações Entrevista Narrativa	Narrar as experiências de vida de imigrantes latino-americanos residentes em Caxias do Sul, a partir de '<i>com-versações</i>' jornalísticas, com base no jornalismo literário avançado.		1 INTRODUÇÃO: O MAPA E OS AFETOS 2 ENTRE ESCUTAS E TRAJETÓRIAS: CAMINHOS METODOLÓGICOS 2.1 DO CAMPO DA PESQUISA QUALITATIVA 2.2 DA CARTOGRAFIA DOS SABERES 2.2.1 TRAMA DOS 'ENTRELAÇOS NÓS DA PESQUISA' 2.2.2 SABERES PESSOAIS OU DIMENSÃO SUBJETIVA 2.2.3 TRAMA TEÓRICO-CONCEITUAL-BIBLIOGRÁFICA 2.2.4 USINA DE PRODUÇÃO OU TRAMA DOS FAZERES 2.2.5 DIMENSÃO INTUITIVA DA PESQUISA 2.3 DAS MATRIZES

		Compreender os princípios e possibilidades do Jornalismo Literário aplicado às Narrativas de Vida. Cartografar a presença e os contextos de vida de imigrantes latino-americanos na cidade de Caxias do Sul. Realizar <i>com-versações</i> com imigrantes, buscando escutar suas histórias, afetos e sentidos de pertencimento. Produzir perfis jornalísticos que retratam essas experiências de forma sensível e artesanal.	RIZOMÁTICAS 3 FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E A PRÁTICA DO JORNALISMO LITERÁRIO 3.1 DA IMPRENSA À CONSOLIDAÇÃO DO JORNALISMO 3.2 JORNALISMO LITERÁRIO E NARRATIVAS DE VIDA 3.2.1 JORNALISMO INTERPRETATIVO 3.2.2 PERFIS E NARRATIVAS DE VIDA 4 OS CAMINHOS DA ESCUTA: A ENTREVISTA NARRATIVA 4.1 LATINO-AMERICANOS EM CAXIAS DO SUL: CONTEXTOS E PRESENÇAS 4.1.2 ESTRUTURA E CONDUÇÃO DA ENTREVISTA NARRATIVA 5 UNIVERSOS VIVÊNCIAIS: PERFIS E COM-VERSAÇÕES 5.1 A ESCUTA SENTIPENSANTE: NARRATIVAS DO ENCONTRO 5.2 ANTESSALA: JHONALBERT ENRIQUE RAMÍREZ SUAREZ 5.2.1 COM-VERSA: JHONALBERT ENRIQUE RAMÍREZ SUAREZ 5.2.2 QUADRO-SÍNTESE: JHONALBERT ENRIQUE RAMÍREZ SUAREZ 5.3 ANTESSALA: ENRIQUE LÍBER GARCÍA VELAZQUEZ 5.3.1 COM-VERSA: ENRIQUE LÍBER GARCÍA VELÁZQUEZ 5.3.2 QUADRO SÍNTESE: ENRIQUE LÍBER GARCÍA VELAZQUEZ 5.4 ANTESSALA: DANIEL IGNACIO VARGAS GOMEZ 5.4.1 COM-VERSA: DANIEL IGNACIO VARGAS GOMEZ 5.4.2 QUADRO SÍNTESE: DANIEL IGNACIO VARGAS GOMEZ 5.5 ANTESSALA: OMAR EDUARDO VIDAL 5.5.1 COM-VERSA: OMAR EDUARDO VIDAL 5.5.2 QUADRO SÍNTESE: OMAR EDUARDO VIDAL
--	--	--	--

			5.6 ANTESSALA: ISABEL FREITEZ AZÓCAR 5.6.1 CONVERSA: ISABEL FREITEZ AZÓCAR 5.6.2 QUADRO SÍNTESE: ISABEL FREITEZ AZÓCAR 5.7 QUADROS COMPARATIVOS: 6 CONSIDERAÇÕES E ECOS DAS VOZES ESCUTADAS
--	--	--	--

Fonte: Elaborada pelo autor com base em Baptista e Eme (2023).

Quadro 5 - Matriz 3: Composição

Objetivo geral	Objetivos Específicos	Trilhas Teórico-Conceituais-Bibliográficas	Autore	Capítulos e Subcapítulos
Narrar as experiências de vida de imigrantes latino-americanos residentes em Caxias do Sul, a partir de 'com-versações' jornalísticas, com base no Jornalismo Literário avançado.	----- -----	----- ----- Jornalismo Literário Avançado Literatura Cartografia dos Saberes Relato Humanizado Dimensão Criativa	----- ----- - Monica Martinez - Edvaldo Pereira Lima - Maria Luiza Cardinale Baptista - Mário de Andrade - Manuel Carlos Chaparro - Eduardo Galeano - Maria Luiza Cardinale Baptista - Mário Erbolato - Maria Helena Ferrari e Muniz Sodré	1 INTRODUÇÃO: O MAPA E OS AFETOS 2 ENTRE ESCUTAS E TRAJETÓRIAS: CAMINHOS METODOLÓGICOS 2.1 DO CAMPO DA PESQUISA QUALITATIVA 2.2 DA CARTOGRAFIA DOS SABERES 2.2.1 TRAMA DOS 'ENTRELAÇOS NÓS DA PESQUISA' 2.2.2 SABERES PESSOAIS OU DIMENSÃO SUBJETIVA 2.2.3 TRAMA TEÓRICO-CONCEITUAL-BIBLIOGRÁFICA 2.2.4 USINA DE PRODUÇÃO OU TRAMA DOS FAZERES 2.2.5 DIMENSÃO INTUITIVA DA PESQUISA 2.3 DAS MATRIZES

				RIZOMÁTICAS
	Compreender os princípios e possibilidades do Jornalismo Literário aplicado às Narrativas de Vida.	-----	-----	3 FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E A PRÁTICA DO JORNALISMO LITERÁRIO
		Jornalismo	- Antônio Olinto - Felipe Pena - Ciro Marcondes Filho	3.1 DA IMPRENSA À CONSOLIDAÇÃO DO JORNALISMO
		Jornalismo Literário Avançado	- Monica Martinez - Edvaldo Pereira Lima - Maria Luiza Cardinale Baptista	3.2 JORNALISMO LITERÁRIO E NARRATIVAS DE VIDA
		Jornalismo Interpretativo	- Edvaldo Pereira Lima	3.2.1 JORNALISMO INTERPRETATIVO
		Narrativas de Vida	- Edvaldo Pereira Lima	3.2.2 PERFIS E NARRATIVAS DE VIDA
	Cartografar a presença e os contextos de vida de imigrantes latino-americanos na cidade de Caxias do Sul.	-----	-----	4 OS CAMINHOS DA ESCUTA: A ENTREVISTA NARRATIVA
		Perfis Jornalísticos	- Walter Benjamin	4.1
		Narrativa	- György Lukács	LATINO-AMERICANO S EM CAXIAS DO SUL: CONTEXTOS E PRESENÇAS
		Pesquisa qualitativa	- Maria Cecília de Souza Minayo	
		Entrevista Narrativa	- Sandra Jovchelovitch e Martin W Bauer - Camila Junqueira Muylaert - Camila Aloisio Alves - John Ward Creswell	
		Condução da Entrevista Narrativa	- Sandra Jovchelovitch e Martin W Bauer - Cesar Roberto de Farias e Fernando José Gomes - Regina Célia Passos Ribeiro de Campos - Georgia Veras de Araújo Gueiros Lira	4.1.2 ESTRUTURA E CONDUÇÃO DA ENTREVISTA NARRATIVA
	Realizar <i>com-versações</i> com imigrantes, buscando escutar suas histórias, afetos e sentidos de pertencimento.	Com-versações	- Maria Luiza Cardinale Baptista	5 UNIVERSOS VIVÊNCIAIS: PERFIS E COM-VERSAÇÕES
	Produzir perfis jornalísticos que retratam essas experiências de forma sensível e artesanal.	Sentipensamento	- Orlando Fals Borba	5.1 A ESCUTA SENTIPENSANTE: NARRATIVAS DO ENCONTRO
				5.2 ANTESSALA: JHONALBERT ENRIQUE RAMÍREZ SUAREZ
				5.2.1 COM-VERSA: JHONALBERT ENRIQUE RAMÍREZ SUAREZ
				5.2.2

				QUADRO-SÍNTESE: JHONALBERT ENRIQUE RAMÍREZ SUAREZ 5.3 ANTESSALA: ENRIQUE LÍBER GARCÍA VELAZQUEZ 5.3.1 COM-VERSA: ENRIQUE LÍBER GARCIA VELAZQUEZ 5.3.2 QUADRO SÍNTESE: ENRIQUE LÍBER GARCÍA VELAZQUEZ 5.4 ANTESSALA: DANIEL IGNACIO VARGAS GOMEZ 5.4.1 COM-VERSA: DANIEL IGNACIO VARGAS GOMEZ 5.4.2 QUADRO SÍNTESE: DANIEL IGNACIO VARGAS GOMEZ 5.5 ANTESSALA: OMAR EDUARDO VIDAL 5.5.1 COM-VERSA: OMAR EDUARDO VIDAL 5.5.2 QUADRO SÍNTESE: OMAR EDUARDO VIDAL 5.6 ANTESSALA: ISABEL FREITEZ AZÓCAR 5.6.1 CONVERSA: ISABEL FREITEZ AZÓCAR 5.6.2 QUADRO SÍNTESE: ISABEL FREITEZ AZÓCAR 5.7 QUADROS COMPARATIVOS: 6 CONSIDERAÇÕES E ECOS DAS VOZES ESCUTADAS
--	--	--	--	---

Fonte: Elaborada pelo autor com base em Baptista e Eme (2023).

Quadro 6 - Matriz 4: coerência operacional e dinâmica da pesquisa

Objetivos Específicos	Lócus da Pesquisa (Ecossistema / Universo Investigado)	Fontes de Pesquisa (Lugares, Sujeitos, Materiais, Documentos, Bibliografia)	Aproximações e Ações Investigativas (Procedimentos de Pesquisa – Coleta e Processamento)	Recursos de Apresentação / Descrição e Tratamento Reflexivo / Análise	Capítulos e Subcapítulos
-----	Caxias do Sul/RS	-----	-----	-----	1 INTRODUÇÃO: O MAPA E OS AFETOS

		- Biblioteca Universitária - Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação - Repositórios de Teses e Dissertações - Bibliotecas Virtuais - Artigos	Aproximações: Adoção de uma perspectiva que privilegia a profundidade e o significado em detrimento da quantidade estatística. Aproximação ao objeto de pesquisa não de forma linear, mas exploratória permitindo que o percurso se desenhe durante a caminhada Ações: Cartografia bibliográfica do material alinhado à pesquisa e organização temporal das etapas.	Produção de texto dissertativo sobre a temática, a fim de preparar o pesquisador para o imprevisto. O capítulo reflete sobre a responsabilidade de escolher um método que não apenas extrai informações, mas cria vínculos.	2 ENTRE ESCUTAS E TRAJETÓRIAS: CAMINHOS METODOLÓGICOS 2.1 DO CAMPO DA PESQUISA QUALITATIVA 2.2 DA CARTOGRAFIA DOS SABERES 2.2.1 TRAMA DOS 'ENTRELAÇOS NÓS DA PESQUISA' 2.2.2 SABERES PESSOAIS OU DIMENSÃO SUBJETIVA 2.2.3 TRAMA TEÓRICO-CONCEITUAL-BIBLIOGRÁFICA 2.2.4 USINA DE PRODUÇÃO OU TRAMA DOS FAZERES 2.2.5 DIMENSÃO INTUITIVA DA PESQUISA 2.3 DAS MATRIZES RIZOMÁTICAS
Compreender os princípios e possibilidades do Jornalismo Literário aplicado às Narrativas de Vida.		- Biblioteca Universitária - Base de Dados Acadêmicos - Anais de Congressos - Repositórios de Teses e Dissertações - Bibliotecas Virtuais - Artigos	Aproximações: Leitura e fichamento de textos. Estratégia de unir a técnica do JLA com a ética da 'com-versação.' Colocar os autores em diálogo para justificar a escolha metodológica. Ações: cartografia bibliográfica do material alinhado à pesquisa. Organização das citações por eixos (técnica, ética, estética). Escrita do capítulo articulando os conceitos de "humanização do relato" e "escuta".	Produção de texto dissertativo sobre a temática, refletindo sobre como a teoria não é uma amarra, mas a lente que permite enxergar a profundidade das histórias. Justificou-se que, para este tema, o jornalismo convencional seria insuficiente.	3 FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E A PRÁTICA DO JORNALISMO LITERÁRIO 3.1 DA IMPRENSA À CONSOLIDAÇÃO DO JORNALISMO 3.2 JORNALISMO LITERÁRIO E NARRATIVAS DE VIDA 3.2.1 JORNALISMO INTERPRETATIVO 3.2.2 PERFIS E NARRATIVAS DE VIDA
Cartografar a presença e os contextos de vida de imigrantes latino-americanos na cidade de Caxias do Sul.		- Acervos de Metodologia Qualitativa - Literatura de Teoria da Narrativa - Base de Dados Acadêmicos	Aproximações: leitura e fichamento de textos. Abordagem que rompe com o interrogatório vertical. O entrevistado é tratado como co-autor que	Produção de texto dissertativo sobre a entrevista como um dispositivo terapêutico e histórico. Ao narrar, o sujeito não apenas relata fatos, mas ressignifica sua	4 OS CAMINHOS DA ESCUTA: A ENTREVISTA NARRATIVA 4.1 LATINO-AMERICANOS EM CAXIAS DO SUL: CONTEXTOS E PRESENÇAS 4.1.2 ESTRUTURA

-----	-----	-----	-----	-----	GOMEZ 5.5 ANTESSALA: OMAR EDUARDO VIDAL 5.5.1 COM-VERSA: OMAR EDUARDO VIDAL 5.5.2 QUADRO SÍNTESE: OMAR EDUARDO VIDAL 5.6 ANTESSALA: ISABEL FREITEZ AZÓCAR 5.6.1 CONVERSA: ISABEL FREITEZ AZÓCAR 5.6.2 QUADRO SÍNTESE: ISABEL FREITEZ AZÓCAR 5.7 QUADROS COMPARATIVOS: 6 CONSIDERAÇÕES E ECOS DAS VOZES ESCUTADAS
-------	-------	-------	-------	-------	--

Fonte: Elaborada pelo autor com base em Baptista e Eme (2023).

3 FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E A PRÁTICA DO JORNALISMO LITERÁRIO

Neste capítulo, será abordada a trajetória do jornalismo, iniciando com uma retrospectiva histórica que parte da invenção da Prensa de Gutenberg no século XV e avança pelas diferentes fases da profissão, culminando nos desafios contemporâneos. Este panorama servirá de base para aprofundar o conceito central deste estudo: o Jornalismo Literário Avançado (JLA). Serão exploradas as três dimensões fundamentais desta prática, conforme definidas por Edvaldo Pereira Lima, princípios operativos, caráter autoral e visão de mundo. Por fim, o capítulo detalhará gêneros e abordagens que dialogam diretamente com o JLA, especificamente o Jornalismo Interpretativo e o uso de Perfis e Narrativas de Vida como ferramentas para a construção de reportagens focadas na experiência humana.

3.1 DA IMPRENSA À CONSOLIDAÇÃO DO JORNALISMO

A reportagem jornalística pode ser classificada como um dos gêneros mais duradouros. No livro *Jornalismo e Literatura* (1968), do escritor mineiro Antônio Olinto, ele declara: "Homero é o primeiro jornalista de que temos registro". Homero, autor de *Ilíada* e *Odisseia*, descreveu a Guerra de Tróia e as batalhas heróicas que os gregos travaram para resgatar Helena, raptada pelo troiano Páris. Certamente, há um longo caminho a ser percorrido até alcançarmos a reportagem moderna. No entanto, ao traçarmos um paralelo, percebe-se como a narrativa e as 'com-versas' são essenciais na formação da realidade e na configuração da comunicação na sociedade.

Para entendermos o surgimento e a consolidação do Jornalismo Literário Avançado, utilizando as ferramentas disponibilizadas pelo professor Edvaldo Pereira Lima (2008), é necessário antes explorar os períodos que influenciaram a prática do Jornalismo. Segundo o livro *Teorias do Jornalismo*, de Felipe Pena (2005) esta viagem inicia-se no século XV, com a criação dos Tipos Móveis por Johannes Gutenberg. Até o momento, o conhecimento estava concentrado nas mãos da Igreja e das universidades, que controlavam o acesso a documentos escritos e a criação do saber. Com a invenção da prensa, as publicações cresceram e mais indivíduos

puderam acessar informações, permitindo o surgimento de novos modos de transmissão do conhecimento.

De acordo com Felipe Pena (2005), Gutenberg tornou-se um emblema da revolução gráfica no Ocidente ao imprimir a Bíblia em 1456. Este feito não apenas transformou a história da imprensa, mas também teve um impacto direto na consolidação das línguas nacionais, na Reforma Protestante e na Contrarreforma. A criação do prelo estabeleceu os alicerces para a indústria editorial e a imprensa periódica que se consolidaram nos séculos seguintes.

A evolução do Jornalismo atravessa várias etapas, caracterizadas por mudanças técnicas, econômicas e políticas, culminando no denominado Quarto Jornalismo, segundo Ciro Marcondes Filho (2002). Este é marcado pela fusão de linguagens, pela experimentação narrativa e pela ênfase em histórias humanas profundas, características do Jornalismo Literário. Segundo a obra *Comunicação e Jornalismo: A saga dos cães perdidos*, de Ciro Marcondes Filho (2002), a história do Jornalismo pode ser categorizada em pré-jornalismo e em quatro fases principais:

É comumente atribuído ao **início do jornalismo** moderno à publicação da *La Gazette* em 1631, por Théophraste Renaudot, na França. Esta publicação, ainda bastante parecida com um livro, narrava feitos militares e eventos da corte. Embora tenha aparência literária, *La Gazette* já trazia componentes fundamentais para a prática do jornalismo: periodicidade, atualidade, universalidade e difusão.

O surgimento do **segundo jornalismo** ocorreu com a consolidação do jornal como uma empresa capitalista, na segunda metade do século XIX. Incentivado pelas inovações tecnológicas, o jornal se torna uma mercadoria, onde o seu valor de troca (sustentado pela publicidade) supera o seu valor de uso. Em países como Inglaterra, França e Estados Unidos, a imprensa se transforma em um negócio. A busca por audiência, o entretenimento e o *furo* jornalístico ganham protagonismo. A lógica do mercado começa a restringir a liberdade editorial.

O **terceiro jornalismo** emerge com a expansão dos conglomerados midiáticos no século XX. O crescimento das grandes empresas de comunicação e o surgimento de monopólios informativos transformam a imprensa em um instrumento altamente vinculado a interesses econômicos e políticos. Nesse cenário, o Jornalismo passa a competir com outras formas de comunicação, como a publicidade e as relações públicas, que muitas vezes diluem ou descaracterizam sua função social.

Por outro lado, **o quarto jornalismo** surgiu no final do século XX e está intrinsecamente associado à era tecnológica. Este processo, que se intensifica na década de 1970, integra dois fenômenos fundamentais: o crescimento da denominada "indústria da consciência", que emprega táticas de comunicação e persuasão no noticiário, e o aumento da presença de conteúdos gerados por entidades externas, como assessorias de imprensa públicas e privadas, que começam a exercer influência direta no conteúdo editorial. Tais comportamentos promovem uma confusão entre o que é informação jornalística e o que é conteúdo institucional ou publicitário.

Ademais, a tecnologia impõe sua velocidade e lógica às redações, remodelando os perfis profissionais e inaugurando uma nova ética. O jornalista não deve se limitar ao papel de repórter, mas também desempenhar as funções de analista, comentarista e elucidador do mundo. A aceleração do tempo, a valorização da imagem e a estética da visibilidade, passam a ditar as regras dos meios. Neste cenário, o jornalismo se depara com o desafio de manter sua função em um ambiente comunicativo repleto de discursos e plataformas.

Neste cenário de profundas mudanças, o Jornalismo Literário Avançado surge como uma alternativa viável: uma maneira de reconectar a prática jornalística com a escuta, a profundidade narrativa e a complexidade das vivências humanas. Esta abordagem, fundamentada nos estudos de Edvaldo Pereira Lima (2008), será examinada como uma nova maneira de contar a realidade sem renunciar ao rigor jornalístico.

3.2 JORNALISMO LITERÁRIO E NARRATIVAS DE VIDA

Segundo Edvaldo Pereira Lima (2013), o Jornalismo Literário Avançado se sustenta em três grandes categorias de conteúdo que conformam sua prática e seu conhecimento: as **técnicas e princípios operativos**, o **caráter autoral** e a **visão de mundo**. A primeira diz respeito aos modos de apreensão e expressão da realidade, por meio de procedimentos como a observação participante e a imersão total do repórter no universo narrado. A construção cena a cena, o uso do ponto de vista autobiográfico e o cuidado artesanal na edição conferem densidade à narrativa e aproximam o leitor da experiência vivida.

A segunda categoria propõe uma ruptura com a voz neutra e impessoal do jornalismo convencional, valorizando o estilo próprio e a voz narrativa do jornalista. O autor não se oculta atrás da objetividade; ao contrário, reconhece-se como sujeito implicado, alguém que observa, sente e escreve a partir de um lugar de escuta e interação com os personagens.

Por fim, a terceira categoria amplia o horizonte epistemológico da prática jornalística ao reconhecer que toda narrativa é também uma interpretação do mundo. Crenças, valores e visões de realidade se entrelaçam na escrita, revelando que o jornalismo, quando literário, não apenas informa, mas traduz modos de existência.

Neste trabalho, essas três dimensões se entrecruzam: as técnicas narrativas orientam a escuta, a voz autoral emerge no gesto de recontar as histórias dos imigrantes latino-americanos, e a visão de mundo se manifesta na tentativa de compreender o deslocamento, formas de estar e narrar no mundo. Confere-se estas três dimensões no quadro a seguir:

Quadro 7 - 3 dimensões do Jornalismo Literário Avançado

Categoria	Descrição	Elementos Principais
1. Princípios operativos e técnicas	Refere-se ao conjunto de métodos e ferramentas que diferenciam o Jornalismo Literário do modelo convencional.	Observação participante, imersão profunda no campo, construção cena a cena, ponto de vista autobiográfico em terceira pessoa, edição artesanal.
2. Caráter autoral	Valoriza o estilo próprio e a voz individual do repórter. O jornalista é autor, não mero transmissor neutro de informações.	Estilo narrativo, personalidade de escrita, relação empática e ética com os personagens.
3. Visão de mundo	Toda narrativa traz uma	Paradigmas pessoais e

	forma de ver e compreender o real. Envolve paradigmas culturais, crenças e valores que moldam o olhar do autor.	sociais, contexto histórico e cultural, construção simbólica da realidade.
--	---	--

Fonte: Elaborada pelo autor com base em Lima (2013).

Seguindo a lógica destas três dimensões, a frase que abre o livro *“Econautas: Ecologia e Jornalismo Literário Avançado”* (1996) é uma pergunta de Edvaldo Pereira Lima: **“É possível no jornalismo recuperar-se a tradição da boa narrativa?”**. Essa indagação serve de ponto de partida para compreender como o Jornalismo Literário Avançado propõe o resgate de uma prática narrativa mais profunda, sensível e comprometida com a vida. O Jornalismo Literário Avançado não é ortodoxo: ele transita entre a razão e a emoção, entre o sentir e o pensar, propondo uma escrita que envolva e desperte. O texto jornalístico, nessa perspectiva, não deve ser uniforme, mecânico ou superficial, mas expressar ritmo e densidade poética, respeitando o humano que habita as histórias.

Compreender o Jornalismo Literário implica também revisitar suas origens e perceber como ele se consolida como um campo híbrido entre jornalismo e literatura. Pesquisadoras como Monica Martinez (2008) destacam que a proposta desse gênero é atender a um impulso ancestral da humanidade: **o de narrar e ouvir histórias**. A autora retoma a estrutura mítica da Jornada do Herói como ferramenta que permite organizar experiências em narrativas com começo, meio e fim, construídas de modo a satisfazer um leitor exigente, acostumado desde cedo à lógica da narrativa e do encantamento. Há muitas maneiras de encadear os acontecimentos, mas o essencial é que a narrativa transforme o leitor

Nesse sentido, o texto jornalístico pode ser comparado à esfinge do mito: *“decifra-me ou te devoro”*, título de Maria Luiza Cardinale Baptista (1996), em que cada trecho da reportagem se torna um convite à imersão e à descoberta. Em sua produção, a autora inicia a reportagem *narrando tudo o que vê*: placas, outdoors, carros, ônibus, letreiros, nomes de ruas, pessoas, carros e movimentos que compõem o cenário urbano de Porto Alegre. A narrativa registra o ambiente com um

detalhamento cinematográfico, fazendo do cotidiano uma paisagem simbólica da vida em fluxo. No segundo parágrafo, ela desacelera o ritmo e escreve:

Calma. Nada de mais. Estamos num ônibus, indo em direção ao centro de Porto Alegre. Da janela, é possível avistar pedaços de uma cidade de concreto, gente, palavras, árvores, vento, sol, nuvens. Uma cidade grande, como tantas outras. Uma cidade ambiente urbano. Um lugar onde aproximadamente um milhão e 300 mil pessoas vivem. Chegamos. Terminal Praça Parobé. (Baptista, 2013, p. 12).

Ao começar o *lead* dessa forma, Baptista rompe com a rigidez da objetividade jornalística tradicional, apostando em uma liberdade narrativa que aproxima o leitor do ambiente, das sensações e das pessoas. Essa escolha revela uma escrita que privilegia o ritmo da observação e o tempo do sentir. O “Calma” não é apenas um pedido ao leitor, mas uma convocação à pausa e escuta do cotidiano. Assim, o texto se transforma em um convite a ver o que normalmente passa despercebido, convertendo o banal em experiência humana.

Nessa produção, ela entrevista Benino Almeida Sanches, motorista de ônibus que, antes fora caminhoneiro e no momento da reportagem celebra poder voltar para casa todas as noites; Maria Adelaine Tavares, doméstica que divide com as três filhas um saquinho de amendoim; Jussara Maria da Silva, vendedora que define a cidade em meio às pressas do cotidiano. Nas entrelinhas de suas falas, Baptista (1996) revela a cidade viva, pulsante e contraditória, um organismo feito de corpos, trajetos e histórias. Sua escrita é interpretativa, imersiva e dotada de força literária, aproximando-se do jornalismo interpretativo e das Narrativas de Vida. A cidade é narrada pela perspectiva de quem a habita, e não de quem a observa de fora.

Edvaldo Pereira Lima, criador da proposta do Jornalismo Literário Avançado e do método *Escrita Total*, é um dos principais responsáveis por esse movimento de renovação narrativa no campo do jornalismo. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo e pós-doutor pela Universidade de Toronto, o autor combina em sua trajetória o rigor acadêmico e a prática jornalística, integrando observação, ética e sensibilidade. Sua pesquisa amplia o entendimento do jornalismo enquanto prática estética, ética e transformadora, que une o pensamento científico à intuição e à experiência, buscando uma linguagem que não separe emoção de razão, mas as conjugue na criação de sentido.

Assim, pensar o Jornalismo Literário Avançado implica também compreender o papel do Jornalismo Interpretativo e das Narrativas de Vida. O primeiro ultrapassa

a simples descrição factual, oferecendo contexto, análise e sentido aos acontecimentos. Já as Narrativas de Vida deslocam o foco para a experiência individual e coletiva, transformando o sujeito em protagonista de sua própria história. É nessa confluência, entre análise e sensibilidade, entre escuta e escrita, que se insere esta pesquisa, que vê no Jornalismo Literário Avançado uma forma de estar com o outro, narrando o humano em sua complexidade.

3.2.1 JORNALISMO INTERPRETATIVO

É preciso iniciar este subcapítulo com a seguinte pergunta: o que busca o Jornalismo Interpretativo?

Segundo Edvaldo Pereira Lima, em sua obra *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* (2008), a modalidade interpretativa surge da necessidade de não deixar o público desprovido dos meios para compreender seu próprio tempo. O objetivo é ir além do relato factual, investigando as causas e as origens dos fenômenos, bem como suas prováveis consequências no futuro. Em essência, o Jornalismo Interpretativo “vai fundamentar sua leitura da realidade na elucidação dos aspectos que, em princípio, não estão muito claros” (Lima, 2008, p. 20).

Na prática, essa elucidação do que está mal explicado ou mal interpretado se corporifica mediante a inclusão de um ou mais dos seguintes "ingredientes" investigativos. O primeiro é o **Contexto**, que se refere à análise do fato ou da situação nuclear, buscando revelar a "rede de forças" que atua sobre o fenômeno e o impele a ser como é. A ele somam-se os **Antecedentes**, que têm o objetivo de resgatar no tempo as origens do problema, investigando como ele cresceu até eclodir. Essencialmente, o **Suporte Especializado**, seja por dados, pesquisas de opinião ou entrevistas com especialistas, oferece a sustentação que “evita a informação oca”, validando a análise.

O jornalismo Interpretativo também se utiliza da **Projeção**, que visa inferir, a partir do presente e do passado, os desdobramentos e consequências do caso. Por fim, o **Perfil** surge como o “lado humano” da reportagem, buscando humanizar o relato e emocionar o leitor ao lado da elucidação racional, já que o jornalismo é uma forma de comunicação voltada para o ser humano.

Para Lima (2008), essa abordagem “multiangular” permite uma compreensão da realidade que ultrapassa o linear, ganhando contornos sistêmicos, num esforço de estabelecer as relações profundas entre as causas e as consequências dos problemas que pautam o Jornalismo.

3.2.2 PERFIS E NARRATIVAS DE VIDA

Conforme estabelecido na seção anterior, um dos ingredientes fundamentais do Jornalismo Interpretativo é o **Perfil**, a ferramenta que humaniza o relato (Lima, 2008). Este subcapítulo aprofunda essa noção, inserindo-a no universo conceitual mais amplo das Histórias de Vida, uma modalidade central no Jornalismo Literário Avançado.

Edvaldo Pereira Lima (2002) é a referência principal para delimitar esse campo. Segundo o autor, as histórias de vida são definidas como: [...] narrativas centradas em indivíduos ou grupos sociais, cujo objetivo é elucidar situações e questões bem demarcadas, prioritariamente interessadas em focalizar a participação humana no desenrolar da história contemporânea em movimento.

Lima (2002) explica que essas narrativas podem ter duas funções distintas: podem existir exclusivamente em torno da figura humana selecionada, ou podem gravitar em torno dos protagonistas, servindo como ilustração ou complemento para a compreensão contextual de um tema mais amplo.

Dentro deste universo, o autor posiciona o Perfil como “uma espécie de história de vida” (Lima, 2002), mas com uma especificidade temporal muito clara. A proposta do perfil é:

[...] desenhar o retrato de um momento selecionado, atual, do(s) protagonista(s). Naturalmente, elementos do passado surgem aqui e ali para contextualizar o presente, tal como esboços do futuro aparecem, ocasionalmente. Mas o foco central da narrativa é o presente. (Lima, 2002, p.100).

Essa delimitação é crucial para diferenciar o perfil tanto da história de vida focada em episódios específicos quanto da biografia. Lima (2002) aponta que as histórias de vida, fora do padrão dos perfis, podem focar em “episódios escolhidos” ou “amplificar essa trajetória, buscando o entendimento de uma vida inteira”. É neste último caso que, segundo ele, “já passamos com fluidez para o território das

biografias", citando como exemplos os livros-reportagem de jornalistas como Ruy Castro e Fernando Morais (Lima, 2002).

A pertinência desta abordagem para a presente monografia revela-se e no encontro da metodologia com a temática. As "Histórias de Imigrantes Latino-americanos Residentes em Caxias do Sul", no contexto desta pesquisa, não são tratadas como homogêneas ou indivisíveis, mas sim através dos universos vivenciais de sujeitos com trajetórias únicas. O jornalismo, muitas vezes focado em dados factuais sobre a migração (quantos chegam, de onde vêm, que problemas causam ou enfrentam), arrisca-se a desumanizar o processo e a reforçar estereótipos. A adoção da perspectiva de Lima (2002, 2008), focada no Perfil e na Narrativa de Vida, é uma escolha ética e metodológica para contrapor essa tendência. Ela permite que as falas dos imigrantes latino-americanos emergjam em sua complexidade, resgatando a "participação humana no desenrolar da história contemporânea em movimento" (Lima, 2002) e situando-a no cotidiano de Caxias do Sul.

4 OS CAMINHOS DA ESCUTA: A ENTREVISTA NARRATIVA

Este capítulo apresenta detalhes da operacionalização da pesquisa no percurso metodológico realizado na investigação das experiências de imigrantes latino-americanos em Caxias do Sul. O foco central recai sobre a entrevista narrativa, que é aqui defendida não apenas como técnica, mas como um dispositivo de escuta que privilegia a memória, a subjetividade e a construção de confiança. Ao longo desta seção, a abordagem também será fundamentada teoricamente, na busca de discutir os contrastes entre a profundidade da narração com a simples descrição, destacando o potencial colaborativo da narração. Além disso, será detalhada a estrutura prática e a condução das entrevistas (conforme sistematizado no Quadro 8), explicando o processo de acolhimento, o estímulo à memória e as perguntas-chave que nortearam o diálogo, demonstrando como esta escolha metodológica foi essencial para compor os perfis jornalísticos que se seguem.

4.1 LATINO-AMERICANOS EM CAXIAS DO SUL: CONTEXTOS E PRESENÇAS

Falar dos latino-americanos em Caxias do Sul é reconhecer que cada chegada traz consigo uma história que não começa nem termina no território da cidade. Essas experiências se entrelaçam à vida urbana e se fazem sentir nos espaços ocupados. Para compreender tais contextos e presenças, esta pesquisa adota a entrevista narrativa como caminho metodológico: um dispositivo que privilegia a memória, a subjetividade e o ritmo do narrador, permitindo que cada sujeito organize e compartilhe sua trajetória como enredo. Mais do que recolher dados, trata-se de construir relatos em que a escuta e a palavra se encontram.

Os perfis jornalísticos construídos a partir das ‘com-versações’ possuem forma narrativa. São textos que se propõem a mergulhar nas experiências singulares dos participantes, costurando fragmentos de vida e fala em narrativas sensíveis e artesanais. O objetivo é compor retratos que não simplificam, mas complexificam; que não encerram, mas abrem possibilidades de interpretação e reflexão. Como afirma Walter Benjamin (1994, p. 205), “A narrativa não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele.” inspirado por essa perspectiva, o capítulo valoriza o tempo do narrador, o ritmo da memória e a

densidade dos detalhes, compondo narrativas que nascem do encontro e da escuta ativa, mais do que da observação distanciada.

A transformação da literatura ao longo do tempo é abordada por Lukács (1965), por meio das contraposições entre os fundamentos da estrutura e da composição narrativa. Entende-se que a narrativa se perpetua por meio da participação ativa do escritor diante de suas vivências e das contradições que observa na sociedade. No caso das entrevistas, esse princípio se traduz na necessidade de engajamento entre os interlocutores. Já a descrição se relaciona à observação dos fatos, sem necessariamente provocar interferências entre o acontecimento e os sujeitos envolvidos, o que tende a afastar o sujeito da situação observada.

Este trabalho busca, portanto, aproximar os sujeitos da narrativa. Ao narrar as histórias de imigrantes latino-americanos em Caxias do Sul, os participantes não são apenas narradores distantes, mas assumem o papel de personagens centrais de suas próprias vivências. Suas falas são carregadas de memórias e experiências, aquilo que se enraizou no passado, mas que ainda ecoa no presente. Nesse sentido, o campo da pesquisa, especialmente na vertente qualitativa, amplia-se como espaço fértil para a construção de narrativas mais sensíveis e profundas. Conforme Minayo (2012), fazer ciência implica articular teoria, método e técnica de forma integrada, considerando que esses elementos se condicionam mutuamente.

O modo de pesquisar depende das exigências do objeto de estudo, e a resposta ao objeto depende das perguntas formuladas, dos instrumentos utilizados e das estratégias adotadas para a coleta de dados. É justamente nesse contexto que cresce a relevância da entrevista narrativa como instrumento de investigação. Diante disso, a pesquisa consiste em apresentar a entrevista narrativa como técnica de pesquisa aplicada à metodologia qualitativa.

Para Jovchelovitch e Bauer (2002), as entrevistas narrativas são classificadas como instrumentos não estruturados, que visam à profundidade e à abordagem de aspectos específicos. É a partir desses meios que surgem as histórias de vida, não apenas do sujeito entrevistado, mas também de contextos paralelos que se entrelaçam à sua narrativa. Ao trabalhar com as histórias dos sujeitos da pesquisa, o pesquisador não acessa apenas a “vida narrada”; ele tem a possibilidade de construir um universo de ressignificações por meio do leque de caminhos que lhe são apresentados. A beleza dessa abordagem está justamente na reconstrução de

momentos que, como se diria no jornalismo, se aproximam dos critérios de noticiabilidade.

Jovchelovitch e Bauer (2002) também afirmam que as entrevistas narrativas são representações e interpretações de mundo ou, no caso desta pesquisa, de **mundos** (no plural). Isso porque lidamos com fronteiras tanto simbólicas quanto geográficas, com memórias e sentimentos que acompanham o sujeito migrante, desde seu país de origem até sua chegada a Caxias do Sul. Trata-se da construção de um verdadeiro ramallete de crônicas, que se inicia no nascimento, percorre a infância e segue em movimento, sem prazo de encerramento definido.

Essas narrativas expressam percepções moldadas por um tempo, espaço e contexto específicos. Para Muiyaert et al. (2014) uma das funções da entrevista narrativa é contribuir com a construção histórica da realidade e, a partir do relato de fatos do passado, promover o futuro, pois no passado há também o potencial de projetar o futuro.

Busca-se, nesta pesquisa, um *lugar de encontro* onde o passado e o futuro dos sujeitos migrantes possam se cruzar. Os motivos que os trouxeram até Caxias do Sul são diversos; as barreiras sociolinguísticas impactam de maneiras distintas a expressão de cada indivíduo; cada um sentiu, à sua maneira, as intempéries do nosso clima, e cada um foi acolhido de forma singular, aproximando-se ou afastando-se do que chamam hoje de país-casa.

A entrevista, neste contexto, torna-se o presente que conecta passado e futuro. É o fio que articula tempos distintos, ressignificando memórias e existência. Assim, o uso da entrevista narrativa ganha destaque devido à sua associação com a pesquisa biográfica. Para Alves (2020), um pesquisador que deseja fazer uso das narrativas em sua abordagem é conduzido a construir relações horizontais com os participantes, através das conversas, da escuta, da empatia, dessa postura compreensiva. São esses os valores que constroem os elos de confiança pelos quais a narrativa ganha forma e robustez.

Outra característica fundamental das entrevistas narrativas é seu caráter colaborativo: a história nasce da troca, do diálogo entre entrevistador e entrevistado (Creswell, 2014). É nessa interação que se alicerça a pesquisa. Jovchelovitch e Bauer (2002) também apontam que, por meio da narrativa, as pessoas reconstroem o que viveram, organizam a experiência em uma sequência e encontram possíveis explicações para os acontecimentos, através da cadeia de episódios que marcaram

suas trajetórias individuais e pessoais. Como afirmou o entrevistado venezuelano Jhonalbert, logo após a nossa primeira pausa na entrevista: “Nossa, isso é uma sessão de terapia.” E completou: “Ao lhe contar, vou me lembrando de fatos que, por muito tempo, minha cabeça havia apagado.”

Na entrevista narrativa, não se trata apenas de obter informações, trata-se de provocar memórias e acionar sentidos. O entrevistador convida o participante a contar uma história: um acontecimento, uma travessia. E quem narra o faz a partir de sua perspectiva de mundo, destacando os pontos que julga importantes. Nesse processo, a interação entre quem escuta e quem conta vai moldando os sentidos, revelando percepções antes silenciadas ou que simplesmente não haviam sido reconhecidas como relevantes.

Esse tipo de entrevista rompe com o modelo clássico de pergunta e resposta. Não há um interrogatório; há uma escuta comprometida. A pergunta inicial pode até ser do entrevistador, mas a direção quem toma é o narrador. Ele decide por onde começar, como organizar sua fala, o que escolher ou não contar. A interação se constrói em outro plano: no da confiança, da escuta, do respeito que vai se moldando ao longo da conversa. É preciso que isso ocorra com rigor metodológico, sem engessar a espontaneidade que dá corpo à narrativa.

4.1.2 ESTRUTURA E CONDUÇÃO DA ENTREVISTA NARRATIVA

A entrevista seguiu os moldes da entrevista narrativa, centrando-se nas experiências de vida de imigrantes latino-americanos em Caxias do Sul. Inspirada na metodologia proposta por Jovchelovitch e Bauer (2002), a condução da escuta se organizou da seguinte forma:

Começou com uma etapa de acolhimento e familiarização, abrindo espaço para que a pessoa narrasse sua história desde os marcos iniciais, o local de nascimento, o cotidiano de origem, os vínculos afetivos e, sobretudo, as memórias de infância. A pergunta “Como era o lugar onde tu vivias quando criança?” Buscou ativar um resgate sensorial e afetivo, ligando memória, território e identidade. Esse retorno ao passado funcionou como uma chave de abertura, permitindo que a memória fluísse de forma espontânea e subjetiva.

Em seguida, a pergunta “Por que motivos tu decidiste vir para o Brasil?” deu continuidade ao fio narrativo, deslocando o foco da origem para o trânsito. Durante a

fase de narração central, a escuta foi conduzida sem interrupções, permitindo que a entrevistada organizasse seu relato livremente, priorizando os sentidos que ela mesma atribui à sua trajetória. Após a sinalização de encerramento, vieram perguntas mais específicas, retomando trechos e aprofundando aspectos da vivência migratória.

Entre essas perguntas complementares, uma teve papel central para esta pesquisa: “Como tu percebes Caxias do Sul? Como é viver aqui sendo imigrante?”. Essa questão buscou evidenciar os afetos, tensões, pertencimentos e distanciamentos relacionados à cidade, conectando o relato individual a dimensões urbanas, culturais e identitárias do espaço habitado.

A entrevista concluiu com uma última provocação: “Se a tua vida fosse um livro, qual seria o título?” Uma tentativa de fechar o encontro com uma metáfora ou síntese escolhida por quem compartilhou sua história.

Quadro 8 - Estrutura das entrevistas

Acolhimento inicial	Conversa breve de aproximação, explicação dos objetivos e proposta da entrevista. Busca criar um ambiente de escuta e confiança.
Resgate da infância e do lugar de origem	Estímulo à memória afetiva e territorial com a pergunta: “Como era o lugar onde tu vivias quando criança?”. Serve como chave de abertura para o fluxo narrativo.
Início da narrativa	Convite para que a entrevistada conte sua história: “Por que motivos tu decidiste vir para o Brasil?”.
Narrativa livre	Espaço para que a entrevistada organize livremente sua história, com escuta ativa e mínima interferência.
Perguntas complementares	Retomada de pontos abordados,

	aprofundamento de sentidos e tensionamentos da experiência migratória.
Percepções sobre Caxias do Sul	Pergunta: “Como tu percebe Caxias do Sul? Como é viver aqui sendo imigrante?”. Busca compreender a relação com a cidade atual.
Encerramento	Questão final aberta: “Se a tua vida fosse um livro, qual seria o título?”. Gesto de fechamento reflexivo.

Fonte: Elaborada pelo autor com base em Jovchelovitch e Bauer (2002).

Azevedo e Gomes (2019) apontam que os elementos de tempo e espaço são centrais na construção narrativa, mas não em sentido linear. A temporalidade nas histórias de vida dos imigrantes não obedece a cronologias rígidas: memória e vivência transcorrem por tempos sobrepostos, indo e voltando conforme o fio do afeto ou da dor. Entender esse tempo íntimo é compreender melhor quem fala. Da mesma forma, o espaço onde essa narrativa se ancora: o bairro, a rua, a casa de antes, a cidade de agora, é também parte do que costura os sentidos. O lugar vivido e o lugar narrado têm peso simbólico, e ajudam a costurar o tecido do pertencimento.

Campos (2010) lembra que interpretar narrativas ainda representa um desafio para o pesquisador: não existe uma única técnica ou caminho. O que se busca não é esgotar os sentidos, mas abrir possibilidades. A narrativa, neste trabalho, é entendida como gesto de elaboração. Como forma de o sujeito reconstituir sua trajetória diante da escuta comprometida do pesquisador.

Segundo Lira (2003), as entrevistas narrativas são estratégias para fazer emergir histórias, e por isso mesmo podem ser analisadas de diferentes modos após sua transcrição. Mas é na transcrição que tudo começa, e ela precisa ser feita com o máximo de fidelidade possível. As pausas, os silêncios, o tom da voz: tudo isso importa. O gesto de rir ou suspirar também faz parte do conteúdo. A presença do

pesquisador na escuta e na transcrição garante não apenas precisão, mas respeito à forma como o entrevistado quis se contar. Afinal, a entrevista é, antes de tudo, uma interação e é dentro dessa interação que as histórias ganham potência.

5 UNIVERSOS VIVENCIAIS: PERFIS E COM-VERSAÇÕES

Este capítulo é o coração da pesquisa, dedicado à apresentação das narrativas dos imigrantes latino-americanos. A escuta e a abordagem de cada história são fundamentadas no conceito de *sentipensar*, uma postura ética e epistemológica que orienta o trabalho, buscando "agir com a cabeça e o coração ao mesmo tempo". Partindo dessa premissa, as entrevistas alicerçam-se no conceito de 'com-versações', de Maria Luiza Cardinale Baptista (2021), entendidas como um encontro dialógico pautado pela confiança. Para organizar a exposição de cada história, foi desenhada uma estrutura fixa: o texto inicia-se com a Antessala, que, como o nome sugere, funciona como a sala que precede o espaço principal. Nela, o pesquisador relata os bastidores, o contexto do encontro, como conheceu o entrevistado e apresenta uma figura do retrato do participante produzido pela artista Thalia Rossi Silveira. Em seguida, o leitor adentra a sala principal: a 'com-versa', que traz a transcrição da narrativa do imigrante, mantida rigorosamente em primeira pessoa para preservar sua voz, ritmo e subjetividade. Ao final de cada 'com-versa', um Quadro Síntese resume os principais trechos daquela trajetória individual. Por fim, após a apresentação de todos os perfis, o capítulo é encerrado com Quadros Comparativos que analisam os pontos-chave de forma conjunta, sintetizando as falas de todos os entrevistados.

5.1 A ESCUTA SENTIPENSANTE: NARRATIVAS DO ENCONTRO

Antes de mergulhar nas histórias de vida narradas neste trabalho, é necessário explicitar com que escuta e com que intenção essas vozes foram acolhidas. Este capítulo se aproxima do conceito de *sentipensar*, proposto por Orlando Fals Borda (2015) e aprendido com os pescadores do rio San Jorge, na Colômbia. Mais do que um método, *sentipensar* é uma chave simbólica e epistemológica que orienta esta pesquisa: trata-se de agir com a cabeça e o coração ao mesmo tempo, de pensar com afeto. Não é uma técnica, mas uma postura ética diante do outro e de si.

Na cultura anfíbia descrita por Fals Borda (2015), esse saber nasce dos que vivem entre a terra e a água, aqueles que remam, plantam, pescam. Gente que habita os espaços livres e ameaçados das lagoas, canais e campos alagados. O

verdadeiro conhecimento, nessa perspectiva, não pertence aos donos das margens ou dos cercamentos, mas àqueles integrados aos ciclos da natureza. São essas pessoas que, com simplicidade e força, cunharam o termo *sentipensante*: gente que não separa o saber do sentir.

Fals Borda (2015) nos lembra que compreender essa cultura exige afastar-se dos grupos privilegiados que cercam e exploram os rios em nome do lucro. Inspirado nisso, este trabalho também busca distanciar-se dos discursos midiáticos dominantes, que frequentemente reduzem os imigrantes a estereótipos, números ou categorias simplificadas. É preciso remar para dentro, rumo aos povoados da experiência individual. Cada ‘*com-versação*’ realizada nesta pesquisa buscou alcançar essa margem viva, muitas vezes silenciada, onde a complexidade das histórias não cabe em rótulos ou pautas fechadas.

Ao optar por caminhar ao lado de imigrantes latino-americanos em Caxias do Sul, esta pesquisa adere ao mesmo gesto: escutar com o tempo do rio. Ouvir alguém contar sua história de vida é, em alguma medida, atravessar seus canais internos, afetos, perdas, alegrias, silêncios. É remar e nadar junto, como fazem os homens e mulheres das águas, sem pressa, sem atalhos. Por isso, mais do que entrevistar, buscou-se aqui ‘*com-versar*’: criar um espaço onde fosse possível falar com liberdade, sem o filtro rígido da objetividade jornalística tradicional.

Fals Borda (2015) também nos oferece outro símbolo potente: o **homem-icotea**, inspirado na tartaruga da região de San Benito Abad. Ser um homem-icotea é ser resistente, é saber esperar. É alguém que conhece o ritmo da vida e respeita os ciclos. A *icotea* sobrevive à seca e floresce quando a água retorna. É isso que fazem, à sua maneira, tantos imigrantes que atravessaram fronteiras, crises, distâncias e desempregos e seguem reinventando a vida com afeto e persistência.

Este trabalho se aproxima dessa condição: escutar como quem espera a água voltar após a estiagem, atento aos menores sinais de umidade. O olhar *sentipensante* está tecido no gesto de quem escuta o outro não como dado, mas como rio. Cada história que será contada a seguir carrega algo da *icotea*: resistência e ritmo. São histórias que não apenas informam, mas que transformam.

5.2 ANTESSALA: JHONALBERT ENRIQUE RAMÍREZ SUAREZ

Venezuelano
Estudante de filosofia
20 anos

“Passei por esse sentimento de orfandade. [...]
Tem uma parte de mim que fica guardada,
que não vira ato, que vira impotência.

Figura 1 - Retrato de Jhonalbert Enrique Ramírez Suarez



Sábados ociosos, eu costumava frequentar o Arco da Velha para desfrutar de uma boa leitura acompanhada de um café. Durante uma janela de tempo, quem me atendeu lá foi o Jhonalbert.

Ele sempre se demonstrou muito interessado pela literatura que eu estava lendo; fazia perguntas, queria entender o enredo, os desfechos, o autor. Eu sabia que toda vez que ia tomar um café, seria bem recebido por ele e poderia desfrutar de uma breve conversa antes de fazer o meu pedido, e antes que as convenções do trabalho o roubassem da minha mesa para atender outros clientes.

Numa segunda oportunidade, vivendo a vida noturna de Caxias do Sul, tive a chance de conhecer um *novo* Jhonalbert. Bem asseado, com um blazer cinza e uma boina, ali, em meio ao barulho da música e da rua, tivemos conversas. Aprendi muito mais sobre ele: não somente como quem me atendia, mas como um ser cheio de particularidades. Um ser intrigante que, em meio àquela boemia, cativou minha atenção.

Ficamos um bom tempo sem nos falar. Foi então que, ao decidir o tema do TCC, soube que poderia chamá-lo. Para ser honesto, eu não sabia sua nacionalidade. Mesmo sabendo que ele já havia me contado uma vez, a embriaguez da noite em que nos tornamos amigos talvez tivesse me feito esquecer alguns detalhes importantes.

Eu não tinha seu número de celular, então chamei-o pelo Instagram. Ele se demonstrou muito receptivo e marcamos a entrevista.

Essa foi a primeira entrevista do meu TCC, então também serviu para ‘calibrar’ o andamento das próximas. Primeiramente, fui à casa da minha mãe, que ficava a meia quadra do Café do Bosco 53, o lugar onde nos encontramos. Arrumei as lapelas, revisei as perguntas e, com certa antecedência, me direcionei até o café. O clima era de uma chuva chata, fininha. Cheguei, e a minha fonte, Jhonalbert, chegou 10 minutos atrasado, pegando chuva, sem guarda-chuva. Aquele atraso típico de um bom caxiense que marca às duas e chega às duas e dez. Não julgo, porque geralmente faço o mesmo.

O café estava movimentado, bastante barulho. Preocupei-me com a captação, mas felizmente deu tudo certo. Pedimos um chá, nós dois.

Jhonalbert fala. E fala muito. E se deixar, continua falando um pouco mais. Isso foi excelente para a entrevista.

O que mais me chamou a atenção foi a forma como ele contava as maiores adversidades de sua vida. Fosse o adoecimento por hepatite, fossem as noites que cresceu dormindo no relento, fossem as condições injustas que vivenciou em seu país de origem, a Venezuela, ele sempre contou tudo dando risada. Como se fosse uma coisa... como se tudo tivesse passado. Talvez isso seja um detalhe tão profundo que só a Psicologia consiga explicar, mas a verdade é que ele contou tudo de uma forma leve. Isso foi extraordinário.

Jhonalbert conversava tão intensamente que esqueceu o chá, deixando a xicara suar e transbordar no pires. Estudante de Filosofia, ele faz análises profundas sobre a sociedade; é um deleite ouvi-lo. Ele não gosta de Caxias e sonha com Portugal, o que me fez lembrar de Machado de Assis e o desejo pelas noites em Lisboa em *Memórias Póstumas*. Se voltar para cá foi uma frustração, ele também conta da sorte que teve: um amigo decidiu 'patrocinar' e pagar sua faculdade.

A conversa findou, mas a chuva não. Continuava aquela mesma chuva chata, fina. Depois da nossa entrevista, rodeada de burburinhos dos clientes no café, Jonabert saiu e foi-se embora com a mesma chuva e sem guarda-chuva. Eu, como a pessoa que o "alugou" por mais de duas horas, disse que pagaria a conta. Nossos dois chás, um dos quais, o de Jhonalbert, ele bebeu frio.

5.2.1 COM-VERSA: JHONALBERT ENRIQUE RAMÍREZ SUAREZ

Meu nome é Jhonalbert Enrique Ramírez Suarez, tenho 20 anos, estou fora da Venezuela há sete e estudo Filosofia. Antes de explicar por que vim para o Brasil, preciso demarcar algumas coisas. Nasci numa família de classe média. Meu pai trabalhava como "cuidador de adolescentes privados de liberdade."

Com a crise política e econômica, os serviços básicos começaram a sumir. A queda do preço do petróleo travou as importações e estagnou o mercado interno. Faltava tudo: comida, transporte, saúde, educação. A corrupção corroía o país. Em muitas casas, não havia mais água, nem luz.

A vida, naquele contexto, não deixava espaço para os sonhos. *Viver ali era sobreviver. O ser humano precisa de um horizonte, de planejamento. Mas não havia como guardar dinheiro, não havia futuro. A vida era para hoje. E o amanhã? Ninguém sabia. Era uma tensão constante, uma sensação de alerta que não passava. O stress, a angústia, a desesperança.*

Nós fomos vendendo a geladeira, máquina de lavar, ar-condicionado. No nosso caso, convertemos tudo em dólares, e depois em bolívares. Em 2018, conseguimos juntar o equivalente a R\$3 mil. Na época, era muito dinheiro. Foi com esse valor que decidimos partir.

Fomos até a rodoviária do Estado Bolívar, no sul da Venezuela, região amazônica, longe da capital. Partimos atravessando toda a savana venezuelana. O problema eram os policiais. Meu pai havia trocado os dólares por bolívares e

viajávamos com malas cheias de dinheiro. Além disso, levávamos pepitas de ouro, um ativo mais seguro.

Vimos eu, meu pai e uma amiga.

Mas os desafios aumentaram quando chegamos ao Brasil. A barreira linguística era forte. A travessia aconteceu por Pacaraima, em Roraima, fronteira com Santa Elena de Uairén, na Venezuela. Logo que passamos a fronteira, tudo mudou: as ruas, as fachadas, os carros. O que mais me impressionou foram os carros. Na Venezuela, os veículos eram quase todos dos anos 80. Ver carros modernos parecia um delírio.

Na entrada, selamos nossos passaportes. Na época, o governo brasileiro, por razões humanitárias (ou políticas), facilitava a entrada e o processo de residência. Ficamos de dois a três dias na fronteira. Havia um posto militar e barracões improvisados para acolher os imigrantes.

Fomos recebidos com comida: uma sopa servida em copinhos de plástico, com massa, milho e carne, de origem duvidosa, talvez, mas foi a melhor coisa que poderíamos ter. Eu comi muito. A abundância de comida, depois de tanta escassez, era um choque. Não sei traduzir em palavras o que senti. Quando o ser humano vive na carência, seu comportamento muda, seus valores mudam. A fome muda tudo.

Naquele mesmo dia, fomos vacinados, mesmo sem entender o que nos diziam.

O processo burocrático começou logo. Longas filas, militares organizando os grupos, coleta de digitais, fotos, escaneamento da íris. Mesmo assim, não era algo tenso. A gente ria, fazia piadas. Por mais que fosse uma situação difícil, vivíamos aquilo com alívio. Havia esperança. Dormimos na rodoviária, cheia de gente pelo chão. Nós tínhamos uma barraca, um privilégio no meio do caos.

Como comentei, nasci em uma família de classe média. Lembro que as pessoas na Venezuela eram muito receptivas, de falar muito, de encostar, de abraçar. Aqui em Caxias do Sul, tem uma senhora que tem um barzinho e vende chicha, uma bebida típica da Venezuela. Sempre que a encontro, ela diz: ‘Oi, querido! Oi, meu amor! Como tu tá?’ Isso não é flerte, é cultural. Lá, as pessoas se tratam assim: mi amor, te quiero. Esse calor humano faz parte de quem somos.

Na minha família, as reuniões eram frequentes. Viajávamos muito. Íamos à praia quase todo final de semana. Passávamos dias em Maracay, no estado de Aragua, ali do lado da capital, Caracas. Essa vida de classe média moldou minha visão de mundo. Eu não sabia que com os outros era diferente. Estudei em escola pública, morávamos em um apartamento com três quartos, sala, todos os móveis em madeira, artesanais, lindos. Minha mãe não trabalhava. Meu pai era servidor público. Tínhamos um certo poder aquisitivo.

Tudo começou a mudar com a separação dos meus pais. Fui morar com meu pai em Maturín, uma cidade mais afastada, no oriente do país, a umas oito ou nove horas da capital. Lá, ele comprou uma casa. Era a época do governo Chávez. Faltava leite com frequência. Começou a ter problemas na represa El Guri, por causa da seca. As falhas no fornecimento de energia passaram a ser constantes. Com o tempo, tudo foi ficando mais difícil: produtos, serviços, filas nos mercados. Eu tinha uns 10 anos.

Como meu pai tinha contatos, conseguíamos burlar algumas limitações. Mas a escassez era real. As viagens pelo país se tornaram perigosas. Lembro que ônibus foram apedrejados por pessoas que viviam às margens das estradas. Roubo de comida, de telefone, viajar tornou-se risco. A polícia era altamente corrupta. Se

you were carrying food in abundance, they had the permission to confiscate a part.

O país racionava alimentos. Só podíamos ir ao mercado em dias específicos, de acordo com o número final da identidade. E mesmo assim era uma loteria. Às vezes, no seu dia, tinham cinco quilos de arroz à venda. Em outro, só dois. A quantidade diminuía com o tempo. Faltava de tudo: maionese, Harina P.A.N: uma farinha de milho essencial na alimentação venezuelana. A gente a comia de manhã, de tarde, de noite. E havia dias em que não se achava mais nada. Os militares controlavam a fila. As pessoas chegavam de madrugada, às 3h, 4h. Quem chegava tarde, ficava sem.

Como meu pai era funcionário público, acabava tendo privilégios: entrava antes, conseguia mais. Ficou funcionando assim durante muito tempo, as pessoas brigavam, passavam a noite toda na fila.

Mesmo com todas essas dificuldades, minha infância foi relativamente tranquila. Nunca faltou nada dentro de casa. Sempre viajei, estive cercado da minha família. Minha avó foi professora na Universidade Central da Venezuela. Meu pai também deu aula. Desde cedo, fui incentivado a estudar.

Na fronteira com o Brasil, recebemos um visto provisório. Entramos no país com uma mala de dinheiro. Mas a inflação na Venezuela era galopante. Lembro de um sorvete chamado "Tetas". Um dia custava 1 bolívar. Na semana seguinte, 2. Depois, 4. Tudo aumentava rápido demais. Com 3.000 bolívares, trocamos por cerca de R\$500. Juntamos mais R\$200 vendendo pepitas de ouro. De Pacaraima até Boa Vista, gastamos R\$150 para nós três.

Chegando lá, ficamos na rodoviária. Meu pai chegou a vender um casaco com a bandeira da Venezuela por R\$100. Somando tudo, tínhamos uns R\$650. Queríamos ir para Manaus, onde havia pessoas conhecidas para nos receber. Mas as passagens custavam de R\$100 a R\$200 por pessoa, não dava. Ficamos três dias na rodoviária tentando encontrar uma solução.

Foi quando aprendi minha primeira palavra em português: carona.

Nos explicaram que, nos postos de gasolina, poderíamos tentar pegar carona com os caminhoneiros. Mas muitos não podiam nos levar por causa das câmeras de segurança nos caminhões. Chegamos em um posto às seis da tarde, caminhamos bastante. Perguntávamos, e a resposta era sempre 'não'. Até que um motorista de ônibus disse que podia nos deixar em Rorainópolis. Não sabíamos onde era, mas era no caminho para Manaus. Fomos.

Nos deixou em outro posto, no meio do nada. Duas da tarde, sem ter comido nada. O restaurante era caro para nós. Enquanto esperávamos uma nova carona, vimos venezuelanos caminhando a pé pela estrada. Alguns sem sapato, os pés cheios de bolhas. E mesmo assim continuavam. Porque o que restava? Era seguir.

Conseguimos carona num caminhão antigo, dos anos 70, carregando madeira. Chegamos a Rorainópolis e nos abrigamos debaixo de uma árvore de manga, às margens da BR que leva a Manaus. Ali montamos uma rede e nos revezávamos para dormir. Havia banheiro com chuveiro no posto. Um venezuelano que morava na cidade passava todos os dias, nos trazia comida, perguntava se precisávamos de algo.

Bebíamos água do posto. Tivemos a ideia de fazer um cartaz pedindo carona. Uma senhora de um mercadinho traduziu para o português e nos ajudou. Revezávamos segurando o cartaz. Às vezes paravam, mas só podiam levar duas pessoas e a gente não queria se separar.

Os ônibus cobravam R\$150 para Manaus, o que ainda era muito. Então começamos a pedir dinheiro no posto. Em dois dias, arrecadamos uns R\$600. As pessoas nos desejaram boa sorte.

Teve uma moça naquele posto de gasolina que disse que podia nos dar uma carona à noite, mas só para duas pessoas. Ficamos conversando e, no fim, fui eu e nossa amiga, Mariana. Meu pai ficou. Chegamos na rodoviária de Manaus, e a paisagem era basicamente mato por todos os lados. E um calor do inferno.

Enquanto isso, meu pai conseguiu chegar até uma reserva indígena, mas ficamos completamente incomunicáveis. Os indígenas tinham fechado a BR. Às vezes deixavam passar, às vezes não. Ele conseguiu fazer um acordo com um motorista de ônibus, trocando uma mala com utensílios de cozinha, inclusive um liquidificador, por uma carona até Manaus. Chegou no dia seguinte.

Meu pai se chama Oscar. Nossa amiga Mariana.

Fomos recebidos por algumas pessoas que nos ofereceram um abrigo. A casa era pequena: dois quartos, uma salinha e uma cozinha minúscula. Vivíamos ali nós três e dois casais de cubanos, dividindo dois quartos. Na frente da casa havia uma poça de água parada onde os dejetos da pia se acumulavam, e o cheiro era horrível, misturado ao calor e aos mosquitos. Não tínhamos camas. Havia um mercadinho em frente, recolhemos as caixas de papelão que eram descartadas para forrar o chão e dormir. E funcionava. Aos poucos, fomos descobrindo alternativas para sobreviver, como o comedor social, onde conseguimos alimentação.

Foi ali em Manaus que adoeci. Por conta da água parada e dos mosquitos, acabei pegando hepatite. Comecei a ficar amarelo.. Tinha o cartão do SUS, então fomos ao Hospital Tropical, especializado em doenças da região. Depois me transferiram para outro hospital, onde acabei internado. Às vezes a doença parece um mal em si, mas, nesse caso, acabou sendo um alívio. Tive um quarto só para mim e meu pai. Dormíamos em cama confortável, comíamos três vezes por dia, usávamos banheiro limpo e tínhamos ar-condicionado, o que, no calor de Manaus, é praticamente um milagre. Fiquei duas semanas internado, e foi um pequeno paraíso naquele caos.

Passamos o Natal no hospital. Foi estranho. Como imigrante, a gente não celebrou da forma como estava acostumado. Mas estávamos vivos e bem. Senti falta da família, da conexão com os nossos. Não conseguíamos nos comunicar com ninguém de lá. Bateu um sentimento forte de orfandade. **Mas eu sabia: ainda não era tempo de morrer.**

Minha avó era mórmon. Meu pai se aproximou da igreja dos Santos dos Últimos Dias e pediu ajuda para encontrar trabalho. Foi aí que conhecemos a Cida, uma senhora de uns 60 anos que nos acolheu. Ela tinha um restaurante informal em casa, onde comíamos. Era R\$10 a marmita. No início, estranhei comer arroz com macarrão, mas depois me acostumei com a comida. Neste momento, nos afastamos da Mariana. Ela continuou na casa com os cubanos, mas depois conseguiu ir para Santa Catarina.

Veio o dia 31. As ruas estavam cheias, animadas. Famílias, crianças, gente conversando alto, comemorando. A gente não entendia nada do que diziam. Ficávamos só assistindo à TV. Logo depois me matricularam na escola e fui batizado na igreja mórmon. Meu pai arrumou alguns bicos, mas não dava para nos sustentar.

Minha avó queria sair da Venezuela, mas não queria ir para o Peru. Com a grande imigração de venezuelanos, países hispanofalantes começaram a apresentar **casos graves de xenofobia**. Esse também foi um dos motivos pelos quais escolhemos o Brasil, mesmo com a barreira da língua. Ela se comunicava com a

igreja da Venezuela, que articulava com a central brasileira, e conseguiu vir para Caxias do Sul.

Com ajuda da igreja, também conseguimos vir para o Sul. Nessa época, eu sentia uma saudade profunda do meu país-casa, da Venezuela. Sentia falta dos familiares, dos amigos, das ruas, das vozes. **A língua está diretamente ligada à construção da nossa identidade** e do nosso pertencimento. E estar longe disso é como perder uma parte de si.

Em Manaus fazia um calor desgraçado. Chegar em Caxias do Sul, já no outono, foi como atravessar uma porta gelada. A igreja pagou nossa passagem de avião. Viajamos de Manaus até o Amapá, do Amapá para São Paulo e, finalmente, até o aeroporto de Caxias do Sul.

Fazia um frio do cão. Eu já falava Português, me virava bem, mesmo com aquele sotaque carregado e misturado com espanhol. Mas o Sul era um choque. Lembro bem daquele dia chuvoso em que cheguei, a chuva caía fina e constante, uma chuva chata. As árvores eram diferentes, o clima era outro. **A adaptação começava ali, pela pele.** Começaram os choques culturais mais fortes. Fomos acolhidos por meus avós e irmãos da igreja. As ruas de pedra, a neblina e o frio contrastavam com o calor abafado de Manaus, onde vivíamos até então.

Chegamos a uma casinha confortável, com dois quartos, sala, bem bonitinha. Pouco tempo depois, voltei a estudar. Foi quando me deparei com as marcas visíveis das diferenças do Sul. Não foi fácil me acostumar. Um mês depois, mais familiares conseguiram vir para Caxias, por causa da rede de apoio da igreja. Mas, apesar disso, eu não me sentia pertencente à religião. **Achava tudo opressivo**, não era para mim.

Minha prima também chegou em Caxias. Fomos matriculados na escola Cristóvão de Mendoza, mas morávamos no bairro Kaiser. Foi aí que aprendi a pegar o Visate. Não conhecia a cidade, não conhecia as linhas, só sabia que tínhamos que sair de casa às seis da manhã, no meio de uma neblina espessa, daquele frio desgraçado. As roupas que tínhamos aqui eram doadas, roupas que eu odiava, mas tinha de usar. Tínhamos 14 anos, e aprendemos a andar de ônibus sem saber direito a língua. Perguntávamos aos motoristas, sempre com receio, e ainda assim ninguém respondia com um “bom dia”.

Me lembro bem do primeiro dia de aula. A escola era fria e antiga, os corredores infinitos. Eu e minha prima ficamos num canto, isolados. Ela ainda não falava Português. A sala estava dividida em grupos e nós chegamos no meio do ano. O pessoal era muito fechado. No intervalo, só conversávamos entre nós. De vez em quando, alguém vinha curioso perguntar de onde éramos, mas logo ia embora. Não fiz amizades, nem na escola, nem na igreja, onde a distância moral e ideológica era ainda maior. Sempre fui brincalhão, falante, mas fui ficando introspectivo. **A solidão virou rotina.**

Comecei a desenvolver depressão. Falo muito da questão da saudade, mas na época também comecei a reprimi-la. Não fui o único: minha mãe, minha irmã, minha prima e minha tia também passaram por isso. Era tudo vinculado ao sentimento de orfandade, a ausência de pertencimento, a **impossibilidade de se inserir num novo mundo.** Meu pai conseguiu um emprego num posto de gasolina e trabalhava lá fora, naquele frio cortante. Depois conseguimos alugar uma casa no bairro São Caetano. Fui transferido de escola de novo e, mais uma vez, não consegui me enturmar. A relação com os colegas era estranha, distante. Não havia laços, me sentia deslocado.

Mesmo depois de anos no Brasil, ainda percebo essa barreira. Digo que estou aqui há sete anos, mas quando falo que sou venezuelano, algo muda na conversa. Antes, era mais evidente. Eu não entendia as gírias, as piadas, os assuntos: futebol, cinema, memes... tudo parecia estrangeiro. O frio, a cultura, o isolamento e a falta de amizades me levaram a um estado emocional que eu não conhecia, a tristeza, a angústia. Hoje sei que era depressão, mas na época, eu só sabia que havia algo pesado me deixando para baixo.

Meu pai, guardando dinheiro aos poucos, conseguiu trazer minha mãe e uma sobrinha. Elas ainda estavam na capital. Meus pais eram separados.

Lá, ainda havia formas de conseguir comida, mas sempre atravessadas pela corrupção. Conhecíamos pessoas que tinham acesso a estoques de alimentos, mas vendiam tudo pelo dobro do preço. Era assim que minha mãe se mantinha. Não era vida, era sobrevivência. Mais tarde, minha irmã também veio para Caxias, e aos poucos mais familiares foram chegando.

Sobre viver no Sul, há sempre essa questão de **afastamento cultural**. Mas, na minha experiência, o que mais me marcou foi a depressão. Isso moldou minha visão sobre Caxias do Sul. Se você nasceu aqui, não é estranho o modo como as pessoas agem. Mas para quem chega de fora, as diferenças são gritantes.

A **pandemia** chegou em 2020. Eu estava no primeiro ano do ensino médio. Havia feito alguns amigos, amizades que mantenho até hoje. Mas aí veio o isolamento, tudo parou. Meu pai foi demitido. Morávamos em cinco pessoas numa casa pequena: eu, meu pai, minha mãe, minha irmã e minha sobrinha. Passamos meses trancados, no frio, sem contato com o mundo. Foi quando comecei a discutir mais com meu pai. Discutíamos muito, mas eram debates saudáveis, e isso me ajudou a desenvolver interesse por Filosofia.

Entrei num grupo de escoteiros mais tarde. Viajava, guardava dinheiro, me sentia feliz. Mas o Brasil estava mal economicamente. A verdade é que nosso sonho nunca foi ficar no Brasil. Nosso sonho sempre foi a Europa. Foi então que, em dezembro de 2021, fomos para Portugal.

Lá em Portugal foi diferente. Pude voltar a circular, a viver com certa liberdade. E, pela primeira vez em muito tempo, consegui me inserir rapidamente na cultura. Ninguém se importava muito com ‘de onde você vem’. E isso, quando comparo com Caxias do Sul, é bem diferente. Lá, o que me definia era onde eu estava e o que eu fazia naquele momento. Aqui em Caxias, o que me define é de onde eu vim, e não quem eu sou. [...] Existe uma separação muito clara entre Caxias do Sul e os imigrantes. Tive que voltar para Caxias para fazer a prova do Enem. E aí bateu uma frustração enorme. Ter ido até lá e voltado pra cá foi, pra mim, um fracasso. Um sentimento de que não consegui prosperar. E foi assim que comecei a ver a cidade: como frustração.

A cidade é um conceito abstrato. Não dá pra tocá-la. A cidade é o nome que damos pro aglomerado de casas, indústrias, pessoas, e tudo que acontece nas trocas humanas. Eu caminho pelo centro e acho um ‘porre’. Não entra na minha cabeça como uma cidade com meio milhão de habitantes pode ser tão pobre culturalmente. A arquitetura é simples, funcional demais. **A praça Dante, por exemplo, não é um lugar de troca, de convivência.** Ela é só uma passagem. Não representa os caxienses.

Tem toda a questão da imigração italiana, mas muita gente aqui nem entende o peso disso. **A praça se chama Dante Alighieri, mas poucos sabem quem foi Dante.** Falta conexão com a essência da coisa. A identidade parece ser reduzida a uma ideia simplificada: “eu sou italiano e eu trabalho”.

Os espaços públicos aqui não são espaços de troca. São passagens. Ninguém se reúne na praça. É só um ponto de encontro pra ir pra outro lugar. E isso é diferente do que vivi tanto na Venezuela quanto em Portugal. Lá, a gente marcava de se encontrar na praça e ficava lá, era o ponto de convivência. Mesmo os parques. Aqui em Caxias, o Parque dos Macaquinhos é bem cuidado, mas tem momentos em que dá sensação de insegurança. À noite, então, é impensável ir. Mal iluminado, vazio... não acolhe. Não é um lugar de pertencimento.

E isso faz falta. Esses espaços são essenciais para criar identidade. São nesses lugares que a gente sente que pertence. **Eu me sinto órfão em Caxias do Sul.**

Quando cheguei aqui, precisei suprimir a saudade e, junto com ela, também comportamentos culturais e linguísticos. A forma como a gente fala do mundo constrói o mundo. As palavras se conectam com objetos, com lembranças. Se essa mesa aqui te lembra a mesa da tua avó, ela não é só uma mesa, ela carrega sentimento. As palavras têm vínculos emocionais. E isso influencia muito na sensação de pertencimento.

Passei por esse sentimento de orfandade. Por mais que eu fale Português fluentemente, tem coisas culturais que não consigo mostrar. **Tem uma parte de mim que fica guardada, que não vira ato, que vira impotência.**

A música, por exemplo, é essencial para a identidade. Eu amo ouvir Belchior, um pagodinho, um sambinha. Mas tem o outro lado. Tem aquela parte que não posso mostrar. Por mais que eu traduza uma música como Evidências para alguém, como se compartilha o sentimento coletivo de cantar junto? É um sentimento que se vive em grupo. Quando tu se separa do grupo que vive isso contigo, tu sente uma ausência.

Conheci um cara que abdicou completamente de falar espanhol. Ele entende, mas não fala mais. A gente vai abrindo mão das coisas para ser aceito. Vai apagando partes de si para caber. A gente deixa de se expressar para não gerar estranhamento nos "iguais". Se comporta diferente, não fala certas coisas... e abdica de uma parte da própria identidade.

Essa consciência foi se desenvolvendo com o tempo. Essa perspectiva está totalmente ligada ao meu primeiro contato negativo com Caxias do Sul.

Hoje, eu não sou mais venezuelano. Também não sou brasileiro. E, mesmo se dissesse que sou, não me identifico com o Sul. Talvez, se fosse para dizer algo, diria que sou um brasileiro do Nordeste. Claro, nasci na Venezuela, mas a nossa **identidade subjetiva** está sempre em transição. Do Sul ao Nordeste, o termo brasileiro muda. A brasilidade muda. A identidade nacional é algo flutuante. E eu não posso mais dizer que sou venezuelano, porque se eu voltasse pra lá, ficaria chocado com muitas coisas. Já faz muito tempo que não piso naquele país.

Quando a dona do bar que me vende a bebida chicha me chama de mi amor, eu fico envergonhado. Antigamente, na Venezuela, isso era comum: Mi vida, Estoy bien, papi, e o "papi" não era um termo sexual. Hoje, me causa estranhamento, parece que a gente foi se afastando dessas expressões. Claro, é só um exemplo.

Um dia, fui comprar chicha e tinham uns venezuelanos por perto. Um deles usou a palavra "empanturrado". Quando ouvi, achei tão vulgar... É uma palavra usada no popular, mas a sonoridade me soou estranha, fazia muito tempo que não escutava aquilo.

Quando voltei de Portugal, queria ir embora de novo. Não queria ficar no Brasil, nem a pau. Fora meu desgosto pessoal por estar aqui em Caxias do Sul. Tinha passaporte, dinheiro, tudo, mas não rolou. Até que um amigo se ofereceu para

pagar minha universidade. Sinceramente, ninguém aparece do nada e te oferece isso duas vezes na vida. Mesmo eu querendo muito ir para Portugal, decidi ficar e aceitar.

Tentei História, mas odiei. Peguei a nota do Enem e usei para entrar em Filosofia. Tive que argumentar comigo mesmo: já não passei a vida toda fazendo o que não queria? Sim, vim para o Brasil, mas se a Venezuela oferecesse qualidade de vida, talvez eu nunca tivesse saído de lá. **A vida de imigrante não é fácil.** Estar numa cidade que você não gosta, ir para Portugal e voltar, viver fazendo o que não gosta para um futuro melhor... É frustrante. Decidi entrar em Filosofia, e tem sido uma experiência agradável. [...] Quem decide o que fazer da tua vida é você.

Nesses sete anos que narrei, não sei o que vai acontecer amanhã. A vida muda muito. Mas a gente precisa de um norte, de um guia. Mesmo que mude. Hoje quero continuar o curso de Filosofia. Quero construir uma biblioteca pessoal, comprar livros, muitos livros. Foi na pandemia que comecei a ler e escrever. Me sentia órfão, e foi escrevendo que comecei a me organizar, encontrei um lugar para compartilhar meus pensamentos.

Falando do futuro, sim, eu gostaria de cursar Psicologia. Talvez em Portugal. Ou quem sabe na Alemanha, que sempre foi um sonho. Já fiz curso de alemão, mas se já era difícil entender o português, imagina o alemão...

Tenho vontade de fazer um mestrado fora. **E se tu estuda, teu dever ético é partilhar.** Não faz sentido estudar para guardar para si. Para quê? Tu pode saber um monte de coisa, mas se não compartilhar, não adianta nada. Estou juntando dinheiro para produzir vídeos, para transmitir o que sei. Aprendi muito com vídeos durante a pandemia, principalmente de canais espanhóis que me inspiraram.

Valorizo muito a educação, o conhecimento. Se minha vida fosse um livro, o título seria "Sobre o Ser: saiba ser". O conhecimento não te torna uma pessoa melhor, mas te ajuda a tomar decisões melhores. O professor não educa, ele orienta. Vi de perto o descaso com a educação na Venezuela. Se eu saí da miséria para hoje estar consciente, é porque percorri um caminho duro.

É difícil ser imigrante, falar outra língua, estudar outra língua. Não é mérito, é trajetória. E quero compartilhar isso para facilitar a vida de outros.

A vida não é determinada. Já falei de tantas mudanças... A gente vai mudando. Tu aprendes a ser, a se tornar. E quando acha que alcançou, que é alguma coisa... Não é. É sempre esse dilema entre o "sou" e o "não sou". E isso é a vida: na potencialidade, tu pode ser muita coisa.

Minha vida não está concluída. Ela não é. Porque quando digo que "é", ela se encerra. E eu não sou isso.

É uma disparidade, mas... **eu vou sendo.**

Saiba ser.

5.2.2 QUADRO-SÍNTESE: JHONALBERT ENRIQUE RAMÍREZ SUAREZ

O quadro a seguir (Quadro 9 - Jhonalbert Enrique Ramírez Suarez) sintetiza a fala e a trajetória do imigrante. A estrutura segue as perguntas (definidas como Temas), alinhando o Depoimento do participante a um Ponto-Chave que resume a ideia central de cada trecho.

Quadro 9 - Jhonalbert Enrique Ramírez Suarez

Tema	Depoimento	Pontos-chave
<i>Descreva o lugar onde nasceu e as experiências da infância.</i>	“Nasci em uma família de classe média. Lembro que as pessoas na Venezuela eram muito receptivas, de falar muito, de encostar, de abraçar.” “Na minha família, as reuniões eram frequentes. Viajávamos muito. Íamos à praia quase todo final de semana. Passávamos dias em Maracay, no estado de Aragua, ali do lado da capital, Caracas. Essa vida de classe média moldou minha visão de mundo. Eu não sabia que com os outros era diferente. Estudei em escola pública, morávamos em um apartamento com três quartos, sala, todos os móveis em madeira, artesanais, lindos. Minha mãe não trabalhava. Meu pai era servidor público. Tínhamos um certo poder aquisitivo.” “Tudo começou a mudar com a separação dos meus pais. Fui morar com meu pai em Maturín, uma cidade mais afastada, no oriente do país, a umas oito ou nove horas da capital. Lá, ele comprou uma casa. Era a época do governo Chávez. Faltava leite com frequência. Começou a ter problemas na represa El Guri, por causa da seca. As falhas no fornecimento de energia passaram a ser constantes. Com o tempo, tudo foi ficando mais difícil: produtos, serviços, filas nos mercados. Eu tinha uns 10 anos.”	Receptividade Poder Aquisitivo; Viagens Escassez
<i>Por que motivos tu decidiste vir para o Brasil?</i>	“Com a crise política e econômica, os serviços básicos começaram a sumir. A queda do preço do petróleo travou as importações e estagnou o mercado interno. Faltava tudo: comida, transporte, saúde, educação. A corrupção corroía o país. Em muitas casas, não havia mais água, nem luz.”	Crise política

	A vida, naquele contexto, não deixava espaço para os sonhos. Viver ali era sobreviver. O ser humano precisa de um horizonte, de planejamento. Mas não havia como guardar dinheiro, não havia futuro. A vida era para hoje. E o amanhã? Ninguém sabia. Era uma tensão constante, uma sensação de alerta que não passava. O stress, a angústia, a desesperança.”	Sobrevivência
<i>Como tu percebes Caxias do Sul? Como é viver aqui sendo imigrante?</i>	Fazia um frio do cão. Eu já falava português, me virava bem, mesmo com aquele sotaque carregado e misturado com espanhol. Mas o Sul era um choque. Lembro bem daquele dia chuvoso em que cheguei, a chuva caía fina e constante, uma chuva chata. As árvores eram diferentes, o clima era outro. A adaptação começava ali, pela pele. A solidão virou rotina. [...] Comecei a desenvolver depressão. Falo muito da questão da saudade, mas na época também comecei a reprimi-la.[...] Era tudo vinculado ao sentimento de orfandade, a ausência de pertencimento, a impossibilidade de se inserir num novo mundo.” “Eu não entendia as gírias, as piadas, os assuntos: futebol, cinema, memes... tudo parecia estrangeiro. O frio, a cultura, o isolamento e a falta de amizades me levaram a um estado emocional que eu não conhecia, a tristeza, a angústia.” “Existe uma separação muito clara entre Caxias do Sul e os imigrantes. Primeiro, definem minha nacionalidade; depois, quem eu sou.” “Tem toda a questão da imigração italiana, mas muita gente aqui nem entende o peso disso. A praça se chama Dante Alighieri, mas poucos sabem quem foi Dante. Falta conexão com a essência da coisa. A identidade	Frio Solidão Barreiras culturais Separação social Desconexão cultural

	parece ser reduzida a uma ideia simplificada: “eu sou italiano e eu trabalho”. “Os espaços públicos aqui não são espaços de troca. São passagens. Ninguém se reúne na praça. É só um ponto de encontro pra ir pra outro lugar.”	Falta de convivência
<i>Se a tua vida fosse um livro, qual seria o título?</i>	“Sobre o ser: saiba ser”	<i>Não aplicável</i>

5.3 ANTESSALA: ENRIQUE LÍBER GARCÍA VELAZQUEZ

Uruguaio

Professor de Língua Espanhola e pintor

61 anos

“[...] E aquele companheirismo que existiu no período da ditadura, aquele "todos somos um", foi se perdendo.”

Figura 2 - Retrato de Enrique Líber García Velazquez



Conheci o Enrique no meu trabalho. Ele foi contratado para um serviço de pintura ali na Buseti Parafusos.

Naquela época, diferente de agora, a faculdade me permitia ser um leitor voraz. Eu estava envolvido especialmente com os gregos, como as *Metamorfoses* de Ovídio e a *Ilíada* de Homero, mas volta e meia arriscava um Machado de Assis ou um Shakespeare.

Nos intervalos, Enrique comentava os livros que eu lia com notável propriedade intelectual. A revelação de que era formado em Letras e fora professor no Uruguai causou-me um forte impacto. Havia um contraste marcante, naquele instante, entre a figura do trabalhador e a vastidão de seu repertório literário.

Ele também começou a contar, de maneira muito aprofundada, a história do Uruguai, especialmente sobre as épocas da ditadura. Aquilo me encantou ainda mais. Quando decidi o tema do meu TCC, sabia que, sem dúvidas, ele seria uma das minhas fontes.

Ele me convidou para ir à sua casa. Chegando lá, o primeiro a me receber, ladrando, foi Luizito, um cachorro "farroupilhense" adotado por Enrique e sua esposa, Raquel. Em seguida, Enrique me recebeu. Entramos e logo nos direcionamos à sala de jantar. Ali fomos servidos com pães de queijo que recém saíam do forno, inúmeras xícaras de café e um bolo com coco ralado que estava muito bom.

Entre conversas e breves pausas na janela para fumar um cigarro, Enrique me contou seu exílio, um exílio pessoal e emocional. Falou da desilusão, da desesperança de alguém que viveu a infância inteira sob a ditadura e que, ao vê-la terminar, imaginava que o país teria uma melhora significativa.

Ele, que já tinha filhos e entrava nos seus 40 anos, não via mais sentido em ficar no país de origem. Foi quando recebeu o convite de seu irmão, para vir trabalhar.

O que define a entrevista com Enrique é a inseparabilidade entre sujeito e política. A história de si mesmo se confunde, a todo instante, com a história do Uruguai que viveu. Durante a conversa, percebi que essa fusão não era um desvio, mas um traço essencial de sua identidade: sua narrativa gravita naturalmente em torno do coletivo, revelando alguém que compreende a própria existência como parte indissociável da história de seu país.

Dos seus relatos, ele exalta firmemente o sotaque. Conta que “briga” com as pessoas quando sugerem que ele mude ou que fale um Português “correto”. Ele ainda se considera um militante; não perdeu os valores de quem lutou na ditadura e comenta as inúmeras injustiças que vê na cidade, criticando as “panelinhas” culturais que, por ironia ou falta de opção, ele mesmo acaba frequentando.

O diálogo fluiu com tal naturalidade que rompeu as barreiras protocolares da entrevista, permitindo-me acessar camadas da história uruguaia que eu jamais conheceria por outras vias. Para mim, ficou a lição de que a escuta atenta transforma a fonte em um amigo.

5.3.1 COM-VERSA: ENRIQUE LÍBER GARCÍA VELAZQUEZ

Meu nome é Enrique Liber García Velazquez, sou de nacionalidade uruguaia. Minha formação é para exercer como professor de idioma espanhol, mas a atividade profissional no Brasil é de pintor.

*Há várias razões para vir ao Brasil. Motivos pessoais. E descubro, com o tempo, que detrás destes se escondem também motivos como a maioria dos exilados pela economia do país. E, às vezes, um **autoexílio**, por não se concretizar uma expectativa que temos a respeito do nosso país.*

Muitas vezes não é um exílio forçado por uma ditadura; é que não encontrei no meu país a expectativa. Pode ser econômica, cultural... diversos fatores. No meu caso, foram estes.

Minha vinda para o Brasil foi tranquila porque tenho outro irmão, mais novo, que morava aqui, inclusive na Serra. E ele, indo lá num Natal, me propôs a vinda. Não para ficar; para dar uma volta pela Serra, para ver como eu enxergava a possibilidade.

Dado que eu havia me separado da minha esposa fazia um ano e meio, meus filhos eram adolescentes... aí tinha toda uma situação. Eu estava trabalhando bastante e ganhando pouco, e no Uruguai nunca foi fácil a sobrevivência econômica.

E eu me decidi rapidamente. Nos primeiros dias de janeiro eu já estava aqui, sendo que o convite foi no Natal. Meu irmão voltou para Flores da Cunha. Aí, simplesmente liguei para ele e falei: “Estou indo para aí”. Comprei a passagem, falei com meus filhos e vim. Também não sabia se ficaria. Era uma aventura, puramente.

Eu cheguei aqui com 40 anos, e agora estou com 61.

As razões são múltiplas: questão econômica, emocional, de expectativa que tu tens a respeito do teu país, politicamente, ideologicamente. O que meu pai dizia para mim é que eu era muito idealista, muito romantizador da realidade, enquanto o mundo é de outra forma.

*Eu estava naquela situação... (pausa) Todos meus amigos, família, eu, **pensávamos que depois de acabar a ditadura tudo ia ser maravilhoso**. E as pessoas iam ser todas boas.*

(Pausa). O mundo não é assim.

Toda minha adolescência foi marcada pela ditadura. Nasci em 1964. Foi dos meus 9 aos 20 anos. O fim do meu fundamental, o meu ensino médio e o início do

curso de professorado, foram anos duros, mas fundamentais para me formar como pessoa, quanto a princípios.

A gente viveu muitas coisas. Na nossa família houve muita opressão. Afortunadamente, não houve desaparecimento. Tios e tias por parte da minha mãe foram presos; meu pai passou por um período curto de reclusão.

E eu vivia numa **cooperativa de ajuda mútua**. Era um núcleo de vivendas feito por trabalhadores com “as próprias mãos”. A imensa maioria eram participantes sindicais. Muitos foram presos. Presos toda a família. Os que tinham filhos tiveram que deixar com tios, outros com avós.

Esse era o meio em que vivíamos. Esse sofrimento. Minha avó saindo todo dia para ver meu tio na Penal de Libertad, presídio do Uruguai onde eram concentrados todos os presos políticos, saindo de casa às 3h, 4h da manhã, fazendo 70km, 80km, levando um saco de comida, e chegava lá e não podia ver porque ele estava “castigado”. Não tinha visita.

Meu pai sempre foi autônomo, era eletricista. Era militante de esquerda, do MRO (Movimento Revolucionário Oriental).

Eu, como tantos outros, passamos a ditadura, sofremos as censuras correspondentes. Em certos pontos, não tínhamos consciência da seriedade do que estava acontecendo. E aos poucos fomos adquirindo consciência e começamos a militar, em grêmios estudantis, em bairros.

Uma marca que muitas pessoas me ensinaram, inclusive aqui em Caxias do Sul, é a **desconfiança**. E a desconfiança é uma marca que muitos uruguaios da minha geração, e da geração anterior, levam consigo. Porque tu não podias te abrir completamente com as pessoas, porque tu nunca sabias com quem estava falando. Inclusive com aquele que tu tinhas convívio cotidiano.

É uma coisa que a ditadura sempre semeava. Levou um sofrimento para todas as famílias e todo o tecido social. Então a desconfiança vai nos massacrando por dentro. Uma contenção que não pode ser soltada.

Eu cheguei a militar. Era minha vontade, meu dever. Com certeza.

No meio da cooperativa, fazíamos várias atividades que, sem nós sabermos, faziam parte da militância. Por exemplo: nós tínhamos o grupo de shows, que era uma atividade social da cooperativa. Tínhamos 15, 17, 18 anos. E também fazíamos atividades para que outras pessoas, de 10 e 11 anos, fossem acampar. Fazíamos atividades lúdicas que tivessem um fundo educacional: ensinamentos, valores, o que achamos certo, companheirismo. E isso é militância.

Se criou a biblioteca, que foi a segunda biblioteca cooperativa do Uruguai. A nossa cooperativa se chamava “Mesa Uno”, que depois se deu o nome do bairro Novo Amanhecer. Esse bairro cooperativo fazia parte do Plano Nacional de Viviendas (Habitação). **Se tem algo que os milicos não podiam parar, foi o movimento cooperativo.**

Toda essa evolução até a saída da ditadura... claro, como jovens criados no medo e na frustração, tínhamos esperança que na retomada da democracia as coisas se transformassem para caber dentro de nossos ideais. A sociedade não é assim.

O primeiro ideal fundamental era a saída da ditadura, ver nossos pais, familiares, nossos amigos em liberdade. Mas depois, a democracia como forma de governo se submete ao que hoje vivenciamos: o capital financeiro.

Para nós, estava certo que, saindo da ditadura, a Frente Ampla ia ganhar a primeira eleição. Sem dúvidas. Não havia dúvida alguma.

Vai se dar a primeira eleição e se elege Sanguinetti, do Partido Colorado. **Foi uma facada no peito para os jovens.**

E depois vem Mujica. O governo de Mujica foi outra facada no peito. Eleito líder do Movimento de Liberação Nacional - Tupamaros (MLN-T), supostamente mais à esquerda, se pensava que ele ia muito mais a fundo economicamente em câmbios (mudanças). Mas não foi assim.

Ele é do campo. Nós pensávamos que, quando ele ganhou, iam dar terras, repartir, acontecer uma reforma agrária. Mas foi tudo o contrário. Ele começou a entregar e vender terras para os que já tinham, para os poderosos que podiam comprar.

Uma das causas que me trouxe até Caxias do Sul: eu vi que minha visão de mudança estava errada.

Depois que acabou a ditadura, aquele companheirismo que se deu no período da ditadura, que **“Todos somos um”**, se perdeu. Cada um foi ajudando quem bem achava, os mais próximos. Se diluiu aquele companheirismo.

E algo que a ditadura soube fazer muito bem é **fragmentar o tecido social**. Quando eu falava do medo, da desconfiança... é algo muito bem trabalhado para colocar o “cada um por si”. Que é o que o neoliberalismo implantou de vez: cada um é empreendedor de si mesmo e “fodam-se os outros”.

Minha vida foi marcada pela ditadura. Para mim, quando acabou a ditadura, não mudou nada.

Com 21 anos, sem planejamento, eu com minha primeira esposa tive meu primeiro filho. Depois tivemos mais dois filhos. Em um país que estava recomeçando, que não ia nem para frente nem para trás. Era um período bem difícil. E muita gente ficou fodida, com trabalhos pouco remunerados. **Não havia transformação, não havia possibilidade de melhora.** A democracia foi retomada, mas era uma democracia tutelada. Ainda se sentia o peso dos militares na sociedade, como até hoje, aqui no Brasil, se sente. Basta ver o que aconteceu em **oito de janeiro**. Ainda aguentamos “a vara no lombo da gente”.

Onde eu nasci, na casa do meu pai e minha mãe, em Montevideu, é um bairro de imensa maioria de italianos da Sicília, de Calábria. São diferentes dos que temos aqui em Caxias. Tenho amigos que são filhos de italianos que vieram após ou durante a Segunda Guerra. Chegaram assim, com uma mão na frente e outra atrás, mas era um Uruguai que dava possibilidade e oportunidade para as pessoas. De comprar um terreno, de levantar sua casa, trabalhando.

Domingo era “na casa de fulano”: eram 15 ou 20 vizinhos fazendo o concreto, subindo balde, depois um churrasco com toda a vizinhança.

Meus pais tiveram as “indas e vindas” os anos todos, mas se separaram definitivamente a partir dos meus 14 anos. Meu pai sempre tinha a inquietude de que a gente precisava estudar, precisava saber, ver cinema, ler livros. Esses eram nossos passeios. Depois eu ia na Cinemateca Uruguia, a gente tinha um abono de estudante. Era um filme por dia que tu podia assistir.

Eu entrei no IPA (Instituto de Profesores Artigas), cheguei a me formar como professor de Letras Espanhol, mas nunca exerci. Na época que me formei, eu já tinha filhos. Tive filho com 21, depois com 23, e depois com 25, mais outro.

Eu tinha um **forte senso familiar** por consequência das “indas e vindas” dos meus pais. Eu assumi para mim aquele compromisso de formar uma família duradoura e defendi assim, com unhas e dentes, aquele compromisso. Se errei, errei! Não há culpa de ninguém, há inexperiência.

Eu vim para o Brasil com 40 anos. Fazia um ano e meio que estava separado. Estava morando um pouco na casa da minha mãe, um pouco na casa do meu pai. O cara com 40 anos nas costas, morando na casa dos pais, tendo 3 filhos... era uma situação complicada.

Já estava deslocado de tudo. Passava o dia todo trabalhando e correndo para ver os guris, que estavam entrando na adolescência. O dinheiro não dava conta.

Meu irmão me dizia: “Daqui a pouco os guris começam a namorar, não vão te dar mais bola. Tu estás aqui, vai ficar velho e sozinho. Vai lá para o Brasil para ver qualé”.

Eu me empolguei. Falei com os guris, falei com minha ex-esposa e vim para Flores da Cunha, sem saber se ficaria ou não. Morei em Flores da Cunha 5, 6 anos. Tenho uns 16 anos que estou em Caxias. E aqui em Caxias conheci a Raquel, minha companheira.

Nestes anos em Caxias do Sul, quando eu falo com alguém, me perguntam: “O senhor é daonde?” “Ah, sou uruguaio”, respondo. “Quanto tempo mora aqui no Brasil?” “Ah, fazem vinte anos.” “E não perdeu o sotaque?” “Ah, não perdi. Vim com 40 anos, é difícil.”

*Isso é um argumento leigo. Porque eu sou uruguaio, **não quero perder minha identidade**. E não sou obrigado a falar português perfeito. Eu sou obrigado a ter as ferramentas linguísticas para me fazer entender.*

Até esses dias fui comprar cigarro num posto. Tem sempre lá a mesma jovem atendendo, e até ela mesma me disse: “Então, vizinho, o senhor não perdeu o sotaque?” “Nãããooo.” (bem alongado) “E o senhor não quer?”. É claro que não quero, pois isso é minha identidade. Para mim, basta que entendam.

*E, bah, para mim foi bastante difícil a adaptação. A síncrese (caráter) do povo. **Aqui é menos receptivo, é mais fechado**. Mas aqui em Caxias do Sul se “abre menos a mão” para certos assuntos. Falando humanamente, de sentimentos.*

Há duas situações que preciso remarcar. Quem chega no país sem conhecidos, que fala uma língua totalmente diferente, precisa se adaptar rapidamente, assimilar e se comunicar, senão tu não sobrevive. Outra é o meu caso, que tinha parentes aqui. O meu irmão era uma muleta para mim.

Acredito que existem muitos assuntos de compreensão que se eu tratar aqui no Brasil, no Uruguai não vão me compreender. É diferente o modo de pensar, raciocinar, de agir.

Flores é uma sociedade bem mais fechada que Caxias do Sul. E eu não posso dizer que não encontrei e não fiz excelentes amigos lá, pessoas bem melhores do que muitos uriguaiois que conheci.

No Uruguai, Montevideu é conhecido pela fraternidade, pela amizade e pelo acolhimento. E eu vejo isso, cada vez que eu vou para Montevideu, que se deteriora.

*Aqui em Caxias eu **vejo os não-caxienses assumir a mentalidade gringa**. E nós, uriguaiois, falamos também: “Fulano é um gringo, porque ele casou com uma gringa e já pensa como gringo”. E tem seus princípios.*

Se eu ganhasse na mega-sena, eu voltaria a morar no Uruguai. Mas não... (pausa) não há chance para mim lá.

*Eu não gosto de Caxias totalmente. Mudaria muita coisa na cidade. Essa é uma **cidade estruturada para poucos**, e cada vez mais para os que têm meios econômicos. É uma cidade moldada em torno da indústria da Randon, da Marcopolo. Isso que até os caxienses fazem piada: a “**cidade da fé e do trabalho**”. Uma cidade estruturada só para trabalhar.*

E agora está se abrindo mais, como consequências dos filhos e netos dos gringos que tiveram uma formação profissional, que saíram para ver mais o mundo. Mas, culturalmente, temos mínimos. Tu vai ver os editais culturais da prefeitura, e são sempre os mesmos. Os caras já sabem fazer os editais, têm todas as “manhas”. São sempre as mesmas pessoas favorecidas. É uma “panelinha”.

Imagina, nós fundamos a biblioteca cooperativa no Uruguai! Eu lia igual um “cavalo” quando era adolescente. Tem livros que eu leio cinquenta vezes. É melhor ter lido cinco, seis livros bons na vida e relê-los do que ter lido quinhentos mil que não vão contar como cinco bons.

Sei lá, eu sou chato assim. A Raquel me diz que eu sou chato. (Risos). Tu precisa pedir para ela como é que é conviver com um estrangeiro uruguaio. (Pausa)

Entre uruguaios é assim: cada um de nós foi quem derrotou a ditadura. (Risos). Cada um tem uma história de um pai, de uma mãe, de um tio, um avô que foi preso, que era militante. Todo mundo é o encarregado de derrubar a ditadura. (Risos).

Outro tema que só não está trancado porque a sociedade uruguaia é muito combativa é a respeito dos **direitos humanos**. O aparecimento dos desaparecidos, o desfecho de onde estão os corpos. E no Brasil não passa nada diferente. O Brasil é o país que menos julgou e condenou os criminosos da ditadura.

Como tu verás, minhas preocupações estão em torno desse universo. O uruguaio é uma pessoa politizada por natureza.

Estou desenganado. Como muitos. Certos cambios (mudanças) que a gente almejava não vão ser realizados na nossa vida, pelo menos. E parece que cada vez fica mais longe.

Nunca vou renunciar aos meus princípios e minhas ideias. Mas tu começa a se voltar mais... não de certa forma individualista, mas pensar: “Bom, creio que preciso procurar para minha família uma estabilidade, um conforto”. Sabe? Desencarnar de certas situações.

Vimos aqui em casa e temos altas discussões entre uruguaios, porque um é socialista, outro é mais radical, outro mais moderado. O **uruguaio é polêmico por “natureza”**. Vamos falar de um pão de queijo:

“Não, porque está muito cozido.” “Porque está cru.” “Que tem muito queijo.” “Que tem pouco queijo.”

Por qualquer bobagem debatemos. A Raquel (esposa) fica apavorada. Debatemos em voz alta sobre algo que aconteceu e estamos discutindo bobagens, filosofando sobre o pão de queijo.

Em Caxias não tem isso. É um olhar mais parelho sobre tudo. Não é polêmico. Aqui parece que nós estamos peleando (brigando), mas não estamos. Estamos cambiando (trocando) opiniões, porque cada um tem opiniões fortes do que pensa, e argumenta.

O caxiense tem uma visão fechada sobre o parecer. **Nós, uruguaios, gostamos de debater por esse exercício mental**. E eu vou continuar pensando o mesmo, ou talvez mude. Mas esse exercício é uma maravilha, pois te mexe o cérebro.

Isso eu não encontro aqui. Para que respeitem tua opinião aqui, é **preciso que você fale sua formação**. Você não pode simplesmente chegar e dar a sua opinião. Se não vai a formação na frente, vai o sobrenome. A empresa de que se é dono.

Eu sofri preconceito. Você sente, por parte de quem se acha “branco e europeu”. Quantas vezes não escutei alguém falando: “Mas eu sou italiano.” “E onde tu nasceu?” “Nasci aqui em Caxias.” “Então tu não é italiano.” “Não, sou italiano, porque meu avô, minha avó, vieram da Itália.” “Então tu é brasileiro.” “Não, sou italiano.”

*Muitos me perguntam se sou venezuelano. E respondo que sou uruguaio. Ou muito também perguntam se sou argentino. Dizem que o sotaque é parecido e **acabam falando que “somos tudo a mesma coisa”.***

*Não. Não é a mesma coisa. Uma coisa é ser argentino, outra coisa é ser uruguaio, venezuelano, boliviano, peruano. Podemos todos falar espanhol, mas temos **identidades diferentes.***

O brasileiro, em geral, tem um certo culto à pessoa. Idealizar pessoas, sejam políticos, sejam artistas. E isso o livra de críticas.

Por exemplo: Lula não pode ser objeto de críticas, entende?

Eu ia para o Uruguai e tinha conversações com amigos uruguaios a respeito de Mujica. Eu sou muito observador do que acontece no meu país. Chegava a discutir com amigos de esquerda que também tinham uma idealização de Mujica além do normal.

Eu dizia: “O cara deveria estar comprometido com tais assuntos e está fazendo exatamente o oposto”. Eles respondiam: “Mas o Pepe é o Pepe”. O “Lula é o Lula”. Isso não é sadio.

O Enrique atual, para o que viveu a ditadura, não está acomodado.

*Agora eu vejo a injustiça acontecer em todas as partes do meu lado. Mas a injustiça, nos termos de hoje, se transforma em algo que tu vê passar e estamos “amarrados” quanto a isso. Vemos a normalização das coisas. **Normalizamos a injustiça.***

Eu faço parte disso. Eu vou no Zaffari domingo, às nove da noite, comprar o que for. E aí está um atendente, tem uma guria de 18 anos, e depois tem um guri jovem aprendiz me botando as coisas na sacolinha.

É lugar para um jovem dessa idade, domingo às nove, estar lá trabalhando? É uma “cagada”, cara.

Eu podia ir lá sexta-feira comprar as coisas para o final de semana. E fecha esse “mercado de merda” sábado e domingo. E vão essas gurias jogar futebol, ler um livro, se juntar com os amigos, se drogar... que seja! Entendeu? Mas não estar trabalhando.

*Vivemos a **uberização do trabalho.** Uma injustiça tremenda. Estamos como que amarrados. “É o que temos, não temos o que fazer, é desse jeito.” E aqui em Caxias é um lugar que não se discutem essas coisas.*

*Esse slogan está muito bem colocado: “cidade da fé e do trabalho”. **Elas são as duas maiores forças opressoras da história da humanidade.** Dando uma de filósofo agora. Fé e trabalho.*

(Silêncio)

Quando eu era adolescente, eu tinha consciência de que o que eu vivia era uma ditadura. Minha família sofreu consequências imediatas e diretas. Vivi na aflição e no medo. Meu pai saía para trabalhar e na esquina de tua casa tinha uma blitz. Tu não sabia se ele ia chegar em casa ou se ia desaparecer, ir preso.

Teve uma vez, quase no final da ditadura, que eu pensei: “Agora fudeu, vão me pegar”.

Justamente meu pai havia me falado um dia antes o seguinte: “Se a polícia te para na rua e te pede a identidade, tu pede a identidade dele. Porque é um direito.”

Saiu eu, outro guri e duas gurias com uns volantezinhos (panfletos) para um plebiscito. Aí, umas quadras de casa, nos param dois policiais, que não tinham dois, três anos mais que a gente.

E aconteceu o quê? Eu e meu irmão deixávamos a identidade em cima da cabeceira. E meu irmão saiu e, invés de pegar a identidade dele, pegou a minha. Quando fui ver, peguei a identidade dele. Éramos bem parecidos.

Esses dois policiais nos pararam, e nós estávamos cheios de panfletos nas costas. Então pediram nossa identidade e eu disse: “Primeiro me mostra a tua.”

E o milico ficou perplexo. “Como?”, ele gritou. E repeti: “Sim, me mostra tua identidade que te mostro a minha”. Ele chegou a sacar um carnê de policial, para me mostrar. “E agora, vamos!”, falou o milico.

A uma quadra tinha um postinho de policiais. E nos levaram. Começaram a tomar nossos dados numa cadernetinha. E meu irmão é “Luis Ernesto García Velazquez”. Dei a identidade dele. Pediram meu nome e eu repeti o do meu irmão: “Luis Ernesto García Velazquez.” “Data de nascimento?” “Oito de dezembro de 1968.”

E ficou lá a identidade. Não aconteceu nada, porque eles só queriam dar uma de durões. Eram uns gurus. Se fossem uns milicos mais calejados e filhos da puta, nós íamos apanhar. No mínimo.

(Pausa)

“Bah”... Se minha vida fosse um livro: “Destes caminhos que te mostrei: ande pelo o seu”.

Não é bom? O título é sensacional. (Risadas).

5.3.2 QUADRO SÍNTESE: ENRIQUE LÍBER GARCÍA VELAZQUEZ

O quadro a seguir (Quadro 10 - Enrique Líber García Velazquez) sintetiza a fala e a trajetória do imigrante. A estrutura segue as perguntas (definidas como Temas), alinhando o Depoimento do participante a um Ponto-Chave que resume a ideia central de cada trecho.

Quadro 10 - Enrique Líber García Velazquez

Tema	Depoimento	Pontos-chave
<i>Descreva o lugar onde nasceu e as experiências da infância.</i>	“Toda minha adolescência foi marcada pela ditadura, dos meus 9 aos 20 anos.” “Vivia numa cooperativa de ajuda mútua, era um núcleo de vivendas feito por trabalhadores com “<i>las propias manos</i>”, a imensa maioria eram participantes sindicais.”	Ditadura Cooperativa

	“Eu como tantos outros passamos a ditadura, sofremos as censuras correspondentes, em certos pontos, não tínhamos consciência da seriedade do que estava acontecendo.” “Meu pai sempre tinha a inquietude de que a gente precisava estudar, precisava saber. [...] Ele comprava muitos jornais, o <i>Zero Hora</i>, <i>A Folha</i>, e, para nós, os domingos eram assim. Depois eu ia à Cinemateca Uruguaia; tínhamos um abono de estudante que permitia assistir a um filme por dia, a preços variados.” “Fizemos uma biblioteca, num grupo de mais de 400 casas para que o pessoal fosse lá ler pegar um livro levar para casa.”	Censura Formação cultural Biblioteca (comunitária)
<i>Por que motivos tu decidiste vir para o Brasil?</i>	“Há várias razões que me trouxeram para o Brasil, motivos pessoais, e, com o tempo, percebi que por trás deles também se escondem razões semelhantes às da maioria dos exilados: a situação econômica do país.” “Como consequência das relações de trabalho, acabei vindo morar em Caxias do Sul. Mas as razões de eu ter deixado meu país são múltiplas: questões econômicas, emocionais e também as expectativas políticas e ideológicas que eu tinha em relação ao meu país.” “Uma das causas que me trouxe até Caxias do Sul foi a percepção de que minha visão de mudança estava equivocada. Vim por conta própria, conversei com amigos e companheiros, e meu pai me recomendou pessoas que poderiam me ajudar.” “Vim primeiro para Flores da Cunha, sem saber se ficaria ou não, movido	Exílio Expectativas políticas Desilusão Melhoria de vida

	pela expectativa de uma real melhoria de vida, ou ao menos de conseguir lidar melhor com certas situações. Morei em Flores por uns seis anos. Já faz cerca de dezesseis anos que estou em Caxias, embora já viesse trabalhar aqui antes. Foi em Caxias que conheci a Raquel, minha companheira.”	
<i>Como tu percebes Caxias do Sul? Como é viver aqui sendo imigrante?</i>	“Muitas pessoas perguntam como eu ainda não perdi o sotaque. Respondo que vim para o Brasil aos 40 anos, e que é difícil, mas esse é um argumento leigo. Sou uruguaio, não quero perder minha identidade, e não sou obrigado a falar português perfeito. Sou obrigado, sim, a ter as ferramentas linguísticas necessárias para me fazer entender.” “Aqui é menos receptivo, mais fechado. Em Caxias do Sul se ‘abre menos a mão’ para certos assuntos, falando humanamente, de sentimentos.” “Eu não gosto totalmente de Caxias. Mudaria muita coisa na cidade. É uma cidade estruturada para poucos, e cada vez mais para quem tem meios econômicos. É um lugar moldado em torno da indústria, da Randon, da Marcopolo. Se você for ver, os serviços que são oferecidos, como luz e água, estão todos estruturados para atender esse pessoal que já morava aqui e trabalha nessas empresas.” “Não é privilégio de Caxias, mas a cidade é assim. Esse slogan, ‘cidade da fé e do trabalho’, está muito bem colocado: são as duas maiores forças opressoras da história da humanidade e dos seres: fé e trabalho.” “Por qualquer bobagem a gente debate. [...] Em Caxias não tem muito disso. Existe um olhar mais parelho sobre tudo. Não é polêmico como	Sotaque Falta de receptividade Foco na indústria “Cidade da fé e do trabalho.” Falta de debate

	parece, não é que estamos ‘peleando’, mas estamos debatendo.” “Muitos me perguntam se sou venezuelano, e eu respondo que sou uruguaio. Outros acham que sou argentino, dizem que o sotaque é parecido e acabam comentando que ‘somos todos a mesma coisa’.” “Você, como indivíduo, precisa se modificar, como sobrevivente.”	Estereótipos Sobrevivência
<i>Se a tua vida fosse um livro, qual seria o título?</i>	“Destes caminhos que te mostrei: ande pelo o seu”	<i>Não aplicável</i>

5.4 ANTESSALA: DANIEL IGNACIO VARGAS GOMEZ

Colombiano

Cineasta

47 anos

“Eu vou crescer e matar o Pablo Escobar”. Pensei.

Figura 3 - Retrato de Daniel Ignacio Vargas Gomez



O contato de Daniel veio através de uma colega de faculdade já formada, a Vitória Carneiro Xavier.

Conhecia pouquíssimo sobre ele. Então, antes de tudo, fui às redes sociais me inteirar sobre a vida deste cineasta colombiano radicado em Caxias do Sul. Foi ali que, sem dúvidas, me sensibilizei. Descobri a história de seu pai, morto no atentado terrorista ao voo Avianca 203.

Confesso que uma parte de mim estava totalmente interessada em saber mais sobre *Nacho*, o documentário que ele está produzindo sobre o pai, porém também sabia que precisava me manter fiel à proposta do TCC.

Cheguei ao endereço combinado, próximo ao parque da Festa da Uva. Provavelmente me equivoquei ao olhar a casa no *Google Maps*. O resultado foi que eu estava tocando a campainha, gritando e batendo palmas para a pessoa errada. Pouco depois, Daniel apareceu no portão da casa *atrás* da minha, me chamando. Espero que ele não tenha percebido meu constrangimento.

Entramos na sua casa, que é também a sua produtora, a *Chamán* Filmes. Na garagem, o espaço era composto por vigas metálicas, fios e canhões de luz. Como jornalista indo entrevistar alguém, me senti instantaneamente despreparado, quase ameaçado pelo ambiente. Julguei que, ali, eu é que seria o interrogado.

Essa sensação só se reforçou quando nos sentamos. Sentei-me num sofá, enquanto Daniel sentou-se numa cadeira um pouco mais alta. O que nos separava era uma pequena mesa redonda, mas o fato dele estar fisicamente acima de mim reforçou minha ideia de intimidação.

Durante a entrevista, porém, aconteceu exatamente o oposto.

Daniel tem um coração lindo e aberto. Contou sua história de forma perspicaz, começando por sua imensa relação com a natureza e com o xamanismo. Falou sobre como quer se reconectar com seu “eu” do passado e sobre suas tomas de ayahuasca. Fiquei tão interessado nessas questões que quase me esqueci do motivo pelo qual estava lá. Dos entrevistados, Daniel foi o que mais eu me vi nele, principalmente por já termos passado situações parecidas com ex-namoradas.

O que, para mim, define Daniel é seu desejo de viagem. Ele decidiu vir para o Brasil “por terra”, numa odisseia que passou pela Amazônia, vivendo “cada perrengue” e situações inacreditáveis. Ele mesmo comenta que, por tudo que aconteceu, “só poderia ter sido cineasta”.

Esse desejo de mundo se conecta diretamente ao seu amor por Caxias. Ele gosta daqui, ao contrário de Bogotá, justamente pelo contato com a natureza que a cidade ainda proporciona.

Um pouco mais para o final da entrevista, sua esposa, Roberta, chegou. Ele contou a história de como se conheceram e ela nos trouxe um café com bolachas.

Captadas todas as informações, me estendi mais um pouco conversando com Daniel, já sem as formalidades do gravador. Foi então que descobri que eu já havia feito parte de um projeto dele na FSG, o NAV. Conversando sobre a época em que ele foi professor na UCS, descobri que ele conhece muito bem a Maria Luiza Cardinale Baptista, minha orientadora de TCC, e que nós três integramos o *Amorcomtur!*

Acredito que ele tenha sido um dos entrevistados em cuja casa mais permaneci, conversando sobre a universidade, TCCs e a vida.

5.4.1 COM-VERSA: DANIEL IGNACIO VARGAS GOMEZ

Meu nome é Daniel Ignacio Vargas Gomez, tenho 47 anos. Sou natural de Bogotá, na Colômbia, onde morei até meus 29 anos. Quando tinha 18, fiz um ano de intercâmbio no Vale do Silício, na Califórnia. Essa experiência me fez querer ter uma segunda experiência de intercâmbio, que foi o que me trouxe aqui para o Brasil, em 2007.

Atualmente sou cineasta, produtor e diretor de cinema. Tenho uma produtora de filmes, chamada Chamam Filmes, desde 2009. Com ela eu consigo me sustentar e me manter aqui em Caxias. Além disso, já fui professor na UCS e na FSG; hoje sou professor na escola Marcopolo de Criatividade, dando aula de cinema, além de oficinas em vários lugares. Também coordeno o ponto de cultura NAV da FSG desde 2016, com a função de ajudar a levantar a cena audiovisual de Caxias do Sul.

Antes a produtora começou como Chamam (lê-se em português), depois mudei para Tchamam (com sotaque espanhol), porque não me sentia completamente confortável. Um amigo me disse “que sou xamã”, tem toda uma questão indígena, tem tudo a ver com meu passado. Me identifico com o xamanismo, essa é minha religião. Enxergo o mundo por uma questão mais ligada à conexão com a natureza.

No ano passado, eu mudei minha empresa de MEI para ME, para conseguir fazer projetos maiores, como o projeto do filme do meu pai, que estou fazendo agora. Daí decidi virar Tchamam, tendo um apelo maior às minhas raízes latino-americanas.

Eu tenho a produtora aqui em casa, porque me permite ganhar tempo e conforto. O andar de cima é a produtora e, às vezes, eu fico editando noite adentro, pois... “Cansou, posso me deitar e dormir”. Já tive a produtora em vários lugares aqui em Caxias, então decidi me mudar para um lugar onde possa respeitar meus tempos, meus processos. Ainda mais no cinema documental que eu faço, que é muito solitário.

Minha visão de mundo... eu me considero 'ecólatra': quem vê Deus na natureza. Não me identifico com a Igreja Católica. Eu faço rituais de ayahuasca. Essa é minha forma de ver o mundo, nessa conexão com a Pachamama (deusa "Mãe Terra"). Neste ano, encontrei um grupo aqui em Caxias, na Linha 40. Fui uma vez e me identifiquei muito. O remédio busca clarear a visão que está poluída por tanta coisa que o mundo contemporâneo tem. A gente se desconecta um pouco para enxergar a verdadeira essência nossa. É um encontro para dentro de nós.

Sou o segundo filho de quatro. A gente cresceu numa família muito amorosa, com a religião como uma questão importante. Meu pai era padre, então nos criou com uma crença sobre Deus muito importante. Não nascemos em berço de ouro, mas "graças a Deus", acho engraçado falar "graças a Deus" (risos), mas nunca nos faltou nada. Me considero muito privilegiado por ter tido tudo isso.

Minha forma de gratidão por poder estudar cinema foi educando. Por isso tem a ver com minha preocupação de passar o que sei para os outros.

Sempre gostei de cinema, mas me desviei em um momento da vida. Conto a história de um amigo meu. Quando eu vim para o Brasil, um ano depois ele foi para a Inglaterra. Depois voltou e me pediu o que eu estava fazendo. Na época, eu estudava Contabilidade, porque achava que minha mãe queria que eu administrasse uma empresa. Daí entrei em Contabilidade. Não digo que foi o pior erro da minha vida, porque algo tirei, mas nunca fui bom com números. Estava perdido na vida.

Depois mudei para Publicidade e Marketing, mas Marketing também tem muito número. Um dos meus professores disse que eu não era dessa área, me disse que era das artes.

Quando esse meu amigo de Londres voltou, ele me pediu o que estava fazendo e eu disse: "Cinema". Ele respondeu: "Que bom! É o que tu sempre quis".

E eu fiquei assim: "Como assim é o que eu sempre quis?"

Ele respondeu: "Eu lembro de ti quando era criança, que queria trabalhar com cinema, com TV, e dizia que era isso que gostava."

Sério. Nem eu lembrava disso. Eu tinha me perdido na vida.

Eu tenho momentos muito importantes na vida. Uma vez foi quando alguém me disse um dia:

TU JÁ SE PERGUNTOU POR QUE TU VEIO AO MUNDO?

Muitas vezes as pessoas estão no mundo e não se perguntam qual sua missão aqui. A segunda pergunta que me fiz é:

O QUE TU FARIA ATÉ O FINAL DOS TEUS DIAS QUE TE FAZ FELIZ?

O que tu puder fazer daqui até tu morrer, faça isso. Fiquei pensando, e a única coisa que me ocorreu foi **cinema**. Entendi que é por isso que vim ao mundo. Pedi sinais para o universo, para os xamãs, se era isso mesmo minha missão, e tudo foi se clareando. Entendi que tinha a ver com a história do meu pai.

Quando um estrangeiro vem para um novo país, é difícil trabalhar na sua área, se dar bem, viver disso, ganhar dinheiro. E minha vida só se abriu. Me encaixei onde devia estar.

Meu pai era um cara... teve umas 3 ou 4 formações: teólogo, filósofo, comunicador. Ele estudou no seminário para ser padre, mas tinha uma visão de mundo muito aberta, muito amorosa. Tivemos uma formação muito boa, mas muito, muito rígida. Ele era forte, rígido, exigia muito da gente.

A gente é da geração que ainda apanhava de cinta quando fazia algo que saía do script. Apanhava. Apanhava bastante, eu e meu irmão mais velho, sobretudo. Hoje entendo meu pai, sei que fez parte da minha formação e não levo

mal algum, porque entendo a época e tal. E isso me ajuda a entender que hoje eu não encosto no meu filho para bater nele de jeito nenhum. Eram épocas diferentes.

Foi uma infância muito feliz, muito boa. **Até meu pai morrer.** A vida mudou. Um antes e depois. A vida ficou muito mais complexa depois que ele morreu, em termos emocionais.

Agora, para fazer o filme do meu pai, eu fiz duas tomas de ayahuasca com a intenção de enxergar coisas para o filme. E na primeira, o que me veio como mensagem era encontrar o “Daniel criança”, para entender como era lá. Quando tu tem 11 anos e teu pai morre do jeito que meu pai morreu, sem dúvidas o coração endurece um pouco. Fica magoado. Ele cria uma casca que, às vezes, nos afasta da essência que tínhamos quando criança. Então, estou nesse processo de encontrar o Daniel criança e conversar com ele.

A situação da Colômbia, na minha cabeça (de criança), era um pouco nebulosa. Minha compreensão do conflito colombiano começou em 85, com a tomada do Palácio da Justiça, com a tragédia de Armero, que explodiu um vulcão e cobriu toda a cidade. Eu sou de 78, então em 85 eu tinha sete anos.

O grande início do Pablo Escobar contra o Estado colombiano foi no assassinato do ministro da Defesa, Rodrigo Lara Bonilla. Eu estava nesse dia passeando com meu pai fora de Bogotá, e tentando entrar em Bogotá, estava tudo fechado. Não podia nem entrar, nem sair, para eles tentarem pegar os caras. E era perto dessa estrada que estávamos viajando que aconteceu esse atentado.

Era época de bombas em todo país. Mas Bogotá... tu saía e não sabia se tu voltava. Lembro de 3 bombas que tu sentia muito perto de casa. Era algo terrorífico. Eu não tinha compreensão de que era Pablo Escobar. Eu sabia que eram terroristas, que tinha um conflito interno, mas ninguém nunca tinha me dito do Pablo Escobar, os porquês. Simplesmente acontecia.

Quando começou as bombas, eu sentia medo, porque não sabia o que era, sabia que podia morrer num “bombaço”, em qualquer momento.

Mas quando meu pai morreu, eu perdi o medo da morte.

Eu queria morrer para ficar próximo do meu pai. Nesse perder o medo da morte, comecei a viver uma vida meio descontrolada, não me interessava nada. “Se eu morrer, eu vou ficar perto do meu pai”. Então, para uma criança de onze anos ter esse sentimento, hoje vejo que era complexo. Mas, enfim, eu praticamente não tenho medo de nada. Comecei a ter medos de novo quando meu filho nasceu. E meus medos hoje são tipo: não poder estar junto dele como meu pai esteve, não poder dar a ele a educação correta, deixar ele cedo.

Meu pai era professor de uma instituição chamada SENA, para formar a população mais necessitada. Ele era um assessor pedagógico, viajava o país todo.

Ele tinha voltado de uma viagem na sexta e viajaria de novo no domingo à noite. Só que a gente estava de férias, e ele disse: “Não vou viajar, para ficar com os filhos”. Nos levou ver Batman e foi com a minha mãe e irmã trocar a passagem para o dia seguinte.

Ele mesmo foi trocar a passagem para ficar mais tempo com os filhos. E trocou a passagem para o voo que teve a bomba.

O filme... meu pai se chama José Ignacio Vargas Mendonça, e os “Ignacios” são chamados de “Nacho”. O nome que o filme será lançado é Nacho 7:16:39, que foi o último segundo que se explodiu a bomba. E um ponto disso entre a vida e a morte. Ou seja, **a vida pode acabar a qualquer segundo.**

Nessa fase dos assassinatos de 89, o alvo era Carlos Galán, que era candidato a presidente, porque ele começou a criar a política de extradição. Daí que

vem aquela famosa frase do Pablo Escobar: “Eu prefiro um túmulo na Colômbia do que uma cela nos Estados Unidos.”

Depois de Lara Bonilla, foi Galán. E quando mataram Galán, “passaram a toalha” para (César) Gaviria. E era para ele subir no avião, no **Avianca 203**, voo que subiu meu pai. E alguém... não se sabe se alguém avisou ele, porque todas as entidades estavam impugnadas com o tráfico pelo domínio do Escobar. Ele comprava todo mundo. Era “Plata o Plomo”.

O que indigna um pouco é que, se alguém sabia e avisou ele, por que não avisaram os demais?

O dia anterior eu fui com minha irmã no aeroporto, e tem uma cena que minha mãe lembra muito. Minha irmã pergunta: “Pai, esse avião vai para o céu?”. E meu pai respondeu: “Sim filha, amanhã o pai vai pegar um avião e vai para o céu num avião desses.”

Sem saber o que aconteceria no dia seguinte.

Nesta noite de domingo, eu e meu irmão ficamos ajudando nosso pai a fazer a mala. Sabia exatamente tudo que ele tinha na mala. Ajudamos ele a empacotar as coisas.

De manhã, acordei, ele ligou para o táxi e não vinha, não vinha... Resolveu ir na rua pegar um táxi para pegar o avião. Saiu correndo. Acompanhamos ele. Inclusive, essa é a primeira cena do filme, uma cena na rua, da última vez que vi ele.

Eu voltei para casa, deitei no lugar dele na cama, onde ele dormia. Quando a bomba explodiu, eu estava no lado da cama dele.

Lembro que a gente ficou sabendo da bomba através de uma ligação de um tio nosso. A empregada que ajudava na nossa casa atendeu, falando: “Sim... sim... ele viajou... sim... sim... ué...”. E desligou. Perguntamos o que foi. “Teu tio Nório ligou perguntando se teu pai tinha viajado hoje para Cali.”

Achei estranhíssimo meu tio ligar assim numa segunda-feira. Daí senti que algo tinha acontecido. Ela me mandou ir na padaria comprar o pão do café da manhã, e quando voltei com o pão, entraram meus primos que eu cresci. Entrando na minha casa, segunda-feira, às oito da manhã. Eu achei estranho, vi eles, me alegrei... eles me olharam. E eu entendo que foram eles que me confirmaram que alguma coisa tinha acontecido, pois o olhar deles era um olhar de “deu merda”. Me olhavam com tristeza.

Quando entrei em casa, estava cheio de gente, familiares. Um caos. Era choro, gritos, minha mãe desconsolada. A rádio passando a lista das pessoas, avisando do atentado.

Na época falaram que era um acidente, ninguém sabia que era uma bomba. Nunca havia acontecido. Era “acidente”, a lista, as pessoas...

Enfim. Mudou minha vida.

Duas semanas teve a bomba do DAS (Departamento Administrativo de Segurança). Um prédio gigante, era para ser uma coisa segura. O cara colocou um carro-bomba lá e matou mais muitas pessoas. E ali afirmamos que sim, estávamos em guerra.

No atentado do avião tinha dois americanos; por causa disso, o DEA e o FBI vieram à Colômbia pesquisar. Descobriram que tinha explosivo plástico, uma bomba, e tudo foi se desenhando para entender que foi Pablo Escobar.

Essa do DAS, para mim, meio que “tanto faz”. Já tinha acontecido o pior, que foi a morte do meu pai. Mas é terrível tu reviver. Foi a Colômbia que “se ferrou”. Os caras acabando com tudo. E, bah, (pausa) foi uma época muito complexa.

*Eu sei que no filme do Pablo Escobar tem uma frase que o filho dele falou na época, quando mataram o Pablo Escobar em 93. Ele disse: “Vou matar todos esses filhos da puta que mataram meu pai”. E eu já tinha pensado nisso quando meu pai morreu. **Com onze anos eu dizia: “Eu vou crescer e matar o Pablo Escobar”.** Pensei.*

A raiva era absurda. Eu fiquei muito revoltado. Eu já era uma criança rebelde; depois do atentado, fiquei usando preto por cinco anos, até meus 16 anos, de cima a baixo. Eu entendia que o luto era assim. Lembro do tempo em que coloquei uma blue jeans, uma amiga do bairro disse: “Nossa, tu fica bem de blue jeans”. Aí eu percebi que estava de luto até esse momento.

*Comecei a crescer, comecei a frequentar o colégio... Tinha momentos de descontrole na minha vida bem profundos. Experimentei drogas desde muito jovem, bastante, assim, numa rebeldia, numa raiva. Eu não queria nem saber. Eu queria morrer. Queria morrer e não me importava com nada. **Uma vida sem controle.***

Aos poucos isso foi mudando. Se não tivesse vindo para o Brasil, talvez não estivesse vivo, pois era uma loucura. Muita festa. Foi o resultado de todas essas mágoas que guardei na minha vida.

Tive uma namorada que me fez muito mal. Ela engravidou de outro enquanto estávamos juntos. Fiquei um ano perdido, só fazia festa e me drogava. Quando a filha dela nasceu, fui conhecer. Ao ver o bebê no colo, desabei. Aquele neném não tinha culpa. Entendi que precisava perdoar, não podia carregar aquela mágoa como carreguei a morte do meu pai. Voltei e ajudei a criar a criança. Era pai, praticamente. No fim, ela me mandou embora e me traiu com meu melhor amigo. Mas eu aprendi a perdoar, graças a todo esse episódio.

Quando meu pai morreu, a barra para minha mãe ficou pesadíssima. Era uma mulher que trabalhava, mas dependia muito do meu pai. Ela não dirigia; quem levava ela para o trabalho era meu pai. Então, nesse momento, para uma mulher com 4 filhos ter que continuar a vida, foi muito complexo.

*Ela se **aferrou muito à religiosidade**, às crenças. Virou vegetariana e se dedicou à igreja. Trabalhou muito. Trabalhava na Unilever, tinha um cargo bom que permitiu nos formar.*

Nós quatro terminamos colégio, faculdade e fizemos intercâmbio. E até hoje penso: “Que mulher!”. Ela responde que se aferrou a Deus, tinha 4 filhos para criar, não podia ficar se magoando. Era erguer a cabeça e ir em frente.

Ela é uma mulher... (pausa) da família, a matriarca, centro da família. O poder que ela tem, o carinho, ajuda todo mundo.

A gente apanhava quando algo grave acontecia. Lembro duas vezes: teve uma vez que peguei um dinheiro na carteira da minha avó, apanhei feio. Teve outra vez que meu irmão mais novo pegou umas balinhas do shopping. O segurança viu. Aí, no meio do shopping, tirando as coisas... meus pais foram lá pagar. E como era eu que estava cuidando dele, eu que apanhei.

Lembro que meu pai foi “aprimorando” a cinta. Meu pai fez uma cinta de cabo de ferro de passar, que era um cabo grosso. E dizia que, quando fizermos algo errado, vamos apanhar. Ele deixava pendurada na parede para a gente enxergar e saber o que ia acontecer.

*Nessa análise para o filme do meu pai, eu coloco o **Estado colombiano como um sicário a mais**. Porque tudo aconteceu por falta dessa representatividade do Estado, que fez com que jovens, principalmente de Medellín, assassinassem qualquer pessoa por qualquer valor.*

Neste caso do meu pai, falaram ao sicário que a bomba era um gravador de áudio e ele tinha que gravar a conversa de duas pessoas que estavam na frente ou atrás deles. “Então, assim que o avião decolar, tu abre a mala e aperta o botão para gravar a conversa deles”. E nem ele sabia que era uma bomba.

Quem sabia era o cara que ia subir com ele, e no último minuto disse que ia descer. E desceu. E nunca mais voltou.

No meu último semestre da faculdade, surgiu a oportunidade de fazer um TCC, ou estágio, ou um curta-metragem, ou viajar. Obviamente: viajar.

Podia escolher o país do mundo que quisesse. Escolhi o Brasil porque um amigo meu recomendou, e eu já gostava da cultura e do futebol.

Queria ficar cinco anos. Aí escolhi o Brasil. Tinha Recife, São Paulo e Caxias. São Paulo parecia meio caótico como Bogotá. Recife, embora sendo praia, era turístico, um pouco caro, não muito seguro. Até que: “Caxias do Sul”. Só tinha a Festa da Uva. (Risos). “É isso que quero, vamos nos aventurar. Onde o vento me levar.”

E quando cheguei, como minha mãe ainda me “patrocinava”, eu podia ter um avião Bogotá - Buenos Aires - Porto Alegre - Caxias.

Falei que não. Falei: “Quero viajar por terra. Me dá esse dinheiro da passagem que eu vou por terra”.

Peguei um avião Bogotá - Leticia, capital da Colômbia na Amazônia, fronteira com Brasil em Tabatinga. E cheguei até aqui descendo. Cinco dias de barco, Tabatinga para Manaus. Ficava 3 dias em um lugar. Manaus, Belém do Pará. Ficava ali 3 dias. Belém do Pará, Brasília.

Desci com duas malas gigantes, roupas, barraca, comida. Eu vinha de mochileiro, mochila nas costas, e enfiava o dinheiro bem escondido. No Rio, que era o sonho que eu tinha de passar meu aniversário, passei uns 15 dias lá. Foi maravilhoso, mas acabou o dinheiro. Descobri que tinha um ônibus direto de SP para Caxias.

Eu só podia ter sido cineasta, porque é cada história que acontece comigo.

Viajei dia 22 de janeiro. Tinha que viajar com seguro médico, mas o que contratei começava dia 25. Fiquei 3 dias sem seguro.

Cheguei em Leticia, aluguei uma moto e caí num buraco. Saiu uma pedra do joelho e muito sangue. Um cara se ofereceu para me ajudar e me levar para casa dele. Uma mulher do hotel me avisou: ‘Cuidado, ele gosta de meninos’. [...] Lá, percebi o perigo: tinha uma camisinha usada debaixo da cama e ele com papos estranhos. Eu estava com a perna ferrada. Dormi com um canivete aberto debaixo do travesseiro. Ali entendi que a queda foi um sinal para eu “baixar a bola”.

Depois, no Rio, já meio bêbado, fui comprar uma regata. No dia seguinte, vi que a roupa ficava no meu umbigo. Fui tirar satisfação e o vendedor disse indignado: ‘Você pediu uma camisinha!’. Eu queria uma ‘camisetinha’ e não sabia a diferença. Foi muito engraçado, porque eu não sabia o que ‘camisinha’ era

Uma das minhas melhores amigas da faculdade na Colômbia, quando eu disse que viria para Caxias do Sul, do dia para noite decidiu vir. Ela veio atrás de mim, veio de avião, chegou primeiro.

Quando eu cheguei em Caxias do Sul, a minha amiga já tinha conseguido uma casa, uma república de intercambistas. Ela me buscou na rodoviária. A república era chamada de “Casa Laranja”. Morei o primeiro ano de intercâmbio ali. Foi bom. Foi só festa. Tinha outros intercambistas. Tinha um espanhol que era bem louco. Era a casa dos intercambistas em Caxias, então todo mundo terminava lá.

As primeiras impressões de Caxias foram boas. Depois de eu ter atravessado o Brasil e ter visto várias verdades, chegar aqui para mim foi um paraíso. Uma cidade bonita.

No primeiro inverno que teve aqui, uma cerração... eu disse: “Pronto, não tem como ir para a faculdade. Como que eu vou pegar o ônibus? Não consigo enxergar 1 metro de distância”. Eu perguntei para as pessoas o que elas fazem quando o clima está assim, e as pessoas respondem: “Nada”. E eu ficava: “Como assim, nada?”. Não tem esse clima em Bogotá. Para mim, pararia tudo.

A Casa Laranja era uma casa de madeira, então obviamente o frio entrava pelas frestas. Os primeiros frios foram cruéis. Eu pensava que o Brasil era um país quente, tropical, com praia. Agora eu chego na Serra Gaúcha com esse frio do diabo. (Risos). Eu não tinha roupa.

Tem **situações também de rejeição, de xenofobia, de racismo**. Tu ia no mercado, as pessoas te olhavam estranho. Quando eu cheguei, tinha os cabelos compridos, tinha os dreads, então as pessoas me olhavam meio estranho. Minha cor de pele causa desconforto.

Lembro que ia no mercado comprar coisas. As atendentes pedem para mim falar de novo, como se eu fosse um bicho raro aqui. Certa vez fui comprar um colchão e eu só tinha um documento que a Polícia Federal dava, que era o destaque de um papel com uma foto minha e uma assinatura da polícia. Essa era minha identidade. Fui comprar um colchão e me falaram: “Tu não compra nada aqui. Isso para nós não é nada”.

A própria Polícia Federal... tinha uma mulher muito escrota, que tratava a gente muito mal. Então eu sentia que não era muito bem-vindo. Eu me senti mais acolhido mesmo depois do terceiro ano morando aqui. No início, passei por situações complicadas.

Mas como eu já tinha morado nos Estados Unidos... que é pior ainda, pior com colombianos. O **estereótipo da coca**, do Pablo Escobar. Aqui eu tive várias pessoas que chegavam e me perguntavam: “E cadê a coca?”. Pessoas que eu nem conhecia me pediam isso.

Teve uma vez que eu estava num show na Festa da Uva. Chegou um amigo de um outro amigo e ele chegou e perguntou: “Colombiano, cadê a coca?”.

E eu respondi: “Te conheço?”. Fiquei putaço da cara. Cheguei a dar um tapa na cara dele. Eu sempre era leve, tranquilo, mas me pegaram num dia que... Bah, estava magoado. E vai à merda.

Eu falei para minha esposa ontem uma frase: Depois de conhecer Caxias, estou aqui há 18 anos, né? aconteceram várias coisas. Eu adoro a cidade. O local onde estamos. Primeiro, por tudo que a cidade já me deu: começando pela minha família, os amigos, as oportunidades. O que eu construí foi tudo aqui em Caxias.

O lugar natural que a gente vive é um privilégio, e para mim, com toda essa conexão com a natureza, é fundamental. Porque eu vim de Bogotá, que é um caos: poluição, trânsito, pessoas. Eu sinto falta dessa vida noturna e cultural. Tem uma oferta absurda: museu, cinema, bares. Bogotá é cosmopolita como São Paulo.

Mas é caótico. Uma hora de um lado para outro, pessoas ficam doidas no trânsito. Então eu adoro aqui. Por exemplo: você está em Caxias, no centro, e em 10 minutos, para qualquer lado que tu vai, tu estará num **lado natural**, com belezas exuberantes. Para mim, isso é qualidade de vida.

Muitas vezes eu quis sair daqui, principalmente pelo frio. Mas teve um dia, numa das minhas viagens para a Colômbia, a primeira depois da pandemia, que eu senti que minha casa era aqui. Eu senti. Eu senti o viajar, ir para Bogotá, casa da

minha mãe, ter os mimos da mãe, conforto, carinho... mas quando voltei, falei: "Agora estou em casa".

Hoje tem coisas da Colômbia que eu estranho, mas sinto saudades, principalmente da família, dos amigos e de Bogotá, porque adoro Bogotá. Mas tem coisas que adoro aqui. Criei uma **identidade híbrida**.

Por exemplo: Colômbia não é pontual. Marcamos às duas e chegamos às duas e meia. O trânsito, os trens... sempre tem desculpas. Eu vinha dessa cultura, e isso começou a se tornar uma piada entre amigos. E eu entendi que aqui, se tu marca às duas, é às duas. **Hoje em dia sou muito pontual. É básico.**

Tem pessoas chatas e situações chatas. Já tive problemas com muitas pessoas aqui em Caxias, porque já me pisaram ou tentaram me humilhar. E eu passo por cima e não estou nem aí. As pessoas que já quiseram me atacar, me pisaram... o que fizeram foi o contrário: me deu mais força para dizer: "Não me querem aqui? Então é agora que eu vou ficar".

Conheci a minha esposa, Roberta, num curso de cinema e documentário latino-americano que eu dei. Ela era minha aluna. Fiz uma 'jogada': contei a história do meu pai no final, e ela disse que "acabei com ela", que chorou no carro. Então já "preendi" ela pela emoção e pela minha foto no jornal que ela tinha visto e gostou, mas eu era muito lerdo para sacar os sinais. Um dia fomos numa festa no La Barra. Deu cinco da manhã e eu só falava de América Latina e política. Ela querendo ficar comigo e eu no papo "cabeça". Até que, depois de umas 15 Patrícias e muito papo, senti um sinal. Ficamos a primeira vez e não nos separamos mais. Seis meses depois, fomos morar juntos.

Eu tinha que alugar um lugar para ficar, no final não tinha para onde ir, fui morar na casa dela. Pessoal perguntava se a gente não se casava, mesmo morando juntos há três anos. Daí eu falei para ela: "Para a gente fazer toda uma coisa mais séria, precisamos pelo menos namorar uns 10 anos".

Passou esses 10 anos e ela chegou para mim e disse: "Passou 10 anos. E agora?".

Pensei: PUTS, agora ela me prendeu. (Risos).

Aí vamos começar as coisas mais a sério. Estamos juntos há 16 anos. Temos um filho de 5 anos, chamado Caetano, e uma cachorra chamada "Arepa", que é uma polenta colombiana. A polenta da Colômbia é melhor. (Risos).

No último dia daquele curso, eu resolvi contar a história. Porque, na verdade, o Nacho, meu pai, morreu no atentado do Voo Avianca 203, no atentado de Pablo Escobar em 1989. E é por isso que eu faço esse filme. Por isso que eu estudei cinema.

É incrível. Uma vontade de contar o filme dele fez eu poder estudar e trabalhar com isso, me deu uma casa. Isso é muito poderoso.

Tem uma coisa que eu chamo de "a magia do cinema": é como a gente consegue transformar vidas a partir de uma história.

A ideia é terminar o documentário em dezembro. No ano que vem, vai para festivais. Muito provavelmente vai ser lançado no final de 2026, início de 2027.

Eu tenho uma frase assim:

"Eu vou fazer esse filme, nem que seja a última coisa que eu faça na minha vida".

Tinha certeza que ia fazer esse filme. É um propósito de vida. Obviamente vou relaxar um pouco depois, mas já tenho outros dois filmes na lista.

Depois do Caetano, meu filho, o projeto é o filme. Meus dois projetos básicos de vida. A minha preocupação maior depois do filme é criar o meu filho da melhor

forma possível. O filho tem um apelo muito grande, ele é um poder cíclico da vida. É saber que estamos aqui, e a qualquer momento a vida pode acabar.

Para mim, o passado é importante porque foi ele que me trouxe até aqui, e o futuro é incerto. Então eu conto com o presente. E o presente para mim é viver o meu filho intensamente.

O meu filme, Nacho, não é sobre vingar a morte do meu pai. Eu penso de outra forma. Depois de um tempo eu vi que a minha essência não é de um assassino. Eu não seria capaz de matar. Agora, sentir essa vontade e fazer... tem um caminho muito longo.

O filme não pretende vingar o meu pai. Ele pretende falar da vida, mas também da morte. Porque para a gente morrer, a gente precisa estar vivo. Da vida para a morte é um segundo.

O projeto do filme, primeiro passou com o nome de Fragmentos. Comecei a buscar quais são os fragmentos do meu pai. Comecei a encontrar fragmentos do meu pai e percebi que também eu era um fragmento do meu pai. Percebi que o meu filho é um fragmento do meu pai.

Teve um tempo que eu pensei que não queria mais saber disso. Para mim, a verdade não me interessa. Quem matou, como matou... não me interessa. Já. Meu pai morreu e deu.

Para mim, interessa saber o que ficou dele. O legado.

Tem uma situação difícil. Quando eu fui assistir Ainda Estou Aqui (filme de Walter Salles)... e tem um momento desse filme que os dois irmãos já adultos perguntam para o outro: “Quando é que você enterrou o pai?”.

Foi então que eu entendi que eu nunca enterrei o meu pai.

Só que, ao mesmo tempo, entendi que, se eu tivesse enterrado ele, eu não teria chegado até aqui com a ideia do filme. Então, era necessário que eu não enterrasse ele, para que eu trouxesse até aqui a ideia do filme. E, de certa forma, o filme é uma forma de enterrar ele. Dizer: “Tudo isso era Nacho”.

Teve outra situação que um dia o meu filho perguntou: “Pai, qual é a história do meu abuelito?”.

Como que tu vai contar para uma criança que o abuelito foi explodido no avião? É muito pesado. Então respondi para ele: “O pai está fazendo um filme para contar a história do abuelito. Então, um dia tu vai assistir o filme e vai saber o que aconteceu”.

*O filme também tem esse apelo: que ser uma pessoa boa é mais importante. **Que um professor é mais herói do que um narcotraficante.***

Se a minha vida fosse um livro, qual o título seria? Que pergunta boa e complexa.

Sabe que na faculdade, quando eu fazia Publicidade, me fizeram fazer um livro. E o título que eu coloquei para esse livro se chamava “Momentos”. Porque eu contava alguns episódios da minha vida.

Mas é difícil pensar num título. São tantas coisas. E um título é muito curto. Para a cabeça de um cineasta, é muito difícil responder uma pergunta assim, tão fechada. Teria que ser um título bem pensado. Uma frase é muito pouco.

5.4.2 QUADRO SÍNTESE: DANIEL IGNACIO VARGAS GOMEZ

O quadro a seguir (Quadro 11 - Daniel Ignacio Vargas Gomez) sintetiza a fala e a trajetória do imigrante. A estrutura segue as perguntas (definidas como Temas),

alinhando o Depoimento do participante a um Ponto-Chave que resume a ideia central de cada trecho.

Quadro 11 - Daniel Ignacio Vargas Gomez

Tema	Depoimento	Pontos-chave
<i>Descreva o lugar onde nasceu e as experiências da infância.</i>	“Sou o segundo filho de quatro [...] a gente cresceu numa família muito amorosa com a religião como uma questão importante, como muitas famílias latino americanas, meu pai era padre então nos criou com uma crença sobre deus e sobre a religião como algo muito importante.” “A gente é da geração que ainda apanhava de cinta quando fazia algo que saia do script, apanhava bastante.” “Cresci junto de dois primos, chegamos a ter uma banda de rock, criamos um teatro no ambiente familiar, brincávamos de tudo que era coisas, foi uma infância muito feliz.” “Quando tu tem 11 anos e teu pai morre do jeito que meu pai morreu, sem dúvidas o coração endurece um pouco.” “Quando meu pai morreu, eu perdi o medo da morte, eu queria morrer para ficar próximo dele, nesse perder o medo da morte, comecei a viver uma vida meio descontrolada.” “Fiquei usando preto e vestindo preto por cinco anos, até meus 16 anos de cima a baixo, eu entendia que o luto era assim.”	Amorosidade; Religião Apanhava Brincadeiras Morte do pai Vida Descontrolada Luto
<i>Por que motivos tu decidiste vir para o Brasil?</i>	“Querer ter uma segunda experiência de intercâmbio foi o que me trouxe aqui para o Brasil.” “Vim para Caxias do Sul com 29 anos por conta do intercâmbio em 2009. No	Intercâmbio Viagem

	meu último semestre da faculdade surgiu a oportunidade de fazer TCC, estágio, curta-metragem ou viajar. Obviamente escolhi viajar.” “Queria ficar cinco anos, aí escolhi Brasil, tinha Recife, São Paulo e Caxias do Sul. São Paulo parecia caótico como Bogotá. Recife, embora sendo praia, era turístico, um pouco caro, não muito seguro. Caxias do Sul, só tinha a Festa Da Uva.” — <i>É isso que quero, vamos nos aventurar.</i>”	Aventura
<i>Como tu percebes Caxias do Sul? Como é viver aqui sendo imigrante?</i>	“No primeiro inverno, teve uma serração que parecia impossível ir para a faculdade, não dava nem para enxergar um metro à frente.” “Pensava que o Brasil era um país quente e tropical. Quando cheguei na Serra Gaúcha, com esse frio do diabo, eu não tinha roupa, e meus amigos começaram a me emprestar uma jaquetinha para tentar me proteger.” “No início, muitas pessoas me acolheram muito bem e fiz grandes amigos irmãos que tenho até hoje.” “Houve situações de rejeição de xenofobia, de racismo, tu ia no mercado, as pessoa te olhavam estranho. [...] As atendedoras pediam para mim falar de novo, como se eu fosse um bicho raro.” “Chegou um amigo de outro amigo e perguntou: — <i>Colombiano, cadê a coca?</i> e eu respondi: — <i>Te conheço?</i> Fiquei putaço da cara, cheguei a dar um tapa na cara dele.” “Adoro a cidade, primeiro por tudo que a cidade me deu: minha família, os amigos, as oportunidades, o que eu construí foi tudo aqui em Caxias.” “Adoro este lugar. Para onde quer que você vá, em 10 minutos está cercado	Serração Frio Amizades Xenofobia Preconceito Família; Oportunidades Natureza

	por natureza e belezas exuberantes. Onde estamos é lindo demais, para mim, isso é qualidade de vida: respiramos ar puro e vivemos em um lugar abençoado pela natureza.”	
<i>Se a tua vida fosse um livro, qual seria o título?</i>	“Para a cabeça de um cineasta, é complicado responder uma pergunta tão fechada. Teria que ser um título muito bem pensado para representar o que é a minha vida, porque ninguém nunca tinha me feito essa pergunta, e uma frase só é muito pouco.”	<i>Não aplicável</i>

5.5 ANTESSALA: OMAR EDUARDO VIDAL

Argentino

Cabelereiro

72 anos

“Tem que sonhar muito. Eu sonho. Tenho direito. Estou vivo.”

Figura 4 - Retrato de Omar Eduardo Vidal



Amigo de Enrique (uruguaio), Omar me recebeu em sua casa, um amplo apartamento localizado no quinto andar de um edifício de dezesseis andares, na Rua Sinimbu, próximo ao Colégio La Salle Caxias. Uma pesada porta de madeira protegia o pórtico do elevador. Ao entrar, reparei curiosamente na ausência de espelho dentro do elevador. Apertei o botão do andar cinco e subi.

O apartamento de número quinhentos e um se abriu para mim com uma atmosfera peculiar. A figura de Omar me lembrou imediatamente Albert Einstein, com os cabelos brancos e bagunçados, vestia um robe azul por cima de uma malha de tricô vazada e pantufas com o personagem Tom, do desenho *Tom & Jerry*. Sentamo-nos à mesa da cozinha, onde um aquecedor de ambiente da marca Venâncio tornava o espaço aconchegante. Ada, sua esposa (brasileira), nos serviu café preto, biscoitos salgados do tipo cracker e pães de mel.

Na TV, transmitia-se o *Jornal Nacional*, que, naquele momento, noticiava a condenação da ex-presidente argentina e conterrânea de Omar, Cristina Kirchner. Ele e Ada expressaram pesar diante da situação e defenderam Cristina como uma boa pessoa. Pouco depois, a TV foi colocada no mudo para iniciarmos nossa conversa. Antes da entrevista começar, Omar me perguntou se eu fumava. Menti, dizendo que não. Em seguida, perguntou se eu me importava que ele fumasse. Respondi, de maneira anafórica, que não. Ele, então, sorriu com ironia e disse, bem-humorado, que se eu me importasse, o problema seria meu.

Durante toda a entrevista, manteve um tom leve e descontraído. Fumou, ao meu lado, aproximadamente oito cigarros Kent Azul; minha jaqueta voltou cheirando fumaça. Naquela noite, também passava o jogo entre Brasil e Paraguai. Aos 44 minutos, quando Vinícius Júnior marcou o primeiro gol do Brasil, Omar não poupou palavras: disse que há três seleções pelas quais jamais torceria, Brasil, Estados Unidos e Chile. O último, por uma rixa pessoal. Chegou a agradecer à Cordilheira dos Andes por separar a Argentina do Chile.

Encerramos a entrevista por volta das 23h. Omar e Ada me convidaram para jantar e perguntaram se eu comia *tripada* (bucha). Como bom vegetariano, recusei. Antes de me despedir, mostraram-me com orgulho as exuberantes peças de cerâmica artesanal criadas pela filha, Perla. As obras estavam expostas em uma imensa sala. As que mais chamavam a atenção eram máscaras, que pareciam ter inspiração indígena.

Ao me despedir, convidaram-me a voltar outras vezes para novas conversas. Já em casa, por volta das 23h30, recebi uma mensagem de Omar reforçando o convite e dizendo que eu seria bem-vindo a qualquer horário. Curiosamente, na primeira mensagem que me enviou, antes mesmo de nos conhecermos, ele já havia advertido que seus horários não eram como os da maioria: acordava todos os dias às 15h. Ao ler a mensagem, confesso que senti uma leve “dor de cotovelo”.

5.5.1 COM-VERSA: OMAR EDUARDO VIDAL

Nasci em Rosário, Argentina. Tenho 72 anos.

Eu vim em 86 para Caxias, para ficar o verão. Eu fui para a Europa em 1976, quando teve a tomada cívico-militar na Argentina. Na minha família eram 50% militares, e eu nunca os aguentei. Tinha nojo deles. Fui-me embora e todo mundo agradeceu que eu fui embora.

Mas eu voltava para a Argentina durante o verão, todos os anos, quando o dinheiro deixava. Passava o verão na Argentina e depois voltava. Eu trabalhava em qualquer coisa. Trabalhava em salão de beleza, trabalhei em restaurante, trabalhei em hotéis em Barcelona.

No começo, fui contratado para ir para o Líbano, para fazer uma grande obra de engenharia, mas nessa época eu não fui porque me faltou o último semestre para me formar. Ia para o Líbano, mas lá estava em guerra na época. Então voltei e fiquei com os meus primos trabalhando na Itália. E no final, terminei em Barcelona fazendo um monte de coisas.

Eu já fui morar na Alemanha, já fui morar em Nova York, já fui morar em Paris, já fui morar na Bélgica. E no fim, voltei para Barcelona.

Quando houve a Guerra das Malvinas, me expulsaram da Inglaterra. E eu fiquei feliz que me mandaram embora, porque lá é uma porcaria. Para aguentar os ingleses é uma porcaria. Eles continuam uns piratas.

Então eu fui para a Argentina e fiquei um par de anos lá. Nisso, teve a eleição democrática, que não houve muita coisa de democracia. Colocaram um cara que fazia uns dois, três anos que morava nos Estados Unidos, foi para a Argentina e virou presidente. Então vivemos uma democracia meio turbulenta.

E decidi vir embora para Caxias. Tinha familiares aqui. Eu estava em Passos de Torres para passar o verão e depois voltar para a Europa. E eu comecei a ficar.

Comecei a trabalhar em salão, como sempre. Trabalho em salões desde os meus 16 anos. Então comecei a trabalhar aqui. E no salão, ao mesmo tempo, eu tinha a “Escola Buenas Aires”, que formou muitos cabeleireiros. Vinha muita gente de fora, do interior, ter aulas na escola. Depois nasceu a minha filha, Perla.

(Pausa)

Agora que eu não trabalho, ninguém vem falar que esqueceu o horário ou que não conseguiu vir. (Risos).

Mas eu gosto daqui. Como a gente não precisa acordar cedo, não precisa fazer nada... Bem, vai fazer 40 anos que estamos no Brasil. Se não gostássemos, não ficávamos. Fiquei mais no Brasil do que na Argentina.

Conheci a Rússia também, a China, a Mongólia. Andei por tudo. Cansei de viajar. Hoje em dia, só de pensar nas horas de viagem já me cansa. Isso que eu

viajava muito mais de trem e de ônibus do que de avião, porque naquela época viajar de avião era muito caro. **Eu trabalhava só para viajar, não para guardar dinheiro.**

Eu continuo amando minha Argentina. Mas eu saí de lá porque eu não gostei mais. Uma vez que tu sai de teu país e tu conhece outras coisas, que tu vê que são um pouco mais interessantes...

Meu avô por parte de mãe era italiano. Por parte de pai era Catalão. E a minha avó era de França, Marselha. Então ninguém da minha família era Argentina, apenas eu nasci lá.

E eu continuo amando meu país. Se falarem mal da Argentina, eu vou ir, e aí começa a discussão. E na Argentina eu não deixo falar mal do Brasil, porque a minha esposa e a minha filha estão aqui.

A primeira vez que eu vim para o Brasil foi para Santos. Na época eu era muito novo, precisava pedir permissão para sair, tinha 18 anos. Santos é belíssima, especialmente a zona do porto. O que tu queria consumir, tinha: “puterio”, drogas, tinha de tudo. Você perguntava para o policial “donde que vende marijuana?” e ele te respondia.

E depois eu fui para o Rio de Janeiro. Eu pensava que o Brasil era só o Rio de Janeiro.

O Sul e o Uruguai são praticamente como a gente, (argentinos). Os mesmos costumes de comidas, estilo de vida. Tu vai a Pelotas, por exemplo, eu penso que estou em Rosário, estou na minha cidade.

Aqui em Caxias é um pouco diferente. Pouco. Por causa da **colonização** do norte da Itália. Porque no norte da Itália são todos maravilhosos... e vai se virar eles do avesso, não sai uma moeda do bolso. A verdade é essa aí.

Aqui foi colonizado por uma parte da Itália que é bem diferente do restante da Itália. Não que sejam más pessoas, mas são diferentes.

Na semana passada nós fomos para a Sicília, porque a nossa filha queria conhecer. É diferente a forma como as pessoas te recebem. Lá na Sicília, os italianos são mais alegres, mais receptivos. Tem partes da Itália que são muito diferentes.

Mas eu sempre vivi a minha vida e nunca “dei bola” para o que uns falam, outros falam ou o que dizem. Nunca me interessou. Eu sempre fiz o que eu quis, sempre.

Naquela minha infância, a vida era como era no mundo. Tu era pequeno, tu saía na rua e os vizinhos estavam sentados na porta de casa, nos bairros onde são bairros bons.

Nós éramos “costeados”, sempre por todo o Rio Paraná. Era outra vida. O mundo inteiro era assim. Tu brincava na calçada. Hoje em dia, passou das seis, tu já fica preocupado.

Nós brincávamos na rua. Tu saía do cinema, eram 2:00 da manhã. Tu voltava da discoteca, eram umas seis, sete da manhã. Sabia onde tinha aquelas medialunas maravilhosas. Tomar café com medialunas. Só depois que tu voltava para casa.

(Pausa)

Rosário sempre foi chamada de “Chicago Argentina”. Por quê? Em Chicago há mafiosos. A máfia italiana estava lá. O meu avô era um deles. Estava num bairro onde eram todos mafiosos. Até hoje é chamada assim. **O narcotráfico continua.** Os governos nunca fizeram nada, porque parte do governo está metido nesse tipo de coisa.

Mas aquela era outra época. Nós íamos para a escola e íamos caminhando sozinho.

Minha infância foi muito boa. Eu sempre aprontava. Minha mãe tinha que me buscar no colégio porque eu não voltava de meio-dia. Em casa eu aprontava, mas eu era o mais novo, então sempre os meus irmãos mais velhos que levavam a culpa, quando na realidade tinha sido eu. (Risos).

Uma vez, no segundo grau, a gente fechou a porta de um professor... tínhamos uns 14 ou 15 anos. Fechamos a porta dele, de casa, com tijolo e cimento, para que ele não pudesse sair. Para não ter prova. Porque era uma prova infalível, era uma prova desastrosa. Nós fechamos a porta dele com tijolo e cimento. (Risos). E claro que depois o professor soube quem foi.

Em casa eu tive dois pais maravilhosos. Em casa era primeiro Deus e depois meu pai. Era muito bom. Meu pai se chamava Alberto e minha mãe, Maria. Ele era Catalão, contador. E apesar de ser contador, era muito honesto.

E a minha mãe era Siciliana. Das boas. Cozinhas que era uma maravilha. E como mãe foi maravilhosa. Mas... (risos) de vez em quando você fazia uma cagada, se ela tinha um prato na mão, voava um prato. Ela não tinha dúvida.

Eu aprendi a falar os idiomas por causa dos meus avós. Tive que aprender italiano, catalão, francês, porque senão você não conseguia falar.

Fiz o meu segundo grau, foram seis anos. Terminei com 19 anos. Eu entrei na faculdade para cursar Engenharia Elétrica. E quando estava próximo de terminar, no último ano, em 1976, eu tinha 23, só que aí caiu o governo democrático. Entrou o Onganía, um militar filho da puta. Daí se passou para uma pseudo democracia, e aí em 76 se caiu tudo.

A primeira presidente do mundo foi a Argentina, Isabel Martínez Perón. Destituíram ela.

E daí eu fui-me embora. Porque o meu irmão era militar. Ele foi um dos primeiros que entrou nas Malvinas, na guerra do Chile também. O meu pai era contador de um lugar de militares. Os tios... tinha um monte de militares também. Eu nunca gostei deles. **Eles têm que cuidar do país, não do governo.**

Eu acho que desde que eu nasci eu sou socialista. Eu não sei se por escutar o anarquismo que tinha em casa, por causa do Franco da Espanha, por causa de um Mussolini na Itália. Acho que foi por causa disso. Tenho preferência pelo socialismo e continuo assim. Não quero nem saber.

E eu, de ficar em um governo que para mim não servia, e viver em casa por causa disso... e ficar brigando... eu fui embora. Fui embora em 76, quando estourou. No dia 24 de março de 76.

Lá mataram muita gente. E aqui (no Brasil) um pouquinho menos. E até hoje tem gente que continua dizendo: "Que bom que teve os militares". Que merda, no caso.

Um governo tem que ser para a pessoa civil, e não militar ou católico. O padre tem que ficar na igreja e o militar tem que estar no "curral".

Em 17 de abril de 76, eu parti para a Espanha, que abrigou muitos argentinos depois do golpe. A gente prioriza muito mais o idioma que começa a aprender na escola.

Daí eu voltava para Argentina de vez em quando. E quando voltava, eu ficava preso. Por causa que estavam os militares ainda. Por quê? No meu passaporte eu tinha visitado Eslováquia, Bulgária, Polônia, Rússia... Berlin não, porque Berlim não te carimbava. Tinha tantos países socialistas que eu já imaginava.

Só que eu respondia que estava indo para lá para visitar os meus parentes, e não para me envolver com o governo. Até que, depois de um par de horas, eu era liberado de novo.

O meu tio foi mandado embora do exército, e era a favor da democracia. Meu irmão foi banido de fazer “agregaduría militar” em outros países, porque também era contra a coisa que faziam. E nós sabíamos, porque me contavam... e só de pensar já me dá uma coisa, uma revelia no estômago.

O mesmo aconteceu na Alemanha. Nem todo mundo era a favor do Adolfito. Creio que mais da metade da Alemanha era contra. Achavam aquelas barbaridades de louco, drogado. Enfim, a história dele se sabe inteiro: era metanfetamina todos os dias de sua vida.

O meu serviço dava para ficar em qualquer país. Porque se eu ia trabalhar em um salão de beleza... em qualquer país se corta cabelo. E eu sou colorista mesmo, e todo mundo faz cor no cabelo.

Eu sempre quis ser cabeleireiro, sempre me chamou atenção. Porque a minha mãe atuava no salão. E eu gostava de ver eles fazendo coisas. Entrava uma mulher, tu olhava e dizia: “Coitada. O que que tem nessa cabeça?”. E saíam coisas lindas. Uma mulher completamente reformada, uma mulher linda.

E cortar o cabelo na Argentina e na Alemanha é a mesma coisa, porque segue tudo o mesmo sistema. Tem muito cabeleireiro que eu não gosto, porque ele só levanta o cabelo e corta, levanta o cabelo e corta. Não segue uma ordem. Isso é o que os ingleses fazem, e eu nunca fiz.

E aqui no Brasil eu gostava de trabalhar. O pessoal gostava de mim. Eu demorei poucos meses para que me conhecessem. Eu fiz um evento quando eu cheguei.

Saindo da rodoviária, na primeira quadra eu tinha salão e tinha a Escola Buenos Aires. E na esquina tinha o Cabaré Ton Ton. E eu atendi as putas que trabalhavam lá.

Eram todas divinas, todas muito queridas. Ninguém te passava para trás. Elas não iam se não te pagavam em dinheiro. Eram maravilhosas. E eu acabei conhecendo várias por causa do salão.

Eu fiz um evento muito grande na rua. E me disseram que na rua estava cheio de gente, e que havia gente querendo entrar, mas não conseguia. Nesse evento eu dei corte de graça. E não passou mais de um mês, eu comecei a ter clientes. Sempre. E eu sempre tenho clientes. Continuei com as minhas amigas até hoje. É muito cômico. E por causa desse evento eu fiquei conhecido, com o Salão Buenos Aires e a Escola Buenos Aires.

Para mim, cortar o cabelo é arte. **Eu sou o artesão do cabelo.**

Cabeleireiro é uma arte, é uma profissão, mas nós não temos um documento no Brasil. Se tu vai na prefeitura e diz que vai abrir um salão, você não precisa de certificado para comprovar que você é cabeleireiro. Já na Argentina, e em vários países, você tem que ter certificado. Mas aqui no Brasil, não. Aqui nós somos artesãos do cabelo.

Depois que terminou a Guerra das Malvinas, essa guerra nefasta, eu tentei ficar na Argentina. Coloquei um salão que era enorme de grande. Tinha três andares, era uma coisa de louco. Lindíssimo. Mas não funcionou.

Mais uma vez: tu sai do país e vê outra coisa. Tu vê se o argentino... eu digo, pensa só em guardar dólares. E eu não consigo entender isso, porque eu nunca fui de guardar. Se eu guardava, era para viajar ao exterior.

*E eu acho que a Argentina não funciona por causa disso também. **Ela não se importa com a moeda nacional.** Eles só querem e só se importam com dólar. Devem todos ser internados em um centro psiquiátrico. Daí fica todo mundo feliz porque vai liberar o dólar, o tal de Milei. As pessoas ficam felizes que vai liberar o dólar, mas daí você deprecia sua moeda nacional. Às vezes os argentinos passam fome porque não querem gastar o dólar.*

Nunca me senti mal por haver saído do meu país, porque não fui expulso. Muitos amigos meus que eu recebi na Espanha ou na Alemanha tiveram que sair da Argentina por ameaça de morte, por serem militantes. Eu não era militante sindicalista radical como eles. Eu saí da Argentina por causa da política.

Eu tinha uma namorada no Chile. Apesar de que nós não gostamos dos chilenos. (Risos). A Cordilheira dos Andes, ela cresceu e cada vez tem que crescer mais. Claro, todos os chilenos não são iguais, mas que bom que a Cordilheira nos separa.

Nós não gostamos deles. E dos ingleses, menos. E não foi por causa das Malvinas. As Malvinas foram uma necessidade histórica. Se a gente não entrava na guerra das Malvinas, se passava mais alguns meses, a Inglaterra ficava toda a vida com elas, sem necessidade de nunca mais entrar em negociação com a Argentina. Porque se cumpriria 150 anos que eles tinham invadido as Malvinas.

Eu vim para Caxias em 86, e depois eu fui para Porto Alegre, porque fui contratado em um salão e fiz um programa com a Tânia Carvalho, na TV Guaíba.

Eu cortei o cabelo do dono da RBS, o Maurício Sirotsky Sobrinho. Ele morreu no mesmo ano que eu fui. Acho que o meu foi o último corte dele. (Risos). E cortei o cabelo do dono da Zero Hora, que era dono do Pioneiro também. Era gente maravilhosa, não poupavam para pagar nada. Pagam o que tu quer, não são nada pão-duros.

No programa da Tânia Carvalho eu falei coisas de cabelo. Aqui recém se começava a falar de visagismo. Para entender qual o penteado serve ou não numa pessoa. Antigamente não se usava a palavra visagismo.

O salão que eu trabalhava no Bom Fim era o Hoffmeister. Lá tem uma sinagoga que é linda. Meu amigo era judeu. E lá as pessoas gastam mesmo. Não tem essa história de que judeu é pão duro.

Só que esse meu amigo judeu, dono do salão, não era cabeleireiro. Era caricaturista. Mas ele morreu. O Hoffmeister morreu. Eu estava cumprimentando ele pelo Facebook há 2, 3 anos seguidos por aniversário, e um amigo viu e ele me mandou uma mensagem dizendo: “Olha, para de mandar mensagem porque ele morreu”.

Eu também não lembro o nome desse amigo. Nós chamávamos ele de “Hoff”, mas o nome eu não sei. Eu nunca soube, eu acho. (Risadas).

*Quando eu falei que ia para Caxias do Sul para uma das empregadas do salão em POA, ela me perguntou se eu ia para lá **“ver todos aqueles gringos”**.*

Muitas pessoas dizem que não gostam de Caxias porque as pessoas não te tratam bem. Mas eu nunca fui maltratado. Nunca na minha vida. Só que eu, quando chego, digo “Boa tarde”, “Muito obrigado”, “Por favor”. A verdade é que o italiano é grosso para falar, mas não é por causa tua, é uma forma de expressão do italiano.

Eu não cheguei a sofrer nenhum preconceito. Sempre considerei que eu fui muito bem recebido.

*O máximo de preconceito que eu sofri foi uma denúncia de um colega, que **me denunciou por ter salão de beleza e escola de cabeleireiro e ser estrangeiro.** Tu vai na Polícia Federal, tem o departamento da imigração. E daí um*

dia me apareceu um policial perguntando como que eu era estrangeiro e tinha um salão. Daí eu mostrei todos os documentos.

Quem me denunciou foi um colega recém-formado que se fazia um gênio. Só não falo o nome porque ele ainda está vivo. Mas desejo que ele ganhe muito dinheiro, mais do que já tem.

Quando eu vim para Caxias do Sul, eu trouxe horrores de tinta colorida. **Só que ninguém queria usar.** Ninguém usou. Venceu as tintas, foi tudo para o lixo.

Uma vez, uma cliente quis que eu fizesse uma mechinha cor-de-rosa, e até hoje ela continua usando.

Lá na Europa eles pintavam o cabelo colorido. Eu tinha o cabelo pintado em três cores. Mas quando eu vim para Caxias, eu cortei tudo fora. Nem foto eu tenho, porque na época tirar foto era caro. Meu cabelo era meio amarelado, meio vermelho, e também tinha um brinco. E lá na Europa era normal. Não era tão normal, mas era mais aceito. Quando eu vim para Caxias, ninguém usava.

Eu conheci a Ada quando estava trabalhando no Dirceu (Cabeleireiro). Ela ia toda semana fazer o cabelo comigo.

Ela me levou um convite para um tal de Incitatus, onde fiz meu evento. Porque, além da minha esposa (Ada) conhecer, eu conhecia toda turma. O dono era o Volnei.

Na quarta-feira era dança com um cantante. E depois tinha mais na sexta e no sábado. E nós íamos as três vezes. E na quarta era com janta de graça. Não era um jantar simples, mas também não era aquela coisa de “dois tenedores” (dois garfos)

Porque tu ia se reunir com todo mundo, conhecia um monte de gente. Todas essas pessoas que eram amigos e demais, e daí as pessoas começavam a frequentar o salão.

Eu saí do Dirceu para um salão na Pinheiro Machado, em cima da Casas Uruguai. Só que aí esse salão não deu muito certo.

Daí eu fui abrir lá na Andrade Neves, antes de chegar na rodoviária, na última quadrinha. O salão e a escola. Hoje tem um prédio. Na Argentina eu também tinha uma escola grande.

O tempo mudou muito as coisas. Todos os colegas... quando nós saímos no sábado de noite ou final de semana de noite, eles aparecem na Chardonnay.

(Neste momento, Dona Ada discute com Omar se a Chardonnay era um cabaré estilo o Ton Ton. Omar defende que sim. A conclusão a que chegaram é que a Chardonnay é “meio puterio”).

Era legal, porque íamos todos sendo colegas. Não importava onde você trabalhava. Se juntava um e outro e outro. Todos nós fazíamos janta, todos acolhidos. Fazíamos todo mês um churrasco aqui, outro lá. Na minha casa onde tinha o salão, era grande a casa. Hoje no lugar deve ter um prédio.

Em frente ao Magnabosco também tinha um restaurante muito bom. Se reuniam todos os cabeleireiros de qualquer salão, de qualquer bairro. Mas hoje não se olha um na cara do outro.

Todos os velhos ou deixaram de trabalhar ou morreram. Mas ninguém estava mal com ninguém. Era outra época.

Eu gosto de Caxias, só não gosto do frio. A Ada é que tem “pé de leque” e sai toda hora, mas eu só fico em casa. Se eu tivesse que sair para trabalhar, eu não ficaria aqui em Caxias, mas não por causa da cidade. Porque nem eu e a Ada temos mais ninguém. É só ela e minha filha. Se pudesse estar em outro lugar, estaria em Balneário, perto da minha filha.

Só que um apartamento como esse que temos em Caxias, lá em Balneário custa três vezes mais caro.

Eu não demorei nada para me acostumar com o português. Eu sou o cara de pau. Eu fui falando. Sou atrevido. Se eu não sei falar, eu aprendo a falar.

Acho que foi uma junção boa de aprender rápido. Porque ao saber falar italiano, francês, espanhol e um pouco de alemão, se tornou mais fácil. Quando deu 20 dias, eu já estava entendendo. Antes de ir para Porto Alegre, eu já estava quase entendendo. E depois de dois, três meses, eu já falava.

Às vezes, na Itália, eu me atrapalho, sai uma palavra em português, outra em espanhol. (Risos).

Eu sempre lembro daquela que o cara... eu rio de mim mesmo. Era um carabineiro, um policial. Fui perguntar uma coisa, uma linha de metrô, em algum lugar da Itália. O cara ficou me olhando, não entendeu nada. A minha filha falou: "Ou tu fala italiano, ou tu fala português, ou tu fala espanhol!". E o policial disse: "É vero. Não entendi nada." (Risos). Aí que eu me toquei que eu preciso colocar um chip só, um idioma.

Acho que o ouvido se acostuma quando já sabe vários idiomas. Uma vez nós chegamos nas ilhas do Caribe, e lá se fala Papiamento. E é estranho. Havia havido um problema no hotel. E lá eles falavam em Papiamento, é claro. E eu respondi para eles. E respondi certo.

Eles pediram desculpa, disseram que não sabiam que nós falávamos Papiamento. Eu respondi: "Não falo Papiamento. É que descobri hoje que o idioma de vocês é esse". O cara me perguntou: "Como você entendeu?". E eu respondi: "Eu não sei".

Então eu acho que eu já tenho uma predisposição para entender.

Hoje eu não tenho expectativa de voltar para a Argentina, porque estaria longe da minha filha. Não faz sentido.

Meu objetivo daqui para frente é estar junto da minha filha, e só. E que ela nos dê um neto um dia.

Tem que aproveitar até os 40, 50, para dar tempo de fazer todas as amizades que tu quer. Porque depois dessa idade, amigos, acho que tu não faz mais. Tu vai fazer conhecidos.

Outra coisa, aqui em Caxias é **muito fechado para cultura**. Falta muita coisa. Na Argentina tem horrores de coisas. [...] Outro grande problema de Caxias é o **preconceito**, existe muito preconceito. Se tu quiser casar com um homem, se quiserem casar duas mulheres, o problema é seu, na verdade nem é problema, o importante é estarem felizes."

(Virando-se para mim, rindo) No TCC tu vai colocar coisas sobre "o argentino louco extraviado". Pode colocar, não tem problemas.

(Pausa)

Se minha vida fosse um livro, qual seria o título? O Mundo em Mi Manos.

5.5.2 QUADRO SÍNTESE: OMAR EDUARDO VIDAL

O quadro a seguir (Quadro 12 - Omar Eduardo Vidal) sintetiza a fala e a trajetória do imigrante. A estrutura segue as perguntas (definidas como Temas), alinhando o Depoimento do participante a um Ponto-Chave que resume a ideia central de cada trecho.

Quadro 12 - Omar Eduardo Vidal

Tema	Depoimento	Pontos-chave
<i>Descreva o lugar onde nasceu e as experiências da infância.</i>	“Nasci em Rosário, na Argentina. Trabalhei em salões desde os meus 16 anos.” “Naquela época tu saia na rua e os vizinhos estavam sentados na porta de casa.” “Nós éramos costeados pelo Rio Paraná, era outra vida. O mundo, tu brincava na calçada; hoje em dia, passou das seis, tu já fica preocupado.” “Nós brincávamos na rua, ficávamos até de noite no parque, atravessávamos o rio de de veleiro ou lancha, tudo era tranquilo, não tinha violência no centro da cidade.” “A minha infância foi muito boa. Eu sempre aprontava, minha mãe tinha que me buscar no colégio porque eu não voltava ao meio-dia.” “Uma vez, no segundo grau, a gente fechou a porta de um professor com tijolo e cimento para ele não poder sair, para não ter prova, porque era uma prova infalível, era uma prova desastrosa.”	Salões de Beleza Vizinhos Rio Paraná Brincadeiras na rua Aprontava Memória escolar
<i>Por que motivos tu decidiste vir para o Brasil?</i>	“Eu vim pra cá em 1986, para passar o verão.” “Depois da guerra das Malvinas, essa guerra nefasta, tentei continuar na Argentina. Abri um salão enorme, com três andares, era uma coisa de louco, lindíssimo, mas não deu certo. Fiquei um tempo lá, e em 1983 teve uma eleição democrática. Fiquei mais um pouco, esperando que as coisas melhorassem.” “Mas essa democracia foi meio turbulenta. Colocaram no poder um	Passar o verão Guerra das Malvinas Democracia turbulenta

	cara que tinha morado três anos nos Estados Unidos e voltou para a Argentina direto para ser presidente. Então, não teve muita coisa de democracia, não.” “Decidi ir embora para Caxias, onde eu tinha familiares. Vim pra passar o verão e depois voltar pra Europa, mas acabei ficando e comecei a trabalhar em salão.”	Familiares no país
<i>Como tu percebes Caxias do Sul? Como é viver aqui sendo imigrante?</i>	“Gosto daqui, como a gente não precisa acordar cedo, não precisa fazer nada. Bem, vai fazer 40 anos que estamos no Brasil, se não gostássemos, não ficávamos; fiquei mais no Brasil do que na Argentina.” “Eu tinha a Escola Buenos Aires, na esquina tinha o Cabaré Ton Ton, eu atendi as putas que trabalhavam lá, eram todas divinas, todas muito queridas, ninguém te passava para trás. Elas não iam se não te pagavam em dinheiro, eram maravilhosas e eu acabei conhecendo várias por causa do salão.” “Muitas pessoas dizem que não gostam de Caxias do Sul porque as pessoas não te tratam bem, mas eu nunca fui mal tratado na minha vida. [...] A verdade é que o italiano é grosso para falar, mas não é por causa tua.” “O máximo de preconceito que eu sofri foi uma denúncia de uma colega que me denunciou por ter salão de beleza e escola de cabeleireiro e ser estrangeiro.” “Quando eu vim para Caxias do Sul, eu trouxe horrores de tinta colorida, só que ninguém queria usar, venceu as tintas e foi tudo para o lixo.” “Eu gosto de Caxias, só não gosto do frio.”	Vida tranquila Clientes maravilhosas Imigração Italiana Xenofobia Mercado conservador Frio

	“Não demorei a me acostumar com o português eu sou o cara de pau eu fui falando, sou atrevido.” “Aqui em Caxias é muito fechado para cultura, [...] em Caxias falta muita coisa.” “O grande problema de Caxias é o preconceito, existe muito preconceito. Se tu quiser casar com um homem, se quiserem casar duas mulheres, o problema é seu, na verdade nem é problema, o importante é estarem felizes.”	Adaptação rápida Falta de Cultura Preconceito
<i>Se a tua vida fosse um livro, qual seria o título?</i>	“O Mundo en mi Manos”	<i>Não aplicável</i>

5.6 ANTESSALA: ISABEL FREITEZ AZÓCAR

Venezuelana

Professora e estudante

21 anos

“A minha mãe sempre trabalhou no turno da noite e me dizia: Filha, tem cuidado. Além de tu ser mulher e nova, tu é estrangeira também”.

Figura 5 - Retrato de Isabel Freitez Azócar



Consegui o contato de Isabel por um atalho da vida: um dos meus amigos mais próximos havia trabalhado com ela no Andrezza. O primeiro contato foi via mensagem. Ela foi super receptiva e aceitou de imediato a ideia da entrevista.

Mais tarde, durante nossa conversa, entendi essa abertura. Em um dado momento, ela mencionou que “existem muitos caxienses bons que realmente se importam com os imigrantes e em saber a história da pessoa”. Fiquei muito feliz ao ouvir isso, pois senti que, ao procurá-la, eu estava cumprindo exatamente esse papel.

Ainda assim, demorou. Nossas rotinas de faculdade, a minha e a dela, de Letras, consumiram um mês inteiro. Marcamos, enfim, num sábado. E que sábado. Chovia muito.

Fui o primeiro a chegar ao Quiero Café, próximo ao Shopping Villagio. Acomodei-me numa mesa ao canto, um pouco ansioso. A chuva torrencial bombardeava o contêiner onde estávamos e minha preocupação era puramente técnica: a captação do áudio. (Graças a Deus, não atrapalhou).

Pouco depois, Isabel chegou, acompanhada do namorado, Matheus. Por um momento, temi. A experiência com outras entrevistas já me havia mostrado que a presença de cônjuges pode alterar a dinâmica. Mas não. Matheus manteve uma postura de ouvinte, quase oculto, durante toda a conversa.

Isabel foi a segunda venezuelana que entrevistei. Por isso, alguns de seus relatos sobre a escassez nos mercados, a dificuldade para sair do país já me eram familiares.

O que não era familiar, e o que tornou sua fala única, foi a amorosidade. Ela descreveu um povo extremamente adepto ao toque. E descreveu a dor de ter perdido essa inocência ao chegar em Caxias, por medo de ser mal interpretada, de pensarem que as pessoas vão levar as coisas na segunda intenção.

O que mais me chamou a atenção foi a sua indignação. Ao narrar os preconceitos sofridos, ela não se vitimizava; ela se revoltava. A todo momento, reiterava a importância de conhecer os próprios direitos. Era a futura professora de Letras falando, reforçando a mensagem de que o conhecimento é a arma mais poderosa que um imigrante pode ter. “É preciso sair da bolha do seu país”, ela disse, “para poder crescer”.

Acima de tudo, Isabel foi a única mulher que entrevistei. E isso trouxe uma camada que os outros relatos não tinham: a forma como foi sexualizada e estereotipada.

Foi também a única pessoa que, ao revisitar as dores da sua vida, chorou. Aconteceu ao contar um conselho que a sua mãe lhe deu, quando recém estava se adaptando a Caxias do Sul.

‘Papeamos’ bastante. A conversa fluíu tanto que, mesmo estando num café, acabamos por não comer nada. As horas passaram. A entrevista se encerrou e nos despedimos. Eu fui para o shopping almoçar; Isabel, para a casa da sogra.

5.6.1 CONVERSA: ISABEL FREITEZ AZÓCAR

Meu nome é Isabel Freitez, tenho 21 anos. Vim para Caxias do Sul há quatro anos, no dia 02 de julho de 2021. Eu tinha 17 anos. O que eu faço agora? Eu estudo Letras na FSG e trabalho no shopping.

Quando eu cheguei aqui, era pandemia. Não sei se é de conhecimento de todos, mas na época em que eu vim, era proibido sair da Venezuela. E com a pandemia, não havia avião, então tu precisava entrar pela parte terrestre.

Eu morava em Maturín, que era a 8 horas da capital. E daí, tu precisa atravessar dois estados para chegar à fronteira, que é Roraima com Santa Helena. A viagem para o primeiro estado demora umas 3 horas, e para chegar de Puerto Ordaz até Santa Elena, dá mais ou menos 14 horas.

Tenho conhecidos que já foram para Boa Vista, já foram para Roraima, e conhecem todo o trajeto a pé. É mais ou menos umas 2 horas e meia, então tu precisa ir muito cedo de manhã, e ter muita segurança.

*Outro fato curioso: antes de chegar no ponto de fronteira, para ir de um ponto até outro dentro do país, tem muitos postos policiais. Então, todos eles revistam toda a tua roupa, olham todas as suas coisas, porque eles sabem que se **você está indo para lá é porque quer sair do país**. Então você precisa pagar para eles e mentir uma informação, como: “Ah, estou indo visitar uma tia”. E pagar, por exemplo, 150 dólares para poder passar. Isso em cada posto.*

Ou você pode dar comida, dar alguma coisa, um celular... E tem um ponto do caminho que eles só escolhem se tu passa ou não passa. Mas, graças a Deus, a gente conseguiu de carro, senão seria mais ou menos uns 5 dias a pé.

Muitas pessoas que estavam comigo, inclusive com crianças e idosos, tiveram que ir a pé. E vão. Mas a mulher que estava nos levando tinha um salvo-conduto que deixava ela passar livre por todo o caminho. Então, nós chegamos a Santa Elena e tivemos que esperar o outro dia para sair às cinco da manhã, porque de noite é muito perigoso.

Então a gente foi caminhando. E é literalmente tudo mato. Só mato.

Mas quando você está chegando bem na fronteira, você encontra militares tanto do Brasil quanto da Venezuela. E isso acaba se tornando uma “sociedade”: eles decidem se te deixam passar ou não. Os militares venezuelanos podem falar para os brasileiros nos entregarem.

Perto da fronteira tinha uma montanha e nós tínhamos que passar atrás dessa montanha e literalmente correr até chegar ao ponto onde tem um táxi te esperando. Porque eles vão atrás de ti. Mas, claro, a polícia militar da Venezuela não pode entrar em territórios brasileiros para te capturar. Então, é isso que eles negociam com os policiais brasileiros: para eles te entregarem.

Pode ser em troca de dinheiro ou todo tipo de coisa. Por exemplo: deixar um membro da família "fazer coisas" (abusar) com ela e depois liberá-la. **É uma situação bem crítica.**

Então, até chegar ao táxi, você tem que ir com a cabeça toda abaixada, até chegar no ponto mais para o centro de Roraima. Aí você já está com mais segurança. De Roraima para Boa Vista dá uma hora de viagem de carro. Chegando lá, nós ficamos quatro dias esperando para vir de Boa Vista para Caxias direto, pois já tínhamos conhecidos aqui.

Chegando em Caxias, percebemos que o português de lá (Boa Vista, Roraima) e o do Sul é muito diferente. Eu não entendia nada, nada do que as pessoas falavam. Para mim era uma mistura... tipo francês, outra coisa. Até porque na fronteira com a Venezuela tem muitos brasileiros que falam espanhol.

Eu percebi que aqui as pessoas falavam muito mais calma, mas ao mesmo tempo eram muito fechadas. **Elas não gostam de dar carinho, não gostam do contato.** Eles te olhavam diferente, sabiam que você não era dali. Não vou dizer que todo mundo. Isso é geral, em todo país tem pessoas boas e tem pessoas ruins, não dá para generalizar e dizer que todo mundo é preconceituoso.

Chegando em Caxias do Sul, estava bem no inverno. A cidade onde eu morava era muito quente; para nós, inverno era 26 graus. Eu cheguei aqui, estava 1 grau. Foi muito diferente, até o corpo.

Depois disso, cheguei em casa, na família da minha mãe. Nós ficamos um mês resolvendo assuntos da documentação e nós conseguimos fazer o CPF por contatos que nós já tínhamos aqui.

Logo que nós chegamos, eu consegui trabalho, um mês depois, em uma cafeteria. Foi a primeira vez que eu trabalhei no sentido comercial, porque lá na Venezuela eu fazia qualquer tipo de coisa para ter uma renda extra. Cheguei aqui, trabalhei, trabalhei no shopping também. **Foram experiências muito difíceis.**

Eu ganhava menos do que os outros e trabalhava mais horas, e o meu intervalo era muito menor. Só que eu não tinha conhecimento de leis trabalhistas, então para mim, ganhar o meu salário era mais do que o suficiente. A minha mãe tinha conseguido para mim esse freelancer, que era sexta, sábado e domingo.

Para mim, o português foi uma **troca (barreira) muito difícil.** Às vezes, parece que as pessoas não têm paciência na hora de falar. Pois eu lembro que eu entendia, mas eu não conseguia falar, e muitas vezes isso me deixava em situações desconfortáveis.

No começo eu senti um pouco mais de **preconceito.** Foi bem difícil. Foi uma experiência emocionalmente difícil. Eu não conhecia ninguém, estava eu e minha mãe, apenas. Amizades eu não tinha. E era simplesmente sair de casa para trabalhar e chegar até às 10 ou 11 horas da noite em casa.

Eu lembro que chegavam muitos clientes me falando assim: "Se você quer ganhar dinheiro fácil, você não precisa trabalhar. Vem aqui com a gente". Eles nos tratavam assim.

Só que depois que tu aprende a falar, tu consegue se defender melhor. Mas eu também acabei conhecendo pessoas muito boas, pessoas que quiseram

conhecer a minha cultura, pessoas que se interessaram por mim, me ajudaram. Foi assim para mim aprender a falar.

Eu também trabalhava como atendente e eu acabava só repetindo o que as outras pessoas falavam. “Quero um café com leite”. Eu repetia: “Café com leite”. Só entendia isso. Isso foi mais ou menos no início.

O motivo da saída da Venezuela é conhecido, mas as pessoas não sabem muito bem a profundidade da situação política, da situação econômica. Para ninguém é um segredo que a Venezuela é um dos países que mais está em crise. E isso é mais do que o suficiente para te dizer: “bom, o mesmo poder há 25 anos não é normal.”

A situação da Venezuela já teve pontos muito críticos, tanto que a nossa moeda já tem cinco zeros cortados. O salário lá é um milhão de bolívares, uma moeda que ninguém conhece. A gente acaba se baseando mais no dólar. Mas depende muito da posição em que você está na Venezuela. Por exemplo: se eu moro em Santa Elena, que é fronteira com o Brasil, essa região vai se movimentar para o Real. Se eu moro mais perto da fronteira com a Colômbia, essa fronteira vai se movimentar em Peso. Então não tem uma moeda fixa, é tudo uma questão de proximidade.

Além disso, é uma exploração total, não tem nem como explicar. Uma situação de trabalho lá é humilhante, é triste. Para tu sobreviver, tu precisa mais ou menos de uns 300, 400 dólares. Se tu for fazer um cálculo de bolívares para dólares, o que tu ganha é apenas dois dólares. É impossível sobreviver com isso.

A educação se perdeu há muito tempo. Tem muitas pessoas que são compradas pelo governo. Depois que teve a fraude eleitoral do ano passado, agora acontece muito o silêncio nas redes sociais, em notícias. Não se fala mais dos presos. Evita-se falar no WhatsApp porque é olhado, é uma situação bem crítica.

E esse foi um dos motivos principais. Tanto que a minha mãe trabalhava na parte pública lá, em legislação pública, e ela era perseguida. Se ela voltar para a Venezuela, ela vai presa. Então, essa é a situação.

Tanto que eu não consigo ir mais lá, porque o meu documento, que diz que eu sou venezuelana, simplesmente sumiu do sistema. O que é impossível, porque ninguém pode dizer que eu não posso voltar ao meu país. Mas eles fazem isso. Se eu for lá, não vai ter um documento comprovando que eu existo, e daí eu vou presa. Então, para mim conseguir voltar para a Venezuela, eu preferia ser naturalizada brasileira para poder voltar com segurança.

Tem uma situação bem crítica referente à lá. Para tu ter contato... Claro, a gente não mora no mato. Tem pessoas que nos perguntam: “Vocês comem cachorro? Vocês andam a cavalo?”. Não. A gente tem carro... Até porque lá se movimenta muito dinheiro de tráfico. Então, não é possível que haja tanto movimento de diversas moedas sem turismo. **É a corrupção da parte política.**

Eu passei pela fronteira terrestre, tanto que no meu passaporte não tem carimbo, não tem selo. Eu passei pelos postos policiais onde literalmente tem uma bandeira do Brasil de um lado e da Venezuela do outro.

Eu passei escondida, ninguém me viu. Então eu só entrei no Brasil. Só que na época, era “legal” no Brasil passar sem selo no passaporte, porque eles entendiam a situação que a Venezuela está. Eu jamais poderia ter o selo de entrada no Brasil, pois estava proibido sair da Venezuela.

Essa parte é muito corrupta. Eu não posso dizer que os militares brasileiros possam me defender, mas por uma boa quantidade de dinheiro, eles não te entregam. E os policiais vivem disso. Eles podem simplesmente “vender” pessoas,

fazer outras coisas: venda, prostituição, estupro, trabalho escravo. São muitas situações.

Então, hoje, para tu passar, tem que ser sem ninguém te ver e tem que ser com alguém que saiba o caminho. Porque senão, até as pessoas que você paga podem te entregar.

Eu tinha 17 anos. Quando eu estava passando, era muito sufocante, eu mal conseguia respirar porque eu tinha muito medo. Era uma caixinha de surpresa. Eles podiam te pegar... Você não sabia qual era o pior das coisas que podia acontecer contigo. Você não sabia se, caso não conseguisse cruzar, ia poder voltar para sua casa. Não era assim.

Então foi uma situação muito nervosa, muito traumatizante. Traumática. Que eu não farei de novo.

Tanto que às vezes eu falo para o Matheus, meu namorado, que eu gostaria de voltar para a Venezuela, mas eu não sei se eu saberia morar lá. Porque, querendo ou não, aqui em Caxias do Sul eu tenho um conforto: poder andar, usar meu celular, usar um colar, usar uma bolsa. Lá na Venezuela não existia isso. Eu já não saberia mais viver.

Por mais que eu queira ir lá, eu sinto que eu já não conseguiria me adaptar. Mesmo que a Venezuela melhorasse a situação, eu não sei se eu conseguiria voltar, porque eu vim muito jovem para cá. E meu ciclo social, trabalho, faculdade, interesses, estão todos aqui. Mas eu acho que eu não conseguiria mudar de novo para lá.

Por mais que eu tenha muita saudade, eu sinto que nada é como tua casa.

*Por mais que seja uma experiência linda viver em outro país, **nunca é a sua casa**. É como dormir fora de casa: no começo pode ser legal e divertido, mas de um jeito ou de outro, você sabe que você não forma parte disso. Você é estranho.*

Na tua própria casa eu já sou estranha, na Venezuela, pois já não consigo morar lá. Mas eu também sou imigrante no Brasil.

*Então é um **sentimento dividido**. Você não está em nenhum lugar, mas ao mesmo tempo está em ambos.*

Então você tem duas pessoas: as pessoas que te conheceram na Venezuela, que você deixou para trás, e a pessoa que você se tornou agora. E realmente, se eu juntar elas, realmente são muito diferentes uma da outra. Aprendi aqui culturas diferentes, tanto que de algumas eu gosto bastante e de outras não.

Esses dias fui na casa da minha sogra tomar café da manhã e, para mim, foi muito diferente saber que o conceito de “café” era cuca, porque era um doce. E isso foi muito diferente para mim, porque para mim o café precisa ser salgado: pão, ovo, arepa (uma comida venezuelana). Então eu falei: “Se eu comer isso, vou passar mal, vai dar dor de barriga”. (Risos).

*Tem muitas coisas diferentes do nosso país. Por exemplo, colocar açúcar no abacate. Para mim, isso não tem cabimento. E para mim, o que eu mais sinto falta é a comida. Porque por mais que eu faça a mesma comida aqui, ela **não tem o mesmo sabor que a de casa**.*

*Eu sinto que morar na Venezuela te faz ficar apenas pensando: “Eu preciso sair daqui, eu preciso sair daqui”. Então, tu se torna uma pessoa um pouco ignorante em relação a tudo que está acontecendo no externo, **não tem outro tipo de crescimento pessoal, de crescimento profissional. É só sobrevivência**, todos os dias.*

Mas nós, (venezuelanos), somos pessoas muito abertas. Qualquer pessoa que nos conhece sabe que somos barulhentos, a gente fala demais, fala rápido, é muito toque toda hora. Tanto que lá todo mundo se chama 'mi amor', 'mi vida'.

Já aqui o pessoal é muito **mais fechado**. O toque já é estranho, muito barulho é estranho. E eu me acostumei tanto desse jeito caxiense que, para mim, o jeito venezuelano se tornou muito estranho.

Uma coisa que eu lembro é que no Natal, por exemplo, você caminhava pelas ruas e todo mundo te convidava para sentar, mesmo não te conhecendo, e te servia um prato, mesmo tu nunca tendo visto essa pessoa na vida. O mesmo numa festa de aniversário, por exemplo: tu levava umas cinco pessoas e acabavam se tornando todos amigos.

Tanto nas festas familiares... quem visse de fora pensaria que estávamos brigando, porque é muita risada, muita faladeira, muita coisa.

Eu acho que, principalmente, o Natal é o que mais sinto falta. Para mim, **o Natal perdeu a magia**, porque tinha um prato típico, a comida, a música... Para mim, agora é só a passagem de um ano. Mas eu dou graças a Deus que minha mãe e meus irmãos estão aqui.

Mas tem coisas que eu acho que eu nunca vou recuperar. A minha avó, por exemplo, não vai conseguir ver eu me formar. E se ela vier a falecer, talvez eu nem possa visitá-la na Venezuela. Então, a última vez que eu tive um abraço da minha avó faz quatro anos. O meu pai também faz 4 anos que eu não vejo.

Porque, por mais que nós tenhamos ferramentas para nos comunicar, **nunca é a mesma coisa**. Chega um ponto que você está tão ocupada com as coisas da sua vida que você não consegue mais conciliar com lá, pois já não é mais o mesmo ritmo de vida. São coisas diferentes, pensamentos diferentes.

A situação do Brasil também não é... não seja a melhor, mas nos oferece uma condição de vida melhor. Tu consegue analisar o preço do mercado, o salário, os direitos. Mas se fosse para mim sair do país de novo, passar por tudo que eu passei na fronteira, eu sem dúvida viria para o Brasil de novo.

Eu acho que o povo brasileiro, por mais que tenha seus três ou quatro preconceituosos, tem pessoas muito boas, muito abertas, muito alegres. Porque, geralmente, as pessoas que moram em Caxias do Sul não são de Caxias do Sul. Porque assim, os exclusivamente nascidos em Caxias são mais fechados. Mas é muito perceptível a diferença quando uma pessoa não é de Caxias, porque eles gostam de escutar tua história, eles gostam de saber de ti, gostam de entender a situação da Venezuela. A única coisa ruim é quando toca na parte política, mas isso é uma questão que nunca dá certo em conversas.

As pessoas falam que eu me expresso muito bem, mas que deveria melhorar o meu sotaque. **A verdade é que eu não quero melhorar o meu sotaque**. Não adianta. Eu não sou daqui e não tenho interesse em trocar meu sotaque, porque desde que uma pessoa entenda meu português e que eu seja capacitada a ensinar outras pessoas, eu não quero perder a essência da minha língua. Porque isso me faz mostrar de onde eu vim, e não tenho nenhuma vergonha disso.

Você não pode basear uma pessoa na outra. Então, enquanto eu puder mostrar que o venezuelano é uma pessoa boa, é uma pessoa trabalhadora. Muitas pessoas, inclusive meus gerentes, acreditavam que os estrangeiros vinham para cá para **roubar o emprego e roubar o trabalho do brasileiro**. O meu gerente disse que, quando me conheceu, foi um tapa na cara, porque ele viu que eu era uma pessoa muito trabalhadora, querida, responsável, com uma história muito interessante de vida. Tanto que ele mudou todo o seu pensamento.

Eu sempre falo: eu não vim tirar o trabalho de ninguém. Eu vim fazer o meu trabalho e conseguir viver o que eu não consegui fazer no meu país.

A minha mãe veio junto comigo para cá... e eu me sinto muito mal, porque ela tinha uma vida lá.

*Mas para o nosso futuro, não ia valer a pena continuar na Venezuela. Porque lá você não consegue seguir uma carreira, nem artística, nem profissional, porque o pensamento lá é centralizado: “Eu preciso fazer dinheiro para sobreviver”. Eu acho muito triste. **O aspecto político quebrou muitas coisas culturais, pessoais.***

Antigamente, a Venezuela era muito conhecida por um jeito pessoal... mas aos poucos foi se perdendo, porque a situação política pode acabar com todo o resto. Não tendo segurança, as pessoas vão querer roubar. E isso não justifica, mas... sobrevivendo lá, muitas pessoas acabam roubando, matando, porque não têm condições. Ou se vendem para o governo.

Acontece de alguém ver uma pessoa falando mal do governo e, daí, ela liga, contando o que essa pessoa está fazendo, e a outra pessoa vai presa. Então, a pessoa tem que se corromper para viver, para sobreviver no ecossistema que tem lá. Quando você sai da Venezuela, é muito diferente.

Quando eu saí da Venezuela, o meu país principal não era o Brasil. Eu tinha vontade de ir para a Alemanha. Mas conseguir qualquer tipo de documentação na Venezuela é ilegal. Eu não posso pedir minha certidão de nascimento; não existe um lugar onde você possa ir pedir o seu documento. E muitas vezes eles te cobram um valor que é impossível de pagar.

Aqui no Brasil, eles nem cobraram documento. Eles pediram a sua identidade e, a partir disso, consegui fazer toda a sua documentação. E eu fico muito feliz que não deu certo na Alemanha, porque deu muito certo aqui no Brasil. Eu prefiro morar aqui no Brasil e viajar para fora.

*É irônico. Eu **não me sinto parte daqui**, mas eu também não me imagino fora. Posso dizer que eu sou feliz aqui. Independente de qualquer situação, ficar aqui faz parte da minha história, faz parte de mim. Sou uma imigrante brasileira.*

Veio eu e a minha mãe para o Brasil. Um ano depois, veio meu irmão, e no outro ano, meu irmão mais novo. A minha mãe se chama Maria.

Quando eu era mais pequena, o meu pai sempre apoiou o governo da Venezuela. Então, enquanto criança, eu não conseguia ter o discernimento das coisas; você seguia o que seus pais falavam. Eu acho que eu tive mais conhecimento da parte política e econômica com uns 15 anos, que eu já não estava tanto com meu pai e conseguia ter noção das coisas, do que acontecia.

Em 2017, foi uma época muito crítica para a Venezuela. Não havia comida, literalmente. Nos mercados, as prateleiras estavam vazias. Eu me lembro que nessa época eu só comia sardinha, peixe... e eu odeio peixe. Hoje em dia eu não consigo nem sentir o cheiro, é muito ruim. E tomava café. Era atum ou sardinha e café no café da manhã, no almoço e na janta. Sempre isso.

Tinha vezes que eu sentia tanta raiva disso que eu ficava o dia inteiro sem comer. Perdi a vontade de comer.

*Eu também percebi que outras coisas estavam ruins, como por exemplo a **educação**. Graças a Deus a minha mãe sempre pagou para nós escolas particulares, mas existe uma grande diferença nas escolas públicas. É um negócio que não dá para acreditar que as pessoas, adolescentes, estavam no ensino médio. Muitas pessoas falavam que eu tinha uma vida de rico lá, mas é porque a minha mãe cuidou muito dessa parte.*

Eu faço estágio na escola Fermino Ferronato em Caxias e conheço muitos adolescentes venezuelanos que vejo as mesmas características de lá, aqui. Muitos não querem aprender português. Ninguém aqui é obrigado a nos entender, mas eu sinto que meu trabalho como professora aqui é ajudar esses venezuelanos. Eu enfatizo para eles que os brasileiros não são obrigados a nos entender, porque estamos no Brasil, a língua é o português. A obrigação mínima é falar o português.

Ninguém é obrigado a te respeitar, deveria ser, mas não existe isso. Tu precisa se posicionar. Tu não pode ficar só na “esfera Venezuela”, senão tu não vai crescer. Eu vejo esses adolescentes que ficam só com venezuelanos, que não falam português. Tanto que aqui são considerados analfabetos, pois não conseguem se comunicar e entender.

Eu pergunto quantos anos eles estão no Brasil. Meninos de 15 anos respondem que estão aqui faz sete anos e não entendem português. Isso não tem como. É uma coisa mental, se bloqueia a não querer aprender.

É uma situação mental muito conformista. Tu saiu de um país para poder crescer, não só para os outros, mas para ti, o teu potencial. O mínimo que tu pode fazer é falar português. Tu quer se formar, quer trabalhar, precisa se comunicar.

Aqui no Brasil tem espaço para os sonhos, ser a pessoa que tu quer ser. Mas eu vejo que eles chegam aqui e se acomodam. E de um jeito e de outro, isso me dá agonia. Muita agonia.

Na Venezuela, morei sempre em Maturin. Lá era muito bom. Nós morávamos em um condomínio. Nós éramos todos amigos. Por exemplo: no sábado, nós íamos um na casa do outro às 8:00 da manhã para sair, brincar o dia todo com terra, tinha um mato atrás de casa, brincava com os bichos, subia em cima das árvores. Comia manga. Tinha árvores de manga lá por tudo que é canto. Roubando manga do vizinho... ele sabia o que nós estávamos pegando, mas se fazia de louco. (Risos). Saíamos tocando os timbres (campainhas) e saindo correndo, mas todo mundo sabia que era a gente.

Tinha dias que andava numa bicicleta, se perdia, depois tinha que voltar... Para nós, nunca fez falta o computador e o celular. Mesmo tendo, nunca fez falta. Tendo uma bola, tudo virava beisebol. Jogávamos rúgbi, tudo forçado, mas brincávamos muito. Jogando futebol americano no concreto, e se nos machucássemos, estava tudo bem, acontecia. Era muito inocente.

Todas as noites, na frente da minha casa, era uma roda de conversa. E conversávamos muito, e vinha outras pessoas de outras ruas para integrar o assunto. Era sempre assim, até que dava meia-noite e a nossa mãe nos mandava para casa. Mas nunca faltava assunto.

Eu também lembro muito bem das noites de karaokê. Íamos para minha casa, era todo mundo cantando. Era muito divertido. Eu sinto muita falta disso, dos meus amigos da Venezuela. Mas às vezes eu tenho medo de voltar e não ser a mesma experiência para mim. Então, às vezes eu prefiro que isso seja apenas como uma boa lembrança.

Uma comida que eu sinto falta é a cachapa. É como uma torta, uma broa de milho. Lá na Venezuela tem muitos tipos de queijo. Daí nessa receita ia o queijo de mão, que a gente chama, ou queijo de porco. E para fechar, um suquinho de goiaba. É uma das coisas que eu mais sinto falta. Eu sinto que se eu voltar, vai ser só para comer isso.

Uma coisa que eu achei muito estranho aqui é misturar arroz com massa. Eu não consigo comer, é muito estranho. Uma coisa que eu experimentei aqui e gostei é polenta. Polenta frita eu gosto muito, acho que eu não conseguiria viver sem isso.

Outra coisa é tapioca. São coisas que eu nunca havia comido. A famosa maionese brasileira é muito boa também.

Para mim, a arepa é o pão de cada dia. Pode ser o almoço, a janta, o café. Igual a uma cuca para vocês.

A época mais triste da Venezuela foi 2015 e 2016. Não existia nem Harina PAN. O meu irmão, muitas vezes, comia margarina sozinho. Foi uma época muito frustrante, porque eu nunca gostei de peixe e a única coisa que eu podia comer era sardinha. Mas quando se come a mesma comida todos os dias, chega um momento que tu nem consegue olhar para ela. Muitas vezes eu preferia ficar o dia inteiro sem comer, porque eu não conseguia mais passar por isso.

Normalmente, era uma fila de dois dias para você conseguir um pão. Eu lembro que tu ia por final de número de identidade. Era fiscalizado, duas unidades por pessoa. E mesmo fazendo a fila, não te garantia que tu ia conseguir o produto. É uma época que eu nem gosto de lembrar. Hoje, quando é desperdiçada uma comida, eu peço perdão a Deus. Porque hoje, se sinto fome, eu posso ir comer no McDonald's, posso pedir um iFood.

*O que mais me surpreendeu quando cheguei em Caxias do Sul foi a **temperatura**. Eu não gosto de frio. Quando eu morava na Venezuela, eu não gostava de calor, mas agora eu percebi que eu não gosto de frio, e prefiro o calor.*

Lembro de caminhar a cidade toda em Maturin porque ela era plana. E aqui os meus joelhos não dão para isso, é muito morro. Também senti a diferença no transporte público. Lá na Venezuela não tem isso, você precisa correr atrás de um ônibus. É como matar uns quatro leões no dia. Aqui, em comparação, é muito bom. Já o supermercado foi como parte do plano turístico. Para nós, venezuelanos, você vê tantas coisas diferentes... Acho que essa época de 2015 a 2016 foi tão traumática que uma parte importante é poder entrar no mercado e ver as prateleiras, ver como é que é. Ver os 'auto-caixas'. São coisas que me impactaram.

Aqui, quando eu cheguei, eu quis entrar na faculdade, eu consegui. Consegui comprar o meu notebook. Aqui, trabalhando, você consegue adquirir coisas. E embora pareça tão normal, para mim foi um choque eu conseguir ter um salário e comprar minhas coisas.

*Para mim, quando eu cheguei em Caxias, foi bem difícil a **questão cultural**. Quando eu cheguei em Caxias, eu não gostei. Na verdade, eu sempre pensei em me mudar de cidade, mas agora eu aprendi a ver com outros olhos, me adaptar.*

*Mas no começo, não. Quando eu cheguei aqui, não havia tantos venezuelanos quanto tem agora, então eu sofri **muito preconceito**. Tanto com a gerente com que eu trabalhava num café... quando eu consegui comprar um celular, ela sempre brincava que eu tinha conseguido "fazendo outras coisas". **Nunca era trabalhando**. "Ah, mulher venezuelana é assim, gosta de roubar o marido das outras, gosta de se vender". Eu sofria muito disso.*

Uma vez fui atender uma mesa e a mulher disse: "Eu não quero ser atendida por você. Quero que outra pessoa me atenda. Não quero que você atenda o meu marido".

Muitas vezes os homens queriam se insinuar, me falando: "Eu posso te pagar muito melhor do que você ganha aqui, mas eu preciso dos teus carinhos". Era muito chato. Tinha noite que eu queria voltar para Venezuela, embora a situação lá... eu não queria estar aqui.

***Eu trabalhava muito mais do que os outros, mas eu ganhava menos.** O meu salário era sempre o que atrasava, era o único que não podia vir completo. Como eu não tinha carteira assinada, me davam apenas intervalos de 15 minutos,*

enquanto eu via que todo mundo fazia uma hora de intervalo. E eu trabalhava 12 horas por dia. A justificativa deles era que eu precisava aprender as coisas. Para eu ter direito ao vale-alimentação, passou seis meses.

No começo, a língua também foi uma barreira. A minha mãe sempre trabalhou no turno da noite e me dizia: **“Filha, tem cuidado. Além de tu ser mulher e nova, tu é estrangeira também”**. (Falando chorando)

Lembrar desse começo é meio ruim. E chega até ser pesado pensar quanta coisa poderia te acontecer por tu ser estrangeira.

No começo eu não entendia por que as pessoas não gostavam de mim. Eu só tomei consciência disso, maldade e preconceito, quando eu passei por essas circunstâncias aqui no Brasil. Era muito ruim. Não só como mulher, mas **saber que tudo isso acontecia porque eu não era daqui**.

Mas eu acabei conhecendo pessoas que não eram de Caxias, mas eram do Brasil, e me contaram que eles também sofriam preconceitos, principalmente com as pessoas que vinham do Norte. E foi quando eu entendi que não é minha culpa. Eles têm problemas com eles, não comigo.

Uma vez teve um cliente que se grudou em mim desde que me conheceu, que atendi ele no café. Ele falava: “Venezuelano é burro, não sabe nada”. Eu atendi ele no caixa. Ele falou: “Tu sabe o que é crédito na tua merda de país? Tu sabe como mexer no computador? Tu sabe falar direito?”

Aí eu acho que eu me irritei tanto que eu falei: “Eu aprendi uma palavra nova em português, e talvez tu possa me ajudar a entender o que significa. Se falava vai tomar no seu cu. Tu entendeu o que significa?”

Daí ele respondeu: “Nossa, como vocês são burros”.

E daí eu complementei: “Tu acha que eu não conheço meus direitos? Você está muito errado. Mas vou te falar uma coisa: ainda bem que eu sei falar o português suficiente para falar que você está sendo preconceituoso comigo, e isso tem pena na lei”.

Ele disse (irritado): “Ah, eu vou te processar, vou ir no SAC”.

Aí eu falei: “Eu posso te acompanhar. Vamos juntos”.

Nunca mais voltou.

Eu sei que eu agi errada, mas eu estava muito frustrada já. Mas depois eu aprendi a relevar as coisas. E eu acho que quando eu aprendi a relevar, eu consegui conhecer pessoas boas. Foi aí que eu comecei a gostar do Brasil.

Mas ainda hoje, em qualquer lugar que eu for, uma vez por dia eu sofro preconceito. Em algumas empresas que eu já trabalhei, tinha pessoas que me falavam: “Você tem que estar agradecida que nós damos trabalho para gente como você”.

E eu sempre rebati: “Como assim pessoas como ela? Tipo como? Estrangeira?”

Eu rebatia, e depois eles não queriam mais falar. E depois eles desistiram.

As pessoas aqui achavam que... elas nem percebiam o preconceito. Até pouco tempo eu tinha uma colega de trabalho que me falava que eu tinha muito sotaque para o tempo que estou em Caxias.

Mas quem disse que eu quero perder o meu sotaque? Eu não preciso perder. Eu não tenho que ser brasileira, eu sou venezuelana. Mas eu amo essa parte minha brasileira. Talvez ela não seja 100%, mas estou aqui, respeito as leis, luto por este país. Porque, acima de tudo, ele abriu as portas para mim.

Não vou dizer que o caminhar é fácil, porque de um jeito ou de outro você sabe que é imigrante aqui. Mas também viver aqui te faz perceber que você não vai mais pertencer ao país de origem, à Venezuela.

É um sentimento duplo. É um sentimento que você precisa ser imigrante para saber. Eu ainda me considero venezuelana, sem dúvidas, e falo com muito orgulho: eu sou venezuelana, eu falo espanhol e eu gosto.

As pessoas aqui são muito **mais fechadas** ao toque, ao elogio. Tanto que, quando eu conheci o meu namorado, era muito estranho, porque ele era muito fechado, e eu sempre falava muito. Eu sempre fui assim, nunca foi estranho para mim. Eu já queria chegar assim, chegar falando, tocando. Então eu demorei para me acostumar.

E quando eu vejo outros venezuelanos juntos, eu percebo que a gente é muito do toque, da brincadeira. E nós não estamos errados. Mas temos que ter noção das coisas, porque nós não estamos mais na Venezuela. Temos que respeitar a cultura daqui. Se você sabe que uma cultura não gosta do toque, o teu toque não vai fazer ela mudar, porque isso pode acabar te trazendo um problema.

Eu não entendia esse tipo de coisa no começo, mas agora eu consigo entender que são culturas diferentes. O toque para vocês é mais para um relacionamento próximo, seja amigos ou relacionamento amoroso. Para nós, não. Para nós, 'mi amor' é todo mundo. Quem está colocando gasolina no carro ou a atendente: 'oi princesa', 'oi bonita', 'oi magrinha', 'oi gordinha'.

Para nós não tem muito isso. Tem um negro? Nós vamos chamar de negro: 'oi, negro'. E para nós sempre foi normal. Aqui eu não posso chegar em alguém e falar 'oi gordinha'. Não é a mesma coisa. Para nós pode ser um apelido carinhoso, que lá nós somos muito de apelidos. Aqui não. Aqui pode dar alguma diferença. E não está errado. Não é que existe uma coisa errada com vocês, apenas as culturas são assim.

Todo mundo fala que eu sou uma pessoa extrovertida. Mas eu posso ser muito mais extrovertida do que as pessoas costumam imaginar. Antigamente, quando eu via alguém na rua e gostava dela, a gente conversava. Mas aqui em Caxias eu não posso ser assim. Eu preciso ter um controle das coisas que eu falo e das coisas que eu faço.

Eu sempre fui uma pessoa muito carinhosa, e eu não posso ser assim aqui, até porque pode ser mal interpretado. Para nós na Venezuela tudo é carinho, não existe maldade. Tanto que meus amigos sempre ficavam em cima de mim, toda hora abraçando. Mas aqui não. Aqui tu precisa ter uma postura diferente, um caráter diferente, porque tem pessoas que chegam com muita malícia, especialmente pela parte financeira, querem se aproveitar disso.

Porque, se eu demonstrasse ser uma pessoa muito mais aberta, as pessoas poderiam me rotular como "fácil", ou que eu tenho segundas intenções. E como eles já têm uma visão de mulher venezuelana, você precisa manter uma postura para não te trazer problemas futuramente. Lembrando daquela vez que a mulher disse que não queria que eu atendesse o marido dela... eu já entendi que tem coisa que eu não poderia fazer aqui.

Agora estou fazendo faculdade de Letras, Português/Inglês. O português porque eu gostaria de dar aula para imigrantes. As pessoas me elogiam, dizem que eu falo bem. Só que daí, quando eu falo que estudo Letras, eles me "desvalidam", justificam isso pelo fato de eu estudar, como se eu não tivesse a capacidade de aprender rápido. Eu quero ter uma escola que eu possa ensinar português para os imigrantes. Porque tu não tem escola de português aqui. Então, quem melhor do que

um estrangeiro para te ensinar? Que vai te acolher, vai saber os pontos que tu precisa saber mais rápido. Não a gramática, mas a fala.

*E esse é meu objetivo. Quero ter um lugar em que o imigrante possa aprender, para não ter uma desculpa de “não ter onde ir”. Algum lugar que o imigrante possa tirar dúvidas. **Porque eu senti muita falta disso, alguém para me ensinar.***

Se eu pudesse dar um conselho para um venezuelano, eu diria: foca no português e em conseguir seus documentos. As pessoas vão te levar a sério se tu falar português. Em situações que eu estou triste, frustrada ou muito feliz, eu vou falar em espanhol. Quando são sentimentos muito fortes, eu perco a linha do português. Especialmente quando estou brava. Eu não sei mais falar o espanhol 100%. Quando eu cheguei, eu me encontrava na poesia. Agora não tenho escrito mais tanto, mas sinto que são partes minhas.”

[...]Então, mais do que venezuelana ou brasileira, eu sinto que essa é a Isabel.

Se a minha vida fosse um livro, o título que eu daria seria: Duas Eus.

Porque sinto que não tem como me definir. Sinto que, dependendo do momento, da fala, não vou ser a Isabel brasileira ou a Isabel venezuelana. Agora é Duas Eus. Mas com meu namorado, às vezes é só a Isabel brasileira. Com minha família, é a Isabel venezuelana. Tem momentos que sou duas eus e momentos que sou apenas uma versão de mim.

5.6.2 QUADRO SÍNTESE: ISABEL FREITEZ AZÓCAR

O quadro a seguir (Quadro 13 - Isabel Freitez Azócar) sintetiza a fala e a trajetória do imigrante. A estrutura segue as perguntas (definidas como Temas), alinhando o Depoimento do participante a um Ponto-Chave que resume a ideia central de cada trecho.

Quadro 13 - Isabel Freitez Azócar

Tema	Depoimento	Pontos-chave
<i>Descreva o lugar onde nasceu e as experiências da infância.</i>	“Tinha muitas amizades, a gente combinava de sair. Tentávamos que a situação política e econômica influenciasse tanto no nosso dia a dia.”	Amizades
	“Morei sempre em Maturín. Morávamos em um condomínio. No sábado, nós íamos um na casa do outro às 8h da manhã para sair e brincar o dia todo na terra. Havia um mato atrás de casa, onde eu brincava com os bichos e subia nas árvores para pegar manga.”	Brincadeiras

	“Saíamos tocando os <i>timbres</i> (cainhas) e correndo, mas todo mundo sabia que era a gente. Tinha dias em que eu andava de bicicleta, me perdia e depois tinha que voltar. Tendo uma bola, tudo virava beisebol. Jogávamos rúgbi, tudo forçado, mas brincávamos muito, até futebol americano no concreto.”	Travessuras
<i>Por que motivos tu decidiste vir para o Brasil?</i>	“É uma exploração total, não tem nem como explicar. A situação de trabalho lá é humilhante, é triste para tu sobreviver.” “A educação se perdeu há muito tempo.” “Há muito silêncio nas redes sociais. As notícias não falam dos presos. Evita-se falar no WhatsApp, porque é vigiado. É uma situação bem crítica, e esse foi um dos motivos principais.” Mas eu posso dizer que o Brasil é o país com mais facilidade em relação à imigração. Realmente, a parte imigratória daqui é muito boa, é muito aberta. Lá na Venezuela tu não tinha escolha, mas aqui tu tem uma oportunidade de recomeçar.” “Eu me lembro que, nessa época, eu só comia sardinha, peixe, e eu odeio peixe. Hoje em dia eu não consigo nem sentir o cheiro. Era muito ruim. E tomava café. Era atum e café no café da manhã, no almoço e na janta.”	Exploração Declínio da educação Medo; Censura Facilidade (imigração) Escassez
<i>Como tu percebes Caxias do Sul? Como é viver aqui sendo imigrante?</i>	“Eu percebi que aqui as pessoas eram muito fechadas. Elas não gostam de dar carinho, não gostam do contato.” “Eu ganhava menos do que os outros e trabalhava mais horas, e o meu intervalo era muito menor.” “As pessoas não têm paciência na hora de falar, pois eu lembro que eu entendia, mas não conseguia falar, e	Falta de Receptividade Exploração Preconceito

	muitas vezes isso me deixava em situações desconfortáveis. No começo eu senti um pouco mais de preconceito, foi bem difícil.” “Aqui em Caxias do Sul eu tenho um conforto: poder andar, usar meu celular, usar um colar, usar uma bolsa. Lá na Venezuela não existia isso.” “As pessoas falam que eu me expresso muito bem, mas que deveria melhorar o meu sotaque. A verdade é que eu não quero melhorar o meu sotaque. Eu não sou daqui e não tenho interesse em trocar o meu sotaque.” “Muitas pessoas, inclusive o meu gerente, acreditavam que os estrangeiros vieram para cá para roubar o trabalho do brasileiro. “ “Caxias, principalmente, é uma cidade de trabalho, uma cidade industrial.” “Mas a temperatura, o frio foi o que mais me surpreendeu.” “Quando eu cheguei aqui, quis entrar na faculdade. Consegui. Consegui comprar o meu notebook. Aqui, trabalhando, você consegue adquirir coisas.”	Segurança Sotaque Estereótipo Foco na Indústria Frio Oportunidade
Se a tua vida fosse um livro, qual seria o título?	“Duas Eus”	Não aplicável

5.7 QUADROS COMPARATIVOS:

Para finalizar o capítulo e permitir uma análise transversal das narrativas, os quadros a seguir (Quadros 14 a 17) consolidam as falas de todos os entrevistados. O objetivo é criar um painel comparativo, colocando as respostas lado a lado.

Essa visualização conjunta facilita a identificação de padrões, convergências e singularidades nas experiências do grupo. Os quadros estão organizados pelas principais perguntas norteadoras que estruturaram as com-versações.

Quadro 14 - Quadro comparativo: Descreva o lugar onde nasceu e as experiências da infância.

Jhonalbert [Venezuela]	Enrique [Uruguai]	Daniel [Colômbia]	Omar [Argentina]	Isabel [Venezuela]
Receptividade; Poder Aquisitivo; Viagens; Escassez.	Ditadura; Cooperativa; Censura; Formação cultural; Biblioteca (comunitária).	Amorosidade; Religião; Apanhava; Brincadeiras; Morte do pai; Vida descontrolada; Luto.	Salões de Beleza; Vizinhos; Rio Paraná; Brincadeiras na rua; Aprontava; Memória escolar.	Amizades; Brincadeiras; Travessuras.

Quadro 15 - Quadro comparativo: Por que motivos tu decidiste vir para o Brasil?

Jhonalbert [Venezuela]	Enrique [Uruguai]	Daniel [Colômbia]	Omar [Argentina]	Isabel [Venezuela]
Crise política; Sobrevivência.	Exílio; Expectativas políticas; Desilusão; Melhoria de vida.	Intercâmbio; Viagem; Aventura.	Passar o verão; Guerra das Malvinas; Democracia turbulenta; Famíliares no país.	Exploração; Declínio da educação; Medo; Censura; Facilidade (imigração); Escassez.

Quadro 16 - Quadro comparativo: Como tu percebes Caxias do Sul? Como é viver aqui sendo imigrante?

Jhonalbert [Venezuela]	Enrique [Uruguai]	Daniel [Colômbia]	Omar [Argentina]	Isabel [Venezuela]
Frio; Solidão; Barreiras culturais; Separação social; Desconexão cultural; Falta	Sotaque; Falta de receptividade; Foco na indústria; “Cidade da fé e do	Serração; Frio; Amizades; Xenofobia; Preconceito; Família; Oportunidade; Natureza.	Vida tranquila; Clientes maravilhosas; Imigração Italiana; Xenofobia; Mercado	Falta de receptividade; Exploração; Preconceito; Segurança; Sotaque; Estereótipo;

de convivência.	trabalho.”; Falta de debate; Estereótipos; Sobrevivência.		conservador; Frio; Adaptação rápida Falta de Cultura; Preconceito.	Foco na Indústria; Frio; Oportunidade.
-----------------	--	--	--	--

Quadro 17 - Quadro comparativo: Se a tua vida fosse um livro, qual seria o título?

Jhonalbert [Venezuela]	Enrique [Uruguai]	Daniel [Colômbia]	Omar [Argentina]	Isabel [Venezuela]
“Sobre o ser: saiba ser”	“Destes caminhos que te mostrei: ande pelo o seu”	“Ninguém nunca tinha me feito essa pergunta, e uma frase só, é muito pouco.”	“O mundo en mi manos”	“Duas Eus”

6 CONSIDERAÇÕES E ECOS DAS VOZES ESCUTADAS

A experiência prática desta pesquisa configurou-se como um exercício de encontro e deslocamento. Conhecer e entrevistar os imigrantes latino-americanos residentes em Caxias do Sul exigiu uma imersão em seus cotidianos, seja em cafés, em suas casas ou em suas rotinas. A adoção de uma “escuta sensível”, ética e atenciosa, revelou-se como condição fundamental para adentrar seus universos vivenciais. Foi através desse processo que se tornou possível apreender não apenas os fatos da migração, mas a complexa trama de memórias, subjetividades e afetos que constituem suas trajetórias, aprendendo com suas alegrias, crises, separações e formas de resistência.

A metodologia adotada foi pilar central para a profundidade dos resultados alcançados. As potencialidades do Jornalismo Literário Avançado (JLA), conforme proposto por Edvaldo Pereira Lima, forneceram as ferramentas necessárias para ir além do factual imediato. O JLA, compreendido como uma prática estética, ética e transformadora, viabilizou esta monografia ao oferecer recursos narrativos, como a construção de cena, a descrição sensorial e a experimentação, capazes de narrar as experiências migratórias em sua complexidade. Essa abordagem permitiu capturar subjetividades e afetos que o jornalismo convencional frequentemente negligencia, sendo essencial para histórias que exigem tempo e envolvimento.

Este trabalho constituiu-se a partir de uma trama teórico-conceitual que articulou campos complementares. A pesquisa aprofundou os fundamentos do Jornalismo Literário Avançado, explorando-o como prática de escuta sensível e interpretação humana. Este conceito foi diretamente associado à noção de ‘com-versações’, que situa a entrevista como um encontro. Tais ferramentas foram aplicadas ao tema central: as Narrativas de Vida de imigrantes latino-americanos em Caxias do Sul. Para a execução desses encontros, utilizou-se a Entrevista Narrativa, dispositivo que permite ao entrevistado organizar sua própria experiência em forma de enredo, revelando sentidos e trajetórias.

A monografia buscou responder à pergunta central: “Que universos vivenciais de imigrantes latino-americanos em Caxias do Sul emergem, quando narrados a partir de ‘com-versações’ jornalísticas com base no Jornalismo Literário Avançado?”. A pesquisa revela que os universos emergentes são complexos e multifacetados. Emergem narrativas de ruptura e reinvenção, como o choque sensorial da chegada

ao encontrar “comida em abundância” após longos períodos de escassez. Emergem também percepções ambivalentes sobre Caxias do Sul, marcada simultaneamente por sentimentos de “frio”, “solidão”, “barreiras culturais”, “xenofobia” e “preconceito”, mas também pelo reconhecimento de “oportunidades”, “segurança” e “natureza”. Acima de tudo, os universos vivenciais que emergem são histórias de resistência simbólica e reconhecimento, onde a memória e a subjetividade são centrais para a compreensão da jornada migratória, distanciando-se de dados meramente estatísticos.

Os objetivos específicos deste trabalho foram atingidos. A *Compreensão dos princípios e possibilidades do JLA aplicado às Narrativas de Vida* foi alcançada na fundamentação teórica, Capítulo 3, que discutiu o JLA como prática ética e estética baseada na escuta profunda e sua articulação com as Narrativas de Vida.

O objetivo de *Cartografar a presença e os contextos de vida de imigrantes latino-americanos na cidade* foi abordado no Capítulo 4 e materializado na análise das entrevistas. Esta cartografia revelou percepções complexas sobre a cidade, incluindo o estranhamento inicial e as barreiras de preconceito e xenofobia, assim como as redes de afeto e as oportunidades encontradas.

Ademais, o trabalho conseguiu *Realizar ‘com-versações’ com imigrantes, buscando escutar suas histórias, afetos e sentidos de pertencimento*. Este foi o eixo prático e metodológico central, afastando-se do modelo de interrogatório para promover encontros pautados na confiança e na construção narrativa.

Por fim, o objetivo de produzir perfis jornalísticos que retratem essas experiências de forma sensível passou por um ajuste na apresentação dos dados. Mantendo forte vínculo com o JLA, optou-se não pelo texto único, mas por uma combinação entre a aproximação do pesquisador e a ‘Com-versa’, preservando a fala dos personagens com mínimo tratamento. Essa estrutura, somada aos cruzamentos reflexivos dos quadros comparativos, permitiu ao Capítulo 5 retratar as experiências de forma sensível, assegurando o protagonismo dos sujeitos.

Revisitando as falas dos imigrantes latino-americanos, percebe-se que suas vivências não se encerram nos objetivos desta pesquisa; pelo contrário, elas transbordam. Em cada relato, é possível identificar inúmeras ‘brotações’ e ‘sinalizadores de pautas’, que vão desde a precarização e uberização do trabalho até os estereótipos que recaem sobre os povos hispanofalantes, passando por tensões de xenofobia e reflexões sobre a qualidade de vida e a cultura em Caxias do

Sul. Essa riqueza temática confirma a premissa de que cada pessoa é uma fonte inesgotável de pautas, oferecendo ao jornalismo infinitas possibilidades de narração.

Nesse contexto, destaca-se também a relação intrínseca entre língua e identidade. A análise das falas demonstrou que o idioma nativo e a manutenção do sotaque são vistos pelos entrevistados como elementos fundamentais de preservação de suas origens. Contudo, os relatos também apontam para a construção de uma identidade híbrida: com o passar do tempo e a imersão no cotidiano de Caxias do Sul, os imigrantes passam a articular uma dualidade cultural, integrando aspectos da vivência brasileira sem, no entanto, abandonar a referência de seus países-casa.

Esta pesquisa encerra seu ciclo, mas abre caminhos para investigações futuras. Persiste a intenção de continuar aprofundando as potencialidades do Jornalismo Literário Avançado, com foco especial na relação entre “sujeito X lugares”. Além disso, permanece o desejo de seguir investigando a narração de histórias latino-americanas no Jornalismo, ampliando as vozes e as experiências que conectam este continente, inspirando-se no amor pela pesquisa e no compromisso com o ato de narrar.

Concluir este trabalho representa mais do que a finalização de uma etapa acadêmica; é a materialização de um compromisso pessoal e ético com a escuta transformadora e com o amor pela pesquisa. Esta travessia solidificou a convicção de que o Jornalismo pode ser um espaço de encontro, cuidado e resistência. Narrar as histórias de imigrantes que, mesmo distantes de seus países e diante de tantas adversidades, carregam consigo sua história e sua alegria, foi uma profunda lição de humanidade. Este trabalho, que também é deles, marcou minha trajetória enquanto pesquisador e jornalista, reafirmando a potência de cada Narrativa de Vida.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, _____,

portador(a) do CPF nº _____,

Concordo em participar do estudo *“Cada pessoa é um livro: histórias de imigrantes latino-americanos em Caxias do Sul”*, realizado como Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul – UCS, sob orientação da Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista e conduzido pelo acadêmico Henrique Barbosa.

Minha participação consistirá em conceder uma entrevista gravada em áudio para posterior transcrição. Sei que **não receberei pagamento** e que posso desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Minha identidade poderá ser mantida em sigilo, caso eu solicite, e meus relatos serão tratados de forma ética e responsável. Em caso de dúvidas, posso contatar o pesquisador pelo e-mail: **hbarbosa@ucs.br**.

Assinatura do(a) participante:

Assinatura do pesquisador:

Caxias do Sul, ____ de _____ de 2025.

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, Isabel Freitez Azocar,

portador(a) do CPF nº 602.982.810-07,

Concordo em participar do estudo "*Cada pessoa é um livro: histórias de imigrantes latino-americanos em Caxias do Sul*", realizado como Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul – UCS, sob orientação da Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista e conduzido pelo acadêmico Henrique Barbosa.

Minha participação consistirá em conceder uma entrevista gravada em áudio para posterior transcrição. Sei que **não receberei pagamento** e que posso desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Minha identidade poderá ser mantida em sigilo, caso eu solicite, e meus relatos serão tratados de forma ética e responsável. Em caso de dúvidas, posso contatar o pesquisador pelo e-mail: **hbarbosa@ucs.br**.

Assinatura do(a) participante:

Isabel Freitez

Assinatura do pesquisador:

Henrique Barbosa

Caxias do Sul, 14 de OUTUBRO de 2025.



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, ENRIQUE LÍBER GARCÍA VELAZQUEZ,portador(a) do CPF nº 844.219.400-20,

Concordo em participar do estudo "Cada pessoa é um livro: histórias de imigrantes latino-americanos em Caxias do Sul", realizado como Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul – UCS, sob orientação da Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista e conduzido pelo acadêmico Henrique Barbosa.

Minha participação consistirá em conceder uma entrevista gravada em áudio para posterior transcrição. Sei que **não receberei pagamento** e que posso desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Minha identidade poderá ser mantida em sigilo, caso eu solicite, e meus relatos serão tratados de forma ética e responsável. Em caso de dúvidas, posso contatar o pesquisador pelo e-mail: hbarbosa@ucs.br.

Assinatura do(a) participante:

Assinatura do pesquisador:

Caxias do Sul, 21 de OUTUBRO de 2025.



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Daniel Ignacio Vargas Gomez,portador(a) do CPF nº 846.142.420 - 49,

Concordo em participar do estudo "*Cada pessoa é um livro: histórias de imigrantes latino-americanos em Caxias do Sul*", realizado como Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul – UCS, sob orientação da Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista e conduzido pelo acadêmico Henrique Barbosa.

Minha participação consistirá em conceder uma entrevista gravada em áudio para posterior transcrição. Sei que **não receberei pagamento** e que posso desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Minha identidade poderá ser mantida em sigilo, caso eu solicite, e meus relatos serão tratados de forma ética e responsável. Em caso de dúvidas, posso contatar o pesquisador pelo e-mail: **hbarbosa@ucs.br**.

Assinatura do(a) participante:

Assinatura do pesquisador:

Caxias do Sul, 3 de novembro de 2025.

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, Monalberto Enrique Ramirez Suarez,

portador(a) do CPF nº 707.279.392-54,

Concordo em participar do estudo "*Cada pessoa é um livro: histórias de imigrantes latino-americanos em Caxias do Sul*", realizado como Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul – UCS, sob orientação da Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista e conduzido pelo acadêmico Henrique Barbosa.

Minha participação consistirá em conceder uma entrevista gravada em áudio para posterior transcrição. Sei que **não receberei pagamento** e que posso desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Minha identidade poderá ser mantida em sigilo, caso eu solicite, e meus relatos serão tratados de forma ética e responsável. Em caso de dúvidas, posso contatar o pesquisador pelo e-mail: **hbarbosa@ucs.br**.

Assinatura do(a) participante:



Assinatura do pesquisador:

Henrique B.

Caxias do Sul, 23 de Outubro de 2025.

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, Omar Eduardo Vidal,

portador(a) do CPF nº 604 904 910 - 15,

Concordo em participar do estudo "*Cada pessoa é um livro: histórias de imigrantes latino-americanos em Caxias do Sul*", realizado como Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul – UCS, sob orientação da Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista e conduzido pelo acadêmico Henrique Barbosa.

Minha participação consistirá em conceder uma entrevista gravada em áudio para posterior transcrição. Sei que **não receberei pagamento** e que posso desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Minha identidade poderá ser mantida em sigilo, caso eu solicite, e meus relatos serão tratados de forma ética e responsável. Em caso de dúvidas, posso contatar o pesquisador pelo e-mail: **hbarbosa@ucs.br**.

Assinatura do(a) participante:

Assinatura do pesquisador:

Caxias do Sul, 22 de outubro de 2025.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, C.A. **O uso de narrativas biográficas em investigação: Quais valores, posturas e métodos adotar?** Revista Portuguesa de Educação, 33(2), 279-294, 2020.
- ANDRADE, Mário de. **Macunaíma, O Herói Sem Nenhum Caráter**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2016. 240 p.
- AZEVEDO C.R.F.; GOMES R. **O uso da narrativa na educação permanente em Saúde: sentidos, êxitos e limites educacionais**. Interface (Botucatu). 2019; 23: e170957.
- BAPTISTA, M. L. C. **Amorosidade, autopoiese e ‘com-versações’: a potência dos ‘entrelaços nós’ na educação e na ciência**. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 16, n. 4, p. 2358–2378, 2021b. DOI: 10.21723/riaee.v16i4.15676.
- BAPTISTA, M. L. C. **Cartografia de saberes na pesquisa em Turismo: proposições metodológicas para uma Ciência em Mutação**. Rosa dos Ventos, Caxias do Sul, v. 6, n. 3, p. 342-355, 2014.
- BAPTISTA, M. L. C.; EME, J. B. **Estratégias de ‘sobre-vivência’ metodológica na viagem investigativa para a ciência no mundo novo: Dimensão trama, cartografia dos saberes e matrizes rizomáticas**. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 18, n. 00, e023042, 2023. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.18206>.
- BAPTISTA, M. L. C. **Weave of Knowledge: Sensitive “com-versations” for the Science of the New World**. Journal of Social Sciences: Transformations & Transitions, 2022. DOI: <https://doi.org/10.52459/josstt24130422>.
- Baptista, Maria L. C. (2022). "Weave of knowledge: sensitive "COM-VERSATIONS" for the science of the New World" Journal of Social Sciences: Transformations & Transitions (JOSSTT) 2(04):13. DOI: <https://doi.org/10.52459/josstt24130422>.
- BENJAMIN, W. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BORBA, Orlando Fals. **Una sociología sentipensante para América Latina**. México: Siglo XXI Editores, 2015. 496 p.

- CAMPOS, R. C. P. R. **Pesquisa, Educação e Formação Humana: nos trilhos da história.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- CHAPARRO, Manuel. **Linguagem dos Conflitos.** Coimbra: Edições Minerva Coimbra, 2001, p.35-37.
- CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa. Escolhendo entre cinco abordagens.** São Paulo: Penso Editora LTDA, 2014.
- ERBOLATO, Mário. **Técnicas de Codificação em Jornalismo.** Petrópolis, Vozes, 1984, p.159.
- FERRARI, Maria Helena, MUNIZ, Sodré. **Técnica de reportagem:** Notas sobre a Narrativa Jornalística. São Paulo: Summus Editorial, 1986, p.125.
- GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços.** 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2002. 140 p.
- JOVCHELOVICH, S.; BAUER, M. W. **Entrevista Narrativa.** In: Bauer M. W., Gaskell G. (Org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 90-113.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Econautas - Ecologia E Jornalismo Literário Avançado.** Rio Grande do Sul: Editora Ulbra, 1996. 180 p.
- LIMA, Edvaldo Pereira. Histórias de vida em jornalismo literário avançado. **Comunicarte**, Campinas, n. 25, p. 93-107, 2002.
- LIMA, Edvaldo Pereira. Memória do Futuro: Jornalismo Literário Avançado no Século XXI. **Inovcom**, v. 5, n. 2, p. 68-78, 2013.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. São Paulo: Editora Manole, 2008. 486 p.
- LIRA, G. V.; CATRIB, A. M. F.; NATIONS, M. K. **A narrativa na pesquisa social em saúde: perspectiva e método.** RBPS. 2003; 16(1/2):59–66.
- LUKÁCS G. **Narrar ou descrever?** In: Konder L. (Org.). Ensaio sobre literatura. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1965.
- MARTINEZ, Monica. **Jornada do herói:** a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2008.
- MINAYO, M. C. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade.** Ciência & Saúde Coletiva, 2012; 17(3):621-626.
- MUYLAERT, C. J. et al. **Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa.** Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 48, n. spe2, p. 184-189, 2014.

OLINTO, Antonio. **Jornalismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Ed. De Ouro, 1968.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2005.